

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA

DAISON FERMINO DE SÁ

**A CULTURA DO ENCONTRO NA PERSPECTIVA DOS ENCONTROS DE FRANCISCO DE  
ASSIS**

Porto Alegre  
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA

DAISON FERMINO DE SÁ

**A CULTURA DO ENCONTRO NA PERSPECTIVA DOS  
ENCONTROS DE FRANCISCO DE ASSIS**

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

**PORTO ALEGRE**

**2021**

## Ficha Catalográfica

D278c de Sá, Daison Fermino

A cultura do encontro na perspectiva dos encontros de Francisco de Assis / Daison Fermino de Sá. – 2021.

119.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin.

1. Encontro. 2. Francisco de Assis. 3. Cultura do Encontro. I. Brustolin, Leomar Antônio. II. Título.

DAISON FERMINO DE SÁ

A CULTURA DO ENCONTRO NA PERSPECTIVA DOS  
ENCONTROS DE FRANCISCO DE ASSIS

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia, na Área de Concentração em Teologia Sistemática, pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Dom Leomar Antônio Brustolin.

PORTO ALEGRE

2021

DAISON FERMINO DE SÁ

**A CULTURA DO ENCONTRO NA PERSPECTIVA DOS ENCONTROS  
DE FRANCISCO DE ASSIS**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia, na Área de Concentração em Teologia Sistemática, pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin (Orientador)

---

Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo – PUCRS

---

Prof. Dr. Vicente Artuso – PUCPR

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por ter concedido a graça da realização deste singelo trabalho. Aos meus familiares que na distância não deixaram de dar o apoio e incentivo.

De maneira especial, agradeço aos Freis Capuchinhos da Província Rio Grande do Sul, que me possibilitaram este período de formação e confiaram na minha capacidade e realização deste ofício. Aos meus irmãos da Fraternidade Santo Operário, Canoas (RS), que na convivência demonstraram preocupação e apoio para o desenvolvimento do mesmo, onde nas dificuldades encontradas tiveram a sensibilidade de compreender a presente situação, muito agradecido a cada um e a todos outros irmãos que estiveram presentes no processo da construção desta pesquisa.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Teologia, que ao longo deste período, fizemos caminhada, damos passos para cada um poder buscar os seus ideais.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Dom Leomar Brustolin, que atencioso e incansavelmente se dedicou para juntos construirmos este trabalho da melhor maneira possível.

São muitas as pessoas que contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado. E sintam essas pessoas, que por meio dos bastidores estiveram presentes, muito agradecidos.

*“A vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”.*

**(Vinícius de Moraes)**

*“Contanto que nesse estudo não extingam o espírito da santa oração e da devoção, segundo está escrito na Regra”.*

**(Escritos de São Francisco de Assis – Carta à Santo Antônio de Pádua).**

## RESUMO

A presente dissertação, cujo título é “A cultura do encontro na perspectiva dos encontros de Francisco de Assis”, tem como objetivo perceber nos encontros de Francisco de Assis uma proposta de vida para uma cultura do encontro. O tema é discorrido a partir da problemática de como compreender o processo do santo de Assis para encontrar-se consigo mesmo e como desde as suas experiências de encontros, com tantas outras pessoas e com próprio Cristo, conseguiu provocar em outras pessoas e continua a provocar nos dias de hoje, uma procura autêntica pelo encontro com tantos outros, em particular os excluídos e abandonados da sociedade. O método deste trabalho é analítico sintético, isto é, se analisará alguns relatos do santo de Assis, a partir de estudiosos franciscanos que refletem sobre a antropologia teológica franciscana, e ao mesmo tempo se percorrerá pelas narrativas sob o viés do encontro para assim apresentar uma proposta da cultura do encontro. A pesquisa é desenvolvida a partir das dimensões do “escutar”, “discernir” e “propor”. É possível notar que Francisco de Assis, foi um homem que no seu tempo apresentou uma nova proposta de vida, responsável por transformar um contexto social, com um olhar voltado para o Evangelho que repercute na vida das pessoas, sobretudo, naqueles que por vezes são colocadas as margens da sociedade, “os leprosos”. E hoje, não muito diferentes há muitos que são descartados e que merecem atenção e cuidado, para que haja vida e vida em abundância, e o encontro é imprescindível para sentir a dor e a alegria do outro.

**Palavras-chave:** Encontro. Francisco de Assis. Cultura do Encontro.



## ABSTRACT

The present dissertation, whose title is “The culture of the encounter in the perspective of the meetings of Francis of Assisi”, aims to perceive in the meetings of Francis of Assisi a life proposal for a culture of the encounter. The theme is discussed based on the problem of how to understand the process of the saint of Assisi to find himself and how, since his experiences of encounters, with so many other people and with Christ himself, he managed to provoke in other people and continues to provoke nowadays, an authentic search for the encounter with so many others, in particular those excluded and abandoned from society. The method of this work is synthetic analytical, that is, it will analyse some reports of the saint of Assisi, from Franciscan scholars who reflect on Franciscan theological anthropology, and at the same time, it will go through the narratives under the bias of the encounter to present a proposal of the meeting culture. The research is developed from the dimensions of “listening”, “discerning” and “proposing”. It is possible to notice that Francis of Assisi, was a man who in his time presented a new life proposal, responsible for transforming a social context, with a look turned to the Gospel that has repercussions on the lives of people, especially those who are sometimes placed the margins of society, “the lepers”. And today, not quite different, there are many who are discarded and who deserve attention and care, so that there is life and life in abundance, and the meeting is essential to feel the pain and joy of the other.

**Keywords:** Encounter. Francis of Assisi. Culture of the Encounter.

## ABREVIATURAS

FFC = Fontes Franciscanas e Clarianas

### **Escritos de São Francisco**

Ad = Admoestações

1Cl = Carta aos Clérigos (1ª Recensão)

2Cl = Carta aos Clérigos (2ª Recensão)

Cnt = Cântico do Irmão Sol

1Fi = Carta aos Fieis (1ª Recensão)

2Fi = Carta aos Fieis (2ª Recensão)

Gv = Carta aos Governantes

Mn = Carta a um Ministro

OC = Oração diante do Crucifixo

Ord = Carta a toda a Ordem

PA = Perfeita Alegria

RB = Regra Bulada

RnB = Regra não Bulada

Test = Testamento

### **Biografias de São Francisco**

Al = Aliança Sagrada (*Sacrum Commercium*)

AP = Anônimo Perusino

CA = Compilação de Assis

1Cel = Primeira Vida, de Tomás de Celano

2Cel = Segunda Vida, de Tomás de Celano

1 EP = Espelho da Perfeição (menor)

2 EP = Espelho da Perfeição (maior)

Fior = I Fioretti

LM = Legenda Maior, de São Boaventura

LTC = Legenda dos Três Companheiros

### **Documentos do Papa Francisco**

EG = *Evangelli Gaudium*

CR = *Christus Vivit*

GE = *Gaudete et Exsultate*

FT = *Fratelli Tutti*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 SÃO FRANCISCO DE ASSIS: O HOMEM DO ENCONTRO</b> .....	17
1.1 ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS .....	19
1.1.1 A experiência da fragilidade .....	19
1.1.2 O desencontro com o pai e o despojamento .....	22
1.1.3 Encontro com o leproso .....	24
1.2 O ENCONTRO COM CRISTO NO CRUCIFIXO E NO EVANGELHO .....	29
1.2.1 O crucifixo de São Damião .....	30
1.2.2 O encontro com o Evangelho .....	35
1.3 DO ENCONTRO COM O OUTRO AO “GRANDE OUTRO” .....	39
1.3.1 Encontro com os primeiros companheiros irmãos .....	39
1.3.2 O encontro com o Sultão .....	43
1.3.3 Encontro com as criaturas e a finitude .....	47
<b>2 FRANCISCO SE ENCONTRA EM SEUS ENCONTROS</b> .....	51
2.1 O IRMÃO DO LEPROSO .....	54
2.1.1 Irmão desapropriado .....	55
2.1.2 Irmão do pobre, do excluído, do diferente .....	57
2.2 ENCONTRAR-SE NA <i>KÉNÔSIS</i> DE CRISTO .....	62
2.2.1 O Cristo pobre expressão do ser menor .....	64
2.2.2 A <i>kénôsis</i> de Cristo .....	69
2.3 O IRMÃO UNIVERSAL E ESCATOLÓGICO .....	72
2.3.1 A fraternidade como inspiração evangélica .....	73
2.3.2 Encontrar o perdão .....	78
2.3.3 O encontro com a irmã morte .....	82
<b>3 A CULTURA DO ENCONTRO NO OLHAR FRANCISCANO</b> .....	86
3.1 A CONCEPÇÃO DE ALTERIDADE .....	87
3.2 A CULTURA DO ENCONTRO NA PERSPECTIVA FRANCISCANA .....	93
3.3 A CULTURA DO ENCONTRO NA PERSPECTIVA DE OUTRO FRANCISCO ...	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	110
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	113

## INTRODUÇÃO

A vida é feita de encontros e desencontros. A constituição do que o ser humano é, parte desta dimensão da vida. Os relacionamentos que se formam, as experiências realizadas vão concretizando na vida de cada pessoa, o seu jeito de ser e agir. Nesta presente pesquisa se procurará ter um olhar especial para um personagem da história que soube vivenciar em sua vida diversos encontros e nestes encontros descobriu sobre si, sobretudo a partir do encontro com os outros, com mundo cosmológico e de modo especial com Deus.

Um personagem que causa admiração há mais de oitocentos anos, Francisco de Assis, o fundador de um carisma religioso do século XII, justamente pelo seu estilo de vida. Além de ser um modelo de santidade na Igreja, é modelo de relações humanas, de encontros para a sociedade, pelo seu jeito simples e humilde de agir.

O ano de 1206 é considerado central no processo de sua conversão, pois a partir deste momento passa por experiências, como encontro com o leproso, com o crucificado, com o evangelho e até mesmo com a chegada dos primeiros companheiros para se somar ao projeto de vida idealizado. E no meio de tudo isto acontece também o despojamento diante do bispo Guido II, o abandono da casa paterna, o isolamento em uma gruta, a prestação de serviço no cuidado dos leprosos, veste habito de eremita e inicia a restauração da igreja de São Damião.

Estes são os momentos iniciais da vida desta figura que marcou a história, não só da Igreja bem como da sociedade da sua época e é tão latente nos dias atuais. Contudo, houve outras marcas de encontros e desencontros na sua história e estórias que narram sobre ele. Cita-se alguns encontros que merecem destaques: com o sultão Melek-al-Kamel, encontros com as criaturas, expressão do Cântico do Irmão Sol, inclusive com a “irmã Morte”, mas também encontro com o lobo de Gúbio, uma das estórias que demonstra o estilo de vida adotado pelo santo de Assis.

Foram encontros importantes da vida do santo de Assis, tanto que alguns desses encontros, ele deixa como legado em seu testamento. Esta foi a marca decisiva no processo da conversão, quando cita a experiência do encontro com o leproso: “E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo; e depois, demorei só um pouco e saí do mundo” (Test 3). Desta forma é perceptível que os encontros relatam um nível de importância que apresenta consequência para a vida de Francisco e não só, também, das outras pessoas e realidades que passam a ganhar um novo sentido e significado.

Diante de tantos encontros e desencontros vivido por Francisco de Assis, a problemática desta pesquisa consiste em compreender o processo de como este santo conseguiu encontrar-se consigo mesmo e adentrar-se dentro de uma proposta de vida ao contrário da qual sonhava em sua juventude, e como a partir de suas experiências de encontros com outras pessoas e até mesmo com Cristo, conseguiu provocar em outros e continua a provocar nos dias de hoje uma procura autêntica pelo encontro com tantos outros, em particular os excluídos e abandonados da sociedade, bem como com o Grande Outro, o Deus da vida.

Sendo assim, o objetivo principal desta pesquisa é perceber nos encontros de Francisco de Assis uma proposta de vida para uma cultura do encontro. Para atingir esse objetivo geral se procurará em um primeiro momento refletir sobre os encontros de Francisco e em seguida analisar o encontro dos encontros de Francisco a partir de fundamentos antropológicos e cristológicos, pois o seguimento de Francisco é eminentemente em Cristo, e por fim apresentar desafios para uma vivência de uma cultura de encontro nos dias atuais, sobretudo a partir do Papa Francisco que tanto insiste nessa cultura e que tem seu pontificado inspirado na pessoa de Francisco de Assis, cujo seu onomástico.

Numa sociedade tão dilacerada, onde o homem pós-moderno, tem por vez perdido o sentido de sua existência, e mais, fragilizada nas relações humanas é necessário ressaltar a importância da proximidade. O outro não tem valor, não faz sentido algum a sua presença. A substituição das pessoas pelos animais, nas relações vem revelando uma falta de comprometimento e às vezes até de esperança e de credibilidade com a humanidade. E não só, as tecnologias, as redes sociais, em muitos aspectos vieram a somar para todos, no entanto, se nota que há um distanciamento social entre as pessoas, tudo está se resumindo em encontros virtuais, não sendo mais possível ter encontros humanos, onde a sensibilidade de fato, a proximidade gera humanidade. O tornar-se indiferentes às grandes dificuldades que se vê no meio social, sobretudo, com os pobres, marginalizados que em muito é fruto da falta de um autêntico encontro, de empatia, isto é, de se colocar no lugar do outro, o que por vezes ocasiona em discriminações, rechaços, preconceitos.

Nos episódios da vida do Santo de Assis é possível encontrar uma forma de resgate e de reafirmar a importância das relações humanas a partir dos encontros. Em suas experiências são narrados diversos encontros entre os quais alguns são com Cristo, com os pobres, leprosos, e levar essas relações de encontros a uma dimensão de transcendência. Nos relatos se nota que são encontros que geram consequências, tanto na vida do santo, como daqueles que se encontraram com ele. Encontros que transformam a concepção de ser humano e da necessidade de se fazer junto com e assim se constituir e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Os encontros vividos, no princípio, são desconfortáveis em alguns momentos, pois retira as pessoas da sua zona de comodismo e impulsiona para fora do comum, o leva para o estranho, o diferente, porque não se sabe o que poderá resultar a partir do confronto pessoal. Contudo, essa procura por vivenciar e cultivar os encontros entre pessoas é manter relações que emergem em si mesmos à procura por se conhecer e estar em constante avanço por relações que sejam cada vez mais humanas. E em Francisco de Assis não foi diferente a procura pelas relações através de diversos encontros e até mesmo os desencontros foram moldando o ser que ele era, bem como trazendo fortes consequências para sociedade e a Igreja do seu tempo, um novo jeito de ser e agir, que ao olhar nos dias de hoje foram muito pertinentes para que aqueles fatos fossem ocorrendo. Se destaca que há uma condição que provoca essas mudanças, esse cultivo das relações a partir dos encontros, o norte para tudo isto é o próprio Cristo, o Evangelho, experiência que foi conduzindo toda a nova proposta de vida que estava sendo abraçada.

Esta abertura de deixar-se ir ao encontro do outro e do Cristo transforma o *Poverello* de Assis em um ser humano integral. Consolida as dimensões da vida humana em sua concretude, de forma plena. Ao final de sua vida, embora tenha tido muitas divergências, conflitos na construção da descoberta de si mesmo, nas relações com outras pessoas, ele soube encontrar no Criador a verdadeira harmonia e a plenitude da vida. Teve a capacidade de realizar uma leitura das pessoas, do mundo cosmológico com o olhar do Criador. Atitudes estas que o transformaram num patrimônio histórico para humanidade, um homem da paz, um homem das relações, um homem da ecologia. Contudo destaca-se que não é possível tratá-lo meramente num reducionismo como “padroeiro dos animais”, pois como se percebe é muito além disso. A vida de Francisco é muito mais, foi uma vida em Cristo e para as pessoas.

Para adentrar nesta grande reflexão e perceber nestes encontros uma proposta para uma cultura do encontro, a pesquisa se embasará do método analítico sintético, isto é, se analisará alguns relatos do santo de Assis, sobretudo aqueles encontros iniciais de sua conversão, mas também um olhar especial para outros encontros que revelam o seu jeito de se relacionar com o outro, diferente e que o ameaça a si mesmo e com o Grande Outro, para assim captar seu sentido profundo e seu significado para as condições atuais. Analítico, pois se trará algumas narrativas para análise sob o ponto de vista dos encontros, a partir de franciscanos que refletem sobre a antropologia e cristologia franciscana, e ao mesmo tempo com o método sintético, porque se percorrerá pelas narrativas sob o viés do encontro para assim apresentar uma proposta da cultura do encontro.

A pesquisa dentro desta metodologia se orientará para o desenvolvimento deste trabalho a partir do “escutar”, “discernir” e “propor”. O primeiro capítulo, a saber, o “escutar”, isto é,

escutar a história, aquilo que está dito pelos biógrafos, hagiógrafos e até o que próprio santo escreve de si, a partir das cartas, regras de vida e seu próprio Testamento, sendo assim, se discorrerá acerca das narrativas da história dos encontros e desencontros do santo de Assis. No primeiro momento olhará para a relação consigo mesmo, ou seja, como Francisco se confrontou, como se lançou a descoberta de si, os enfrentamentos, as dificuldades que obteve no caminho que começou a abraçar e os confrontos nos encontros vividos, consigo, com a família, sobretudo com o pai e o leproso. Em seguida se refletirá sobre os encontros com o Cristo, no crucifixo de São Damião, bem como no Evangelho, que norteará e conduzirá todo o percurso da vida, por onde começou a questionar-se e compreender qual a proposta de Deus para sua vida. Por fim, as consequências que resultam desta inquietude sobre si mesmo, o confronto com o “amargo” e encontro com o Altíssimo, que são a chegada dos primeiros irmãos, o encontro com sultão e na finitude de sua vida o encontro supremo, com a escatologia a partir do Cântico do Irmão Sol.

Tendo em vista este primeiro capítulo, o segundo visará o “discernir”, isto é, a partir das narrativas encontradas na história do *Poverello*, nos seus encontros e desencontros, se refletirá elementos antropológicos e cristológicos nas experiências vividas por ele, ou seja, é o Francisco que se encontra nos seus encontros. Primeiramente se estudará a descoberta de si como irmão do leproso e como um irmão desapropriado, que para viver as relações é preciso estar desprendido, em seguida na perspectiva cristológica, refletir-se-á o Francisco que se encontra na *kénôsis* de Cristo, a dimensão do esvaziar-se para ser e estar inteiramente para o outro a partir dos encontros. E para finalizar, no segundo capítulo se procurará compreender a plenitude dos encontros, o Francisco que se transforma em um irmão universal e escatológico, ou seja, que vai para além de si mesmo, e se encontra no outro e no Grande Outro.

E como proposições, no último capítulo desta pesquisa se apresentará a cultura do encontro sob a ótica no olhar franciscano. Como ponto de partida, compreender o encontro como uma dimensão da alteridade, o outro é simplesmente o outro. Sob este critério da alteridade, se refletirá o olhar franciscano, como um jeito de vivenciar e cultivar os encontros nas relações humanas. E como cultura do encontro, de forma muito sucinta e breve, terá como embasamento e assim concluir o último capítulo da dissertação, a partir da proposta do Papa Francisco, ícone do cultivo de encontros e grande proeminente desta cultura nos últimos tempos.

Espera-se poder demonstrar no desenrolar deste trabalho a importância dos encontros nas relações humanas, e não só, também na descoberta de si, para melhor viver junto com toda a criação. Tendo como pressuposto que o encontro primeiro é com o Criador de todas as coisas

e este por sua vez o leva em direção aos outros como irmãos e irmãs em direção ao encontro futuro no outro reino que começa aqui e agora.



## 1 SÃO FRANCISCO DE ASSIS: O HOMEM DO ENCONTRO

Francisco de Assis é um homem para além do seu tempo. Não é por acaso que foi considerado a figura do segundo milênio.<sup>1</sup> A influência de sua personalidade se reflete em muitas formas de ação na vida da humanidade. A vida de Francisco é marcada por múltiplos encontros. Seus “escritos estão cheios de palavras que indicam relação, reciprocidade, referibilidade, atenção, união, respeito, apreço, amor”.<sup>2</sup>

Desta forma, pode ser dito que a relação franciscana não é só religiosa e teológica, é também antropológica, histórica e mundana.<sup>3</sup> A presença, a relação, o encontro, a acolhida, o olhar, fraternidade, são palavras chaves que perpassam em Francisco de Assis e que chegam aos nossos tempos. Emerge, portanto, a questão de como Francisco se relaciona com os outros para se descobrir, para viver de forma tão plena e tão transcendente.

Há muitas biografias dessa figura emblemática. Neste capítulo, se discorrerá acerca das narrativas da história dos encontros e desencontros de Francisco de Assis. A partir da leitura de alguns dos escritos de Francisco, bem como das próprias biografias e hagiografias sobre a experiência e o pensamento do santo de Assis, da relação consigo mesmo a partir dos encontros que foram marcando a sua história. Encontros esses que foram pertinentes e de suma importância para a descoberta de si mesmo.

Para descobrir como Francisco foi se tornando um homem da integralidade, um homem escatológico, tentar-se-á percorrer neste capítulo alguns encontros que, de certa forma, o transformaram. Muitas foram as resistências da descoberta de si mesmo até a sua morte. A partir de alguns momentos de sua vida, procuraremos entender os passos do *Poverello*,<sup>4</sup> “um homem que encarnou e viveu o ideal evangélico do Sermão da Montanha”.<sup>5</sup>

O capítulo iniciará discorrendo sobre alguns momentos da vida de Francisco, na perspectiva de seus encontros com diversas situações e pessoas. Serão alguns episódios da vida

---

<sup>1</sup> Não foi possível encontrar a edição da revista Times que foi citado. Contudo, se faz recordação de que este dado é de uma pesquisa realizada pela revista Times, por ocasião do ano 2000.

<sup>2</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*. FFB: Petrópolis, 1999. p. 88

<sup>3</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 88

<sup>4</sup> Francisco é denominado “il poverello”, que traduzido do italiano quer dizer “o pobrezinho”

<sup>5</sup> No original: “un hombre que encarnó y vivió el idealo evangelico del sermón de la montaña” – tradução nossa. SABATIER, Paul. *Francisco de Asís*. Ed. Couf: Barcelona, 1986, p. 18.

do santo que permitem entender e esclarecer quem foi esse homem. Uma abordagem muito sintética, sem se ater aos detalhes. E como recursos bibliográficos, terá o norte principal das Fontes Franciscanas e Clarianas e também de outros biógrafos e pesquisadores do franciscanismo.

O primeiro critério são os encontros que Francisco teve no decorrer de sua conversão e que é muito comum entre os biógrafos e hagiógrafos, sobretudo nos próprios escritos de Francisco de Assis. A proposta é permear alguns dos fatos que chegam a um tríplice relação, isto é, consigo mesmo, com os outros e com Deus. É uma abordagem importante na vida desse santo, sem entrar no quesito, de sequência cronológica dos encontros especificamente, relatando qual foi o primeiro, segundo ou até terceiro encontro, pois até entre os comentadores, inclusive nos escritos franciscanos, se encontrará discordâncias na cronologia.

Sendo assim, as primeiras narrativas serão percorridas nos momentos em que se referem ao encontro consigo mesmo, com isso se apresentará os encontros e desencontros do santo de Assis. Começando pelas suas percepções de fragilidades e o processo de deserdação da família, em seguida se discorrerá o encontro que remete ao leproso. O olhar recíproco entre Francisco e o leproso causa uma interpelação na vida de ambos. Esse olhar foi capaz de transformar a vida, não só a de Francisco, como a do próprio leproso.

A relação com o transcendente além desta experiência com os leprosos se dá, de modo especial, mediante o encontro com o Crucificado, que é outro fato que se encontra nas narrativas e transforma a vida de Francisco. A oração diante do Crucifixo de São Damião é uma dádiva da compreensão do ser humano em meio aos momentos de escuridão. Em seguida, se procurará compreender a importância da presença do Evangelho. Percebe-se que quase desde o começo da busca de Deus como valor supremo e único de sua vida, o Santo de Assis encontra Jesus no rosto do leproso, no crucifixo de São Damião e concentra sua existência no Evangelho, compromisso que renovará como decisão em sua última vontade.

E como consequências de suas decisões, ao realizar a vontade do Pai o que levou outras pessoas se sentirem interpeladas e provocadas para o estilo de vida de Francisco. A outra abordagem será o encontro com os irmãos, por meio do qual começa a consolidação de uma busca pela fraternidade. Encontro que se transforma em relações. E relação de igualdades. Essa seria uma estrutura básica dos primeiros passos de conversão.

Posteriormente, será refletido acerca do encontro de Francisco com o Sultão. Afinal o Santo de Assis atesta que é possível se aproximar e estar em busca do diálogo, de modo especial para a paz, sobretudo quebrar barreiras de preconceitos e discriminação. O capítulo terá um

olhar para o cântico do irmão Sol, expressão de sua autêntica maturidade no processo do conhecer a si mesmo, tudo isto como forma do encontro com o Grande Outro.

## 1.1 ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS

Um dos grandes dilemas da vida de Francisco de Assis, foi saber qual o seu caminho de fato. Pelas histórias biográficas que se encontra, o sonho da sua juventude era ser o nobre cavaleiro, garantir seu *status quo* na sociedade de Assis. Para ter essa conquista era necessário se lançar a alguns desafios e merecer esse sonho idealizado. Contudo, entre as diversas formas de ir em busca da nobreza, Francisco se depara com situações que revelam outras formas de ser.

Neste primeiro momento da pesquisa o objetivo é ver como Francisco se encontra consigo mesmo e o que leva a tomar outros rumos para sua vida, quais confrontos ele enfrenta para aos poucos ir se direcionando a outros projetos. A proposta é notar as pequenas experiências da fragilidade humana, bem como, deslumbrar a sua relação com o pai, que se trata de um marco importante da sua vida. E também refletir sobre o encontro de Francisco com o leproso o ápice da sua compreensão de vida e de mundo, sobretudo nas relações humanas.

### 1.1.1 A experiência da fragilidade

A cidade de Assis está situada “sobre um contraforte do monte Subásio, cujo cimo se eleva a 300 metros de altitude. Assis contempla a seus pés a vasta planície que se estende desde Perugia até Spello, Foligno e Spoleto”.<sup>6</sup> E para contemplar a admirável paisagem no seu conjunto é preciso subir até as ruínas de Rocca.

Nos principais países da Europa, no século XII, se difundia o movimento comunal, isto é, “as cidades não aceitavam mais ter de enviar às autoridades estrangeiras (ao papa em Roma ou ao imperador na Alemanha) altas somas de dinheiro como impostos para obter proteção (*hominium*)”.<sup>7</sup>

Assis constituía, na segunda metade do século XII, o ponto avançado, a cunha do ducado imperial de Spoleto em direção a Perugia que, com grande parte da Úmbria,

---

<sup>6</sup> ENGLEBERT, Omer. *Vida de São Francisco de Assis*. Editora: EST Edições, 2004. p. 33

<sup>7</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco de Assis: sequência cronológica e sentido dos fatos*. Ed. ESTEF: Porto Alegre, 2017. p. 12

estava sob a influência da Igreja, de quem tinha o apoio necessário para salvar-se das veleidades expansionistas do império.<sup>8</sup>

Englebert diz que “os burgueses, não contentes com a expulsão dos alemães, decidem libertar-se também da aristocracia feudal que mediante pedágios e obstáculos de toda sorte, entravam no comércio da cidade”.<sup>9</sup> O fato evidencia que Assis procura pela liberdade. Todavia, as consequências dos episódios anteriores fizeram com que os nobres de Assis se refugassem em Perugia e esses, por sua vez, entrassem em guerra com Assis. É o ano de “1202, e o feroz duelo incitado naquele ano, excetuadas pequenas tréguas, se prolongará por sete anos”.<sup>10</sup> Destaca-se que desde 1198 até 1210 houve, constantes disputas entre as duas cidades, Perugia e Assis.

No meio de toda essa realidade, em torno de 1181/182, nasce em Assis o filho de Pedro de Bernardone, comerciante, e Dona Joana, provavelmente com apelido de Pica. No Batismo recebe o nome de João Batista. O pai, ao regressar de uma viagem, dá-lhe o nome de Francisco.<sup>11</sup> “Pedro Bernardone não demorou em associar o filho aos seus negócios”.<sup>12</sup> De fato, Francisco trabalhou com o pai, inclusive fazendo viagens à França em busca de tecidos para o comércio. Celano, escreve que ele era “muito habilidoso nos negócios”(1Cel 2).<sup>13</sup> Ao mesmo tempo em que havia essa habilidade de comerciante, “logo se viu que, se era hábil em ganhar dinheiro, era ainda mais hábil em gastá-lo”.<sup>14</sup> Gastava tanto em dar esmolas aos pobres como esbanjando em banquetes e festas com os jovens de seu grupo de “reuniões buliçosas, farândolas pelas ruas da pequena cidade, serenatas noturnas sob as janelas das belas moças de Assis, divertimentos, risadas, músicas, extravagâncias,”<sup>15</sup> entre outras.

Na guerra entre Assis e Perugia, Francisco toma parte, com desejo de se tornar o “cavaleiro” vencendo a disputa. A “batalha decisiva aconteceu perto do rio Tibre, a meia distância entre as duas cidades”.<sup>16</sup> Os nobres de Assis, aliados a Perugia, causam uma grande

<sup>8</sup> MANSELLI, Raoul. *São Francisco*. Vozes e FFB: Petrópolis, 1997, p. 30

<sup>9</sup> ENGLEBERT, Omer. *Vida de São Francisco de Assis*, p. 44

<sup>10</sup> ENGLEBERT, Omer. *Vida de São Francisco de Assis*, pp. 44-45

<sup>11</sup> No original: “Su padre al volver quiso llámele Francisco” – Tradução nossa. SABATIER, Paul. *Francisco de Assis*, p. 22

<sup>12</sup> ENGLEBERT, Omer. *Vida de São Francisco de Assis*, p. 39

<sup>13</sup> Cel – Esta é abreviatura é correspondente ao primeiro biógrafo de São Francisco, chamando Tomás de Celano. Segundo as fontes franciscanas e clarianas, tem-se poucos dados sobre ele. Além de ser o primeiro biógrafo de São Francisco, é também um homem de grande cultura eclesiástica, um escritor brilhante que usava com habilidade a língua latina e um reconhecido poeta sacro, autor das sequencias *Dies Irae* e *Sanctitatis nova signa*. Todas as citações retiradas da sua biografia serão assim mencionadas, tendo como fonte principal as Fontes Franciscanas e Clarianas (FFC), 2014. E sobre Tomás de Celano, há 5 legendas reconhecidos por ele escritas, sendo que quatro delas estão no Compendio das Fontes Franciscanas e clarianas. Conforme consta na lista de abreviaturas.

<sup>14</sup> ENGLEBERT, Omer. *Vida de São Francisco de Assis*, p. 39

<sup>15</sup> ENGLEBERT, Omer. *Vida de São Francisco de Assis*, p. 40

<sup>16</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco de Assis*, p. 15

derrota aos “burgueses” de Assis. Francisco é feito prisioneiro e vive um tempo nos cárceres da cidade rival, onde cai enfermo e é resgatado pelo pai. Ele passa por longa enfermidade. Após a melhora, busca ingressar no exército papal, para, assim, conseguir alcançar o seu sonho de ser cavaleiro.

Por volta do ano 1202, ano que pode ser considerado o início de sua conversão, começa a ter algumas experiências que o fazem repensar sobre a sua maneira de viver. Ainda na prisão, muitos autores, enfatizam que foi um marco que o levou a refletir sobre suas ações. Ao mesmo tempo em que estava na prisão foi assolado por uma grave enfermidade, a qual não se sabe que doença propriamente seria. Nesse sentido, pode-se afirmar que “a primeira grande lição de vida lhe foi dada pelo seu também primeiro grande e duplo fracasso: a derrota na guerra e a doença”.<sup>17</sup>

Esse duplo fracasso vivido por Francisco, transforma-o em outra pessoa, pois essa experiência lhe permite uma nova compreensão de mundo. Na LTC,<sup>18</sup> essa transformação é relatada da seguinte forma, após a sua saída da prisão:

E assim, a partir daquela hora, começou a desvalorizar-se a si mesmo e a desprezar as coisas que antes amara, contudo, não ainda plenamente, porque ainda não estava completamente desligado da vaidade do mundo (LTC 3,8,1).

Além desse confronto pessoal, de perceber a sua insignificância, demonstrara um olhar especial pelos pobres de Assis. A mesma Legenda do Três Companheiros menciona esse encontro. Francisco se apresenta como um benfeitor dos pobres, pois, ao voltar da prisão, diz nunca mais recusar dar esmola aos que precisavam. Dava moedas, e quando não tivesse moeda oferecia “o gorro ou o cinto, para não despedir o pobre sem nada” (LTC 3,8,6). Inclusive, tirava a comida da mesa da própria família para oferecer aos mendigos, tudo isso fazia na ausência do pai,<sup>19</sup> para não gerar confronto com ele. Recorda-se que “a maior parte dos pobres que Francisco conhecia estavam na miséria por consequências das guerras, colheitas ruins ou doenças”<sup>20</sup> e com estes Francisco esbanjava os tesouros que tinha.<sup>21</sup>

<sup>17</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco de Assis*, p. 18

<sup>18</sup> LTC é chamada Legenda dos Três Companheiros, é mais um livro que compõe as Fontes Franciscanas e Clarianas. Narra também a história de São Francisco. A LTC é conhecida como a carta, subscrita pelos Freis Leão, Ângelo e Rufino e datada de 11 de agosto de 1246. Toda vez que for referido algum texto desse livro, será citado como “LTC”, conforme consta na lista de abreviaturas.

<sup>19</sup> Cf. LTC 3, 9, 1

<sup>20</sup> No original: “La mayor parte de los pobres que Francisco conocía estaban en la miseria a consecuencia de las guerras, de las malas cosechas o por enfermedad”. – tradução nossa. SABATIER, Paul. *Francisco de Assis*, p. 37

<sup>21</sup> SABATIER, Paul. *Francisco de Assis*, p. 37

Afirma Crocoli que essa experiência da prisão tenha tornado Francisco, sensível aos que viviam uma condição também de fracasso. Teria encontrado um ponto comum entre os pobres e a experiência de fracasso que é a fragilidade. E nesse encontro estaria interiormente num desencontro, vivendo um dilema existencial entre dois projetos, a saber:

de um lado o projeto de autocentramento recebido por osmose do pai (busca de opulência e projeção social) e, de outro lado, o projeto de viver para os outros na frugalidade, esquecido de si, aceitando a precariedade da vida com um valor.<sup>22</sup>

Com essa experiência dilemática da vida, começa a se afastar de tudo aquilo que costumava fazer e viver, isto é, um afastamento da vida de boemia<sup>23</sup> que tinha com os amigos, procurava viver momentos de solidão para confrontar a realidade em que se encontrava. Já nesse período começa a frequentar uma gruta em Assis, onde intensificava esse confronto pessoal, momentos de encontros e desencontros com a sua personalidade. Na gruta se achava em momento de deserto. “Passava lá horas e dias inteiros de oração, pedindo luzes e forças para a nova vida que deseja assumir”.<sup>24</sup>

Esses encontros de solidão na gruta eram já “um sair do século, um abandono do mundo no qual vivera antes, mas não uma forma precisa de comportamento. Francisco andava à procura disto”.<sup>25</sup> Esse sair do mundo, vai ser depois, recordado por Francisco no seu Testamento: “demorei só um pouco e sai do mundo” (Test 3).<sup>26</sup> Vale lembrar que mesmo diante de toda essa situação vivida por Francisco, ele continuava a trabalhar com seu pai. E muitas pessoas não compreendiam os comportamentos e atitudes tidas pelo jovem assisense.

### 1.1.2 O desencontro com o pai e o despojamento

O sair do mundo, se conclui com o episódio de deserdação da família. Pedro Bernardone, pai de Francisco, não mais satisfeito com os comportamentos do filho, resolve confrontá-lo levando-o ao tribunal de Assis, diante do bispo. Tanto que “a condução a julgamento, por parte do pai, foi a última tentativa de dobrar a vontade do filho com um meio

<sup>22</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco de Assis*, p. 20

<sup>23</sup> 2Cel 7, 8; LTC 7, 1-8

<sup>24</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco de Assis*, p. 34

<sup>25</sup> MANSELLI, Raoul. *São Francisco*, pp. 58 - 59

<sup>26</sup> Test – Testamento é um escrito de São Francisco datado nos últimos dias de vida de São Francisco. Encontra-se também nas Fontes Franciscanas e Clarianas. Mais adiante será discutido sobre esse escrito. Recordar-se que toda vez que citado algum trecho desta carta assim o será mencionado, conforme consta na lista de abreviaturas.

velhíssimo, mas como sempre inútil, o de privá-lo do dinheiro e de qualquer outra coisa que possuísse”.<sup>27</sup>

Antes desse episódio acontecer, já se encontrara uma difícil relação entre pai e filho. A atitude de ajudar os pobres, dar inclusive as roupas feitas com os tecidos da loja do pai, fez com que Francisco se escondesse do pai, pois ele o perseguia. Há o episódio em que “Bernardone, ansioso por não ver seu filho, começou a procurá-lo em todos os lugares e logo descobriu seu refúgio em São Damião. [...] foi até o eremitério para tirar o filho dele, ainda que à força”,<sup>28</sup> e não o encontrara. Outra vez seu pai o aprisionou, “arrastou-o para a própria casa de maneira bastante irreverente e indecorosa. [...] encerrou-o por oito dias num lugar escuro e, julgando dobrar o espírito dele ao seu modo de pensar, age primeiro com palavras, depois com açoites e cadeias” (1Cel 12, 3b-4).

O pai da carne tentava conduzir o filho da graça, já despojado do dinheiro, à presença do bispo da cidade para que, nas mãos deste, renunciasse aos bens paternos e devolvesse tudo o que tinha. O verdadeiro amante da pobreza, pronto para fazer isto, apresentou-se e, chegando diante do bispo, não suporta delongas nem hesita a respeito de qualquer coisa, não aguarda nem diz palavra; mas imediatamente, tendo despojado todas as vestes, devolve-as ao pai. (LM 2,4,1-2)<sup>29</sup>

Assim foi o julgamento em praça pública e, após ter despojado, devolvido a veste a Pedro Bernardone, Francisco diz que a partir daquele momento em diante o pai dele não é mais Pedro Bernardone, mas sim o *Pai nosso que estais nos céus*.<sup>30</sup> Esse desfecho com o seu pai, começa a apresentar um Francisco dando passos diferentes para sua vida.

A partir do momento em que discorda com o pai, o filho é sujeito a ser expulso da família, perdendo o direito à herança: “o filho que rompesse com a família não era tolerado no território da Comuna. Devia partir para o exílio.”<sup>31</sup> Certamente a intenção de Pedro Bernardone era de induzir o filho a mudar de vida, porém com este acontecimento, sob o efeito da Lei da época, Francisco é expulso do território e passa a morar nos redores de Assis, isto é, nas periferias de Assis.

<sup>27</sup> MANSELLI, Raoul. *São Francisco*, p. 61

<sup>28</sup> No original: “Bernardone, inquieto de no ver a su hijo, se puso a buscarlo por todos lados y no tardó en enterarse de su refugio en San Damián. [...] fué a la ermita para sacar de ella a su hijo aunque fuera a viva fuerza.” – tradução nossa. SABATIER, Paul. *Francisco de Asís*, p. 65

<sup>29</sup> LM – Legenda Maior é um livro que foi escrito após a decisão do Capítulo (Assembleia dos Frades) no ano de 1257, sendo redator, São Boaventura. Foram levadas três consideração para a redação desta legenda. a) a luta contra os mendicantes, promovida pela Universidade de Paris e outras universidades e também por várias dioceses, especialmente na França; b) a situação da Ordem, caracterizada pelas diversas correntes de pensamento e de vida que terminaram nos dois conhecidos partidos dos “espirituais” e os “irmãos da comunidade” e c) o incremento e a diversidade da produção literária sobre São Francisco (Fontes Franciscanas e Clarianas, 2014, p. 32).

<sup>30</sup> Cf. LM 2, 4, 3-4

<sup>31</sup> SANTANER, Marie-Abdon. *Francisco de Assis e de Jesus*. São Paulo: Ed. Loyola, 1993, p. 67.

Este processo de deserdação leva Francisco a um jeito diferente de viver. É a procura, não de um voluntarismo para condição de “desapropriação”, isto é, de viver sem nada de próprio, sem coisas, mas sim, viver desapropriado de si mesmo. O sair do mundo para Francisco consiste nesta condição, o sair de si, daquilo que era para se colocar inteiramente ao cuidado do outro. Trata-se de um desprendimento total e assim corresponder a vontade do *Pai Nosso que está nos céus*. Tudo isso acontece, para aos poucos ir assemelhando-se a Cristo crucificado. Ato de se despir diante do bispo para se entregar de forma integral ao um projeto do Reino, que se repetirá mais uma vez no fim de sua vida, quando ao morrer pede para ficar nu em contato direto com a terra. Leclerc, afirmando o que diz São Boaventura, escreve:

Para assemelhar-se perfeitamente a Cristo crucificado, pendente da cruz, pobre, sofredor e nu, ele se despiu diante do bispo no início de sua conversão, e foi também nu que quis sair deste mundo no momento de sua morte...” Este ato de Francisco é, pois, o ponto culminante da sua união e identificação com Cristo.<sup>32</sup>

Devolvendo as vestes ao pai, Francisco corta o cordão umbilical que ainda o ligava a ele: não terá mais necessidade de depender de ninguém, nem de se rebelar contra qualquer um. Somente atravessando esta experiência, é possível tornar-se livre e sentir-se responsável do sentido e da realização de nossa vida, assumir pessoalmente o peso da nossa infelicidade e de nossas desilusões, da nossa solidão e de nossos fracassos.

Entre encontros e desencontros Francisco foi reconstruindo sua identidade. A guerra, os pobres de Assis, os amigos da sua juventude, a relação com a família, de modo especial com seu pai foram situações que o levaram a perceber qual a sua contribuição para com a sociedade de Assis como também para si e para Deus até, de fato, chegar a um patamar de vida que apenas se transcende.

### **1.1.3 Encontro com o leproso**

Os desencontros de Francisco foram marcados por encontros que determinaram sua existência e suas opções de vida. Fundamental foi o seu encontro com o leproso. Vale recordar que esse foi um dos momentos altos do processo de sua conversão. Se ele mesmo relata no seu Testamento que aquilo que lhe parecia amargo se tornara em doçura, (Test 3) isso indica que fora um ato de suma importância em sua vida. Outras fontes biográficas também relatam esse episódio na vida do santo, por exemplo, as biografias de Celano, tanto a primeira quanto a

---

<sup>32</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*. Ed. Vozes: Petrópolis, 1977, p. 124.



segunda obra da vida do santo de Assis, bem como na biografia de São Boaventura na Legenda Maior, também na Legenda dos três companheiros. Buscar-se-á compreender quem fora essa figura do leproso na época de Francisco.

Na Sagrada Escritura, em diversas ocasiões aparece claramente a relação da lepra, apresenta-se aqui algumas referências ao Antigo Testamento, a saber: Deuteronômio 24,8-9, Levítico 13-14 e Números 12,10-15. Os comentários da Bíblia de Jerusalém,<sup>33</sup> sobre a lepra em Levítico, relatam que o povo associara a contaminação com a impureza em relação a Javé. A doença estaria associada a uma maldade para com a divindade, ou seja, a pessoa que estivesse em condição de pecado adquiria a doença como penitência devido aos erros cometidos perante a visão moral existente na cultura religiosa do momento. Desta forma, os contaminados eram vistos, inclusive pelas pessoas religiosas, como pecadores com os quais não se devia ter contato, pois tornariam impuros seus interlocutores. Aqueles que se aproximassem de alguns deles correriam grande risco de contaminação. Destaca-se que antes de ter essa concepção como um valor religioso, como um discernimento do impuro:

A noção que os antigos hebreus tinham da “lepra” reunia diversas infecções cutâneas ou superficiais, e a estas se ligavam também a bolores que podiam aparecer nas roupas, ou nas paredes. O diagnóstico e as preocupações coletivas contra o contágio são codificados e confiados a decisão do sacerdote.<sup>34</sup>

A lepra é uma doença de existência muito antiga, que teve sua origem ainda no oriente e mais tarde chega ao ocidente, segundo nos afirma Raoul Manselli.<sup>35</sup> A vinda da doença para Ocidente talvez esteja ligada às Cruzadas, bem como outros fatores a falta de higiene, a desnutrição e a condição de extrema precariedade que causava sérios problemas de pele.

Já na dimensão social, civil, os leprosos eram vistos, digamos, como “mortos-vivos”. Eles eram colocados nas periferias das cidades, tanto que eram construídos grandes muros ao redor das cidades ou vilas, determinando certo limite de território para ficarem aqueles que haviam contraído a doença.

Em Assis, a situação pode ser descrita assim:

servindo-se do odor e das deformações dos leprosos, Assis levou seus cidadãos a tratá-los como objetos de horror. Havia o interesse da saúde pública. Para se proteger do

---

<sup>33</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. Ed. Paulus: São Paulo, 2002

<sup>34</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. Comentários nas notas de rodapé, p. 177

<sup>35</sup> MANSELLI, Raoul. *São Francisco*, p. 43

contágio, Assis, recusava-se a reconhecer a humanidade destes infelizes. Para eles eram como homens mortos.<sup>36</sup>

Como afirma Flood, os leprosos eram indigentes, daria para se dizer também que eram considerados pessoas praticamente sem alma. Quanto à saúde pública, percebe-se que a preocupação maior era afastar os leprosos das pessoas sadias para que não se contaminassem. Muita sorte tinham aqueles leprosos que vivessem em regiões em que havia o *hospitale leprosorum*, uma espécie de leprosário, certo de que ficavam também fora dos muros das cidades. Esses lugares visavam ao menos tratá-los de forma mais digna e humana.

Para que os leprosos pudessem entrar na vila ou cidade deveriam manifestar sinais para aqueles que não haviam sido contaminados. Ou seja, para frequentar a cidade havia regulamentos, por exemplo, evitar andar em vias movimentadas, ao entrar tinham que se manifestar com campainhas ou até mesmo com suas vozes deveriam manifestar a sua presença na região, de fato, atitudes um tanto humilhantes e ao mesmo tempo de precaução contra o contágio da doença.

A família daqueles que haviam se contaminado eram os primeiros a excluí-los de seus lares. Em caso de heranças, muitas vezes nem eram mais lembrados, eram tratados como mortos de fato. Simplesmente viravam objetos de horror e medo para os habitantes.

O fato do encontro de Francisco com o leproso é inusitado. O próprio Francisco faz menção e destaca a importância deste encontro para a sua vida. Ele queria que essa experiência servisse também de modelo e exemplo para aqueles que desejassem segui-lo. Isso é tão comprovado que constata em seu próprio testamento.

Nas fontes franciscanas e clarianas, encontra-se muitos escritos hagiográficos que se referem ao encontro de Francisco e o Leproso, seja da história ou do abraço, ou do beijo, ou de quaisquer formas. Neste ponto abordar-se-á a partir do testamento de Francisco, especificamente os versículos 1-3 do Testamento:

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como se estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e de corpo; (Test 1-3).

Francisco ainda se sentindo em pecado, coloca-se diante dos leprosos como uma forma de penitência, de cumprir seus deveres diante de Deus. Digamos que estaria realizando um

---

<sup>36</sup> FLOOD, David. *Frei Francisco e o movimento franciscano*. trad.: Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis: CEFEPAL, 1986. p. 41

acerto de contas, devido a tudo aquilo, que consideraria, ter feito de errado em sua vida. Agora busca em Deus a misericórdia, e ele, Francisco, encontra a misericórdia diante dos leprosos.

O ser conduzido entre os leprosos revela uma resposta de Francisco, pois é o momento em que se deixa ser conduzido, ele diz sim a um apelo que o próprio Deus faz. Inicia-se um processo de transformação na sua própria vida. Ele se mostra aberto a esse chamado, a esse encontro. Estar aberto é ser capaz de se modular de acordo com a vontade do Outro, ao próprio Deus. Percebe-se que essa abertura gerou nele misericórdia. De certa forma, sentiu um coração miserável diante da miséria do outro, do sofrimento do outro.

Ao cavalgar nas cercanias de Assis, encontrou um leproso. E porque se acostumara a ter muito horror de leprosos, fazendo violência a si mesmo, desceu do cavalo e ofereceu-lhe uma moeda, beijando-lhe a mão. E, depois de ter recebido do mesmo [leproso] o ósculo da paz, montou novamente em seu cavalo prosseguiu seu caminho. A partir de então, começou cada vez mais a desprezar a si mesmo até chegar de maneira perfeita, pela graça de Deus, à vitória sobre si (LTC 11,3-6).<sup>37</sup>

Nesse encontro se constata uma compreensão da relação de alteridade. O encontro de Francisco com o leproso o fez sentir um coração miserável e capaz de retirar qualquer outra concepção que antes havia. Agora percebe à sua frente um sujeito, uma pessoa que também tinha a mesma miséria que nele mesmo havia. Nesse confronto, nessa percepção, o santo trabalha a sua sensibilidade, deixando que o outro se torne apenas o outro, possibilitando, certamente, que o olhar do leproso pudesse perpassar pelo seu, fazendo com que transformasse a ele mesmo. E foi o que aconteceu - realizou misericórdia para com os leprosos. Destaca-se, que no Testamento, Francisco escreve que o Senhor o conduziu entre os leprosos, isto é, a experiência do Deus que o leva aos preferenciais e revela, assim, a dimensão do sofrimento e da dor, sendo capaz de transformar.

É o mistério transcendente de Deus, previamente encontrado, que o conduz à misericórdia com os leprosos ou, antes, é esse encontro misericordioso com os leprosos que o conduz a uma mística autêntica? O Testamento de Francisco parece privilegiar a segunda hipótese, embora não negue a primeira.<sup>38</sup>

Crocoli apresenta a essa questão, duas possibilidades de interpretação. Não se trata de uma negação e/ou afirmação das duas possibilidades, em ser ação de Deus a priori neste encontro ou o encontro leva a ação de Deus, ambas as condições de possibilidades fazem

---

<sup>37</sup> Pode-se encontrar a narrativa do encontro do leproso também na 1 Cel 17, 2 Cel 9, LM 1,5 e 2,6. A escolha pela Legenda dos três companheiros é devido a narrativa estar mais próxima daquilo que é a proposta da problemática deste trabalho, que é a descoberta de si a partir dos encontros vividos e experienciados por Francisco.

<sup>38</sup> CROCOLI, Aldir. *A herança de Francisco de Assis*. Leitura do seu Testamento. ESTEF: POA, 2015, p. 43

acontecer a transformação. No início do Testamento Francisco diz que o “Senhor o conduziu” e essa experiência resultou num encontro verdadeiro com Deus verdadeiro, pois fez “misericórdia com eles”.

Pode-se supor que “da total rejeição de encontrar-se com os leprosos (com sua pobreza e fragilidade) à condição misericordiosa de sua situação nesse itinerário relacional nasce a humanidade nova de Francisco que aprende com os leprosos a sua nova identidade de ‘irmão menor’”.<sup>39</sup>

Esse episódio autêntico da vida de Francisco revela algumas características da pessoa humana. É perceptível em relações profundamente vividas, sendo capaz de transformação, pois diante da limitação e fragilidade do ser humano se procura sempre pela sua realização. Freyer, na reflexão sobre a antropologia franciscana, enfatiza alguns aspectos do homem:

Por um lado, a grandeza do homem e suas realizações são exaltadas. [...] A fé em Deus foi substituída pela fé do homem em suas habilidades. A partir do humanismo, o caminho da divinização do homem é indicado com todas as consequências que derivam de seu superpoder sobre a criação. [...] A fé em si se torna um bumerangue. [...] o outro aspecto da concepção do homem [...] é explicado em uma antologia [...]. eles levam isso em consideração o alegado fascínio do homem pelo nada. O tema niisista da falta de sentido das obras e sentimentos humanos é mostrado e o homem é caracterizado como o grande náufrago do nada.<sup>40</sup>

O encontro vivido com os leprosos causou no jovem uma transformação radical, tanto que revela uma “riqueza teológica e existencial de extremo valor e força, porque condensam os elementos fundamentais do jovem”.<sup>41</sup>

O movimento de misericórdia, para Francisco, “foi uma radical saída de si para ocupar-se e preocupar-se com o coração dos outros que jamais os poderia ter mudado com vantagens econômicas ou religiosas”.<sup>42</sup> Com essa experiência não religiosa, mas “teológica e existencial Francisco tem a renovação de sua existência com a descoberta de sua verdadeira e definitiva identidade”.<sup>43</sup>

<sup>39</sup> CROCOLI, Aldir. *A herança de Francisco de Assis*, p. 40

<sup>40</sup> No original: Da una parte viene esaltata la grandezza dell'uomo e delle sue conquiste. [...] La fede in Dio è stata sostituita dalla fede dell'uomo nelle sue capacità. Partendo dall'umanesimo, viene indicata la strada della divinizzazione dell'uomo con tutte le conseguenze che ne derivano della sua superpotenza sulla creazione. [...] La fede in se stesso diviene un boomerang. [...] L'altro aspetto delle concezioni sull'uomo [...] viene spiegato in un'antologia [...]. Lo rendono in considerazione il presunto fascino dell'uomo per il nulla. Viene mostrato il tema nichilistico della mancanza di senso delle opere e dei sentimenti umani e l'uomo è caratterizzato come il grande naufrago nel nulla. - tradução nossa. FREYER, Johannes B. *Homo viator l'uomo alla luce della storia della salvezza: un'antropologia teologica in prospettiva franciscana*. Edizione Dehoniane Bologna, 2008. p.13.

<sup>41</sup> CROCOLI, Aldir. *A herança de Francisco de Assis*, p. 41

<sup>42</sup> CROCOLI, Aldir. *A herança de Francisco de Assis*, p. 46

<sup>43</sup> CROCOLI, Aldir. *A herança de Francisco de Assis*, p. 47

Percebendo o leproso como sujeito, como pessoa, Francisco passa a redescobrir outro ser. Não mais aquele como é visto pela sociedade de sua época. “A nível humano, todo amor amadurece no conhecimento do amado na sua realidade, para além das próprias ilusões e projeções. [...] é necessário um longo caminho, que passa pelo diálogo honesto e profundo, um abrir-se à possibilidade que o outro seja diferente do modelo idealizado”.<sup>44</sup> E mais, “vão se delineando contornos inesperados no rosto do outro e de Deus e são experimentados como partes de si anteriormente ignoradas”.<sup>45</sup>

O encontro é necessário para quebrar paradigmas existentes em muitas concepções, por sinal, muitos dos paradigmas são concebidas de forma antropológica culturalmente, ou seja, o mundo que nos cerca, o qual vivenciamos, nos leva a viver como ela – o mundo – próprio nos molda. Francisco “mostrava-se contrário à cidade de Assis que lhe negava humanidade, humanidade por demais gritante para Francisco. Ele e seus frades sabiam-se de outra raça humana, diferente dos favorecidos membros do sistema social de Assis e de outras comuns”.<sup>46</sup> Com a experiência vivida por Francisco, outros frades se uniram a ele para trabalhar em prol da vida e da dignidade dos leprosos, e isso acontecia não apenas por solidariedade, mas por viverem a misericórdia com os irmãos marginalizados pela sociedade vigente. A experiência de misericórdia nos coloca numa atitude de alteridade, ou seja, o outro é ele mesmo e mais ninguém, é simplesmente aquilo que é.

Conseqüentemente, essa experiência do encontro leva a uma vivência de fraternidade, de irmandade, sendo assim, Deus de fato é percebido como o Pai das misericórdias. Os leprosos passam a não ser os “mortos-vivos”, mas sim irmãos, filhos do mesmo Pai. Uma convivência de cuidado e amor se passou a ter nessa relação.

## 1.2 O ENCONTRO COM CRISTO NO CRUCIFIXO E NO EVANGELHO

Francisco vivia com ruptura interna. Rompia com um ideal de vida, com amigos e profissão e até com a maneira de ser cristão. Esta atitude de romper com seu sonho de grandeza, com os amigos de festas, com a profissão e sobretudo, passar para o lado dos pobres e marginalizados geraram uma incompreensão quase total da sociedade e da própria família. O Evangelho lhe apontava sendas muito mais profundas. Mesmo muito conflitado, buscava

---

<sup>44</sup> SALONIA, Frei Giovanni. *Kairós. Direção espiritual e animação comunitária*. trad.: Frei Sérgio M. Dal Moro. Petrópolis: FFB, 2005. pp. 60

<sup>45</sup> SALONIA, Frei Giovanni. *Kairós. Direção espiritual e animação comunitária*, pp. 60-61

<sup>46</sup> FLOOD, David. *Frei Francisco e o movimento franciscano*, p.42

lugares solitários e grutas para rezar, retirava-se dias inteiros para “escutar o Senhor” no silêncio. Nestes conflitos que fora ao encontro do crucificado de São Damião.

A partir dessa experiência de Deus Francisco intui todo um projeto de vida, uma forma de viver segundo o Evangelho. Foi na Sagrada Escritura que Francisco encontrou aconchego, conselho e exortações para sua vida. Na Palavra de Deus o homem de Assis soube certamente buscar o que ansiava sua alma, e estabeleceu nesta Palavra o fundamento de sua vida. Quando o caminho lhe parece demasiado tortuoso, incerto, obscuro, mesmo quando não duvida, é a consulta da bússola do Evangelho que lhe indicará o Norte. As buscas de Francisco culminaram num encontro único e inesquecível. A Porciúncula foi o lugar especial para a realização do encontro com o Evangelho.

E deste jeito, que o primeiro biógrafo escrevendo sobre o fundador, afirma que Francisco “não era apenas um orante, mas uma pessoa transformada em oração”. (2Cel 95, 5) Neste subcapítulo se olhará para o encontro de Francisco com o crucifixo de São Damião e o encontro com Evangelho, outros fatos de encontros marcantes no início de sua conversão.

### 1.2.1 O crucifixo de São Damião

O encontro de Francisco de Assis com o Crucificado em São Damião é um marco registrado por boa parte dos biógrafos, inclusive nos escritos do próprio santo.<sup>47</sup> Significa dizer que este momento se trata de um fato marcante e carrega um simbolismo e um sentido teológico de grande importância. “O encontro com o crucificado de São Damião foi a maior transformação na vocação inicial de São Francisco. Ele passou a ver a presença do Crucificado em toda parte”.<sup>48</sup>

A partir de alguns relatos biográficos procurar-se-á refletir sobre a importância desse encontro. Como ponto de partida, fazer um resgate histórico deste momento e em seguida desenvolver, de forma muito sucinta, o sentido histórico e teológico da Cruz de São Damião. Bem como realizar uma reflexão da oração diante do Crucifixo realizada por Francisco e a oração “*Nós vos adoramos*”, e assim compreender a relevância deste aspecto na vida do santo de Assis.

Na cronologia<sup>49</sup> de São Francisco se encontra a mensagem com crucifixo de São Damião, por volta do ano de 1205/206. Recordar-se que o início de sua conversão aconteceu por

<sup>47</sup> OC 1ss; Test 5; 1Cel 45, 2; 2Cel 123, 1; LM 2,1,2; LTC 37, 2; AP 19, 2.

<sup>48</sup> PEDROSO, José Carlos Correa. *O Crucifixo de São Damião*. Editora: Centro Franciscano de Espiritualidade: São Paulo, 2003. p. 60

<sup>49</sup> Cf. FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

volta do ano de 1204 com o retorno para Assis. Este havia ido para guerra em Apúlia, ao chegar a Spoleto tem uma visão que o faz retornar.

O relato diz que Francisco estava caminhando, e passara próximo a Igreja de São Damião, e ali entrara para rezar.<sup>50</sup> “O lugar já não era usado como um lugar de paragem para tanta vivência de um mundo medieval que sempre estava a caminho. São Damião era só abandono, ruínas e hospedagem provisória onde se escondiam leprosos”.<sup>51</sup> Ao se dispor em oração diante da cruz que lá se encontrara, se depara com a fala do Crucificado, “Francisco, vai e restaura minha casa que, como vês, está toda destruída!”. (LM 2, 1, 3) A partir dessa fala, ele se sente provocado e ao mesmo tempo temorizado.

Francisco está em meio a enigmas, rupturas, incompreensões, interrogações; está só e nu com a sua decisão; mendigo, considerado louco pela sociedade assisense; [...] Chega ali como um “Oblato de São Damião”. Faz-se voluntariamente presente para ajudar e ocupar-se. Em meio a um grande discernimento, se instala como verdadeiro penitente. O lugar sofre a exclusão. Uma capela semidestruída guardava um intacto, altivo e expressivo crucifixo. Um padre, de vez em quando, cuidava do lugar e dos poucos peregrinos que ainda se aventuravam a parar.<sup>52</sup>

Diante do crucifixo se deixa interpelar pela voz de Cristo, com todas as incertezas de sua vida e sente o apelo do Crucificado-ressuscitado. De fato, tendo em vista a Igreja toda em ruína, ele se predispõe para reconstrução, sai em busca de materiais, vende tecidos da loja do pai, se desprende das suas coisas para ajudar nesta obra, como descrevem os biógrafos que narram esse fato. Inclusive alguns relatos, dizem que pediu para morar nesta Igreja a partir desse momento.

Mazzuco discorre sobre a importância da Igreja de São Damião, de modo especial para os franciscanos, que “é um dos lugares iconográficos [...] Nele a inspiração, a intuição, a resposta a uma grande convocação [...]. Por isso, temos que conhecer e refletir São Damião. Não é só uma recordação, mas é um símbolo de uma perene presença sempre real”.<sup>53</sup> E diz ainda:

Se chegarmos hoje em São Damião, veremos um lugar de estilo indefinido. Não é barroco, nem gótico, nem clássico, nem colonial. Parece uma adega escura, uma cantina, um útero, um ventre. Mas ali foi fecundada uma Forma de Vida, um Projeto de Vida! O lugar é simples, mas guardou o Crucifixo mais nobre do mundo: Vivo e glorioso! Terno e vigoroso; um vencedor! Na sua crise Francisco encontra um modelo que está acima de toda ruína. Não existe ruína que estraçalhe e derrube um ideal.<sup>54</sup>

<sup>50</sup> 2Cel 10, LM 2 e LTC 13

<sup>51</sup> MAZZUCO, Vitório. São Damião. *Revista Franciscana*, v. 6, n. 11, 2006 pp. 72-74.

<sup>52</sup> MAZZUCO, Vitório. São Damião, p. 73

<sup>53</sup> MAZZUCO, Vitório. São Damião, p. 72

<sup>54</sup> MAZZUCO, Vitório. São Damião, pp. 73-74

Segundo Pedroso a Igreja de São Damião era um santuário ao deus da saúde, Esculápio. Com a introdução do Cristianismo, o santuário recebeu o nome Cosme e Damião, os quais relatam a história que eram médicos.

Asseldonk diz que “o crucifixo foi pintado no século XII por um artista úmbrio desconhecido, em estilo romântico, sob clara influência sírio-oriental”.<sup>55</sup> Lembra o mesmo autor que, “em Spoleto, por séculos viviam monges sírios, cuja cultura deixou diversos vestígios no ambiente italiano”.<sup>56</sup>

Pedroso, estudioso do franciscanismo, afirma que o crucifixo deve ser visto como um livro de teologia, todavia, em consideração uma teologia como a do Oriente, isto significa dizer que se trata não de um estudo sobre Deus, mas a vida em Deus.<sup>57</sup> E mais, afirma o franciscanólogo: “Um ícone, como é o crucifixo de São Damião, só pode ser entendido e apreciado na visão da “Teologia da Luz”, da Igreja Oriental”.<sup>58</sup> E nesse sentido recorda que “na visão da Igreja Oriental, teologia é viver Deus. E viver Deus é partilhar da santidade da Trindade. Para poder falar dessa santidade, que é inexprimível, usam o símbolo da luz”.<sup>59</sup>

Ainda sobre a iconografia, enfatiza-se uma característica dos ícones,

é que não fazem nenhum jogo de luz e sombras, porque a luz não tem uma fonte exterior, como sol, o fogo ou uma lâmpada, mas sai da interioridade da pessoa, onde Deus habita. Nesse ponto, o crucifixo de São Damião é um exemplar excelente, porque toda luz sai do Cristo Ressuscitado que está na cruz.<sup>60</sup>

Nesse sentido, pode-se trazer presente a oração que Francisco realizou diante do Crucifixo de São Damião, justamente, onde pede a graça da luz de Deus para sua vida, pois ficou tão tocado pela percepção dessa realidade. Revela também a sua hesitante busca espiritual e o encontro consigo mesmo.

Altíssimo, Glorioso Deus, iluminaí as trevas do meu coração, dai-me uma fé reta, uma esperança certa e caridade perfeita, sensibilidade e conhecimento, ó Senhor, a fim de que eu cumpra o vosso santo e veraz mandamento.<sup>61</sup>

<sup>55</sup> ASSELDONK, Optato Van. *O crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco*. Ed. CEFEPAL, 1989. p. 11

<sup>56</sup> ASSELDONK, Optato Van. *O crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco*, p. 11

<sup>57</sup> PEDROSO, José Carlos Correa. *O Crucifixo de São Damião*, p. 4

<sup>58</sup> PEDROSO, José Carlos Correa. *O Crucifixo de São Damião*, p. 10

<sup>59</sup> PEDROSO, José Carlos Correa. *O Crucifixo de São Damião*, p. 11

<sup>60</sup> PEDROSO, José Carlos Correa. *O Crucifixo de São Damião*, p. 31

<sup>61</sup> OC – Oração diante do Crucifixo (Cf. FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 157)



A partir dessa oração, percebe-se um Francisco indeciso em busca de uma luz, “numa posição da busca por um discernimento. Ele não sabe o que quer, mas sabe muito bem o que não deseja: não ser cavaleiro, muito menos comerciante”.<sup>62</sup> E diria mais, a partir da experiência do encontro com o leproso, “ele sente fortemente que seu destino não pode ignorar esses infelizes. Quando você olha para Jesus crucificado, você os vê. Quando ele olha para eles, ele vê Jesus crucificado neles”.<sup>63</sup> Para Asseldonk,

A oração diante do Crucifixo de São Damião sugere antes a reparação “espiritual” da casa do Senhor, crucificado no coração. De fato, Francisco pede, para poder fazer ou cumprir o “mandato” recebido, especialmente as três virtudes “teológicas”, ou seja, a fé, a esperança e a caridade, como luz para o seu coração.<sup>64</sup>

Esta oração expressa, de fato, a angústia e, ao mesmo tempo, a humildade de colocar-se diante de Deus, e deixar-se guiar e iluminar por Ele. Também se percebe com essa oração que “desde o início do seu percurso espiritual, Francisco de Assis foi fortalecido pela fé e pela esperança da sua realização plena em Deus, de que o caminho que então tinha começado na terra só acabaria na presença escatológica do Altíssimo”.<sup>65</sup> Importante frisar que essa oração realizou em Francisco “um *excessus* (partida) para o mistério de Deus, que se cumprirá plenamente no monte Alverna, onde a distância de “todas as coisas” será tão radical como será completa a revelação divina”.<sup>66</sup>

Nesta oração se percebe uma imagem de Deus que Francisco tem dentro de si. Logo no início designa Deus como Altíssimo e Glorioso. Ao expressar esse adjetivo superlativo ao nome de Deus se nota uma compreensão de uma infinidade, alto, importantíssimo, no entanto, é surpreendente “que insista sobretudo em um Deus abaixo, na proximidade humana, na solidariedade crucificada; Deus é para Francisco ‘Jesus pobre e crucificado’”.<sup>67</sup>

<sup>62</sup>No original: “em tesitura de discernimiento. No sabe lo que quiere, pero va sabiendo cada vez más lo que no quiere: ni ser caballero, ni ser comerciante”. – tradução nossa. ARREGI, José. La oración ante el crucifijo de San Damián. Relectura para una “nueva” espiritualidad. *Selecciones de Franciscanismo*, n. 115, Vol. 34, fasc I, 2010 pp. 65-85, p. 65

<sup>63</sup>No original: “Y siente con fuerza que su destino no puede desentenderse del estos desagraviados. Cuando mira a Jesús crucificado, los ve a ellos. Cuando los mira, ve en ellos a Jesús crucificado”. – Tradução nossa. ARREGI, José. La oración ante el crucifijo de San Damián. Relectura para una “nueva” espiritualidad, p. 66.

<sup>64</sup> ASSELDONK, Optato Van. *O crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco*, p. 22.

<sup>65</sup> SILVA, Álvaro Cruz da. *O homem nos escritos de São Francisco de Assis*. Editorial Franciscana: Lisboa, 2014. p. 211

<sup>66</sup> No original: “un *excessus* (salida) hacia el misterio de Dios, que se cumplirá plenamente em el monte Alverna, donde tan radical será el distanciamiento ‘de todas las cosas’ cuanto completa será la revelación divina”. – tradução nossa. ACCROCCA, Felice. Francisco y el crucifijo de San Damián. *Selecciones de Franciscanismo*. n.113, v. XXXVIII, fasc. II, 2009. pp. 163-210, p. 178.

<sup>67</sup> No original: “insista sobre todo en la bajura de Dios, en su proximidad humana, en su solidaridad crucificada; Dios es para Francisco ‘Jesús pobre y crucificado’”. – tradução nossa. ARREGI, José. La oración ante el crucifijo de San Damián. Relectura para una “nueva” espiritualidad, p. 68.

Com toda a certeza, este “encontro com o Crucificado de São Damião foi a maior transformação na vocação inicial de São Francisco. Ele passou a ver a presença do Crucificado em toda parte”.<sup>68</sup>

Francisco, a partir do primeiro impulso, na experiência da voz do Crucificado, sobre a reconstrução ou edificação da Igreja, percebia “o Cristo crucificado, presente em toda a parte, nas igrejas, é para ele como que a personalização da Igreja, de toda a Igreja. Francisco vive essa presença, operando e atualizando o mistério redentor por meio da cruz”<sup>69</sup>. Tanto que ele tinha uma profunda consciência disso, que “ensinou desde o começo os seus seguidores a rezarem uma oração que ele mesmo apresenta no seu testamento, e que também é relatado por seus biógrafos”.<sup>70</sup>

Oração que se encontra no Testamento: “Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que há em todo mundo, e vos bendizemos, porque, pela vossa santa Cruz, remistes o mundo”. (Test 5) E de fato, “o pensamento da ‘edificação’ atribuída à Igreja inteira encontra-se frequentemente nas fontes, também nas biografias, tanto de São Francisco como de Santa Clara”.<sup>71</sup>

Para compreender a importância do Crucifixo de São Damião, Asseldonk apresenta dois pareceres a partir de dois autores: Bracaloni e Hardick que estudam sobre o Crucifixo, o primeiro afirma que o ícone:

constitui uma bela amostra de nossa terra, um pouco posterior ao artista de Spoleto Sótio. Onde a corrente cristã da Síria transmite o espírito, a arte bizantina empresta as formas já ultrapassadas, e o gênio popular recolhe ou sugere os novos motivos, particularmente as pequenas figuras abaixo dos santos e devotos que terão, em seguida, uma boa sorte.<sup>72</sup>

Hardick, em relação ao conteúdo teológico, afirma que “este crucifixo é o único no mundo, enquanto expressa o mistério pascal total e universal de Cristo, convidando todos a dele participar com fé viva e vivenciada”.<sup>73</sup>

Sobre a experiência do encontro de Francisco com a Cruz de São Damião, pode-se destacar que, “embora tenha um sentido mais místico do que histórico, é importante ter em mente que esta visão de Cristo aparece sob uma dimensão kenótica e que se situa imediatamente

---

<sup>68</sup> PEDROSO, José Carlos Correa. *O Crucifixo de São Damião*, p. 60

<sup>69</sup> ASSELDONK, Optato Van. *O Crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco*, pp. 19-20

<sup>70</sup> PEDROSO, José Carlos Correa. *O Crucifixo de São Damião*, p. 22

<sup>71</sup> ASSELDONK, Optato Van. *O crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco*, p. 21

<sup>72</sup> ASSELDONK, Optato Van. *O crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco*, p. 17

<sup>73</sup> Ibidem

após o episódio do encontro com o leproso”.<sup>74</sup> Isto significa dizer que, no caminho da obscuridade, do confronto pessoal e com o próprio Cristo, segundo Crocoli, “a experiência com os leprosos constitui para Francisco o pressuposto existencial para que acontecesse o encontro místico e de fé com a cruz”.<sup>75</sup>

Com os olhos do coração fixo no Cristo crucificado, Francisco compreende em forma teológica o que viveram com os leprosos, assumindo, desta dupla e complementar experiência, o seu programa de vida e a sua identidade cristã: tornar-se e ser um frade menor, que renuncia a todo poder, a toda pretensão, a todo domínio e a toda posse, para se tornar e permanecer menor, excluído, leproso da sociedade e assim poder usar de misericórdia.<sup>76</sup>

Como se sabe, a expressão *kénôsis*, usada por Crocoli, ao se referir a essa experiência do encontro de Francisco, tanto com o leproso como com a Cruz de São Damião, se traduz por esvaziar, ou melhor, esvaziar-se a si mesmo.<sup>77</sup> Essa dinâmica do esvaziar-se, se aprofundará mais adiante essa questão, porém, com Francisco é um processo extremamente doloroso, todavia, é de realização plena. O deixar-se tocar pelo Senhor é sempre perguntar: “Senhor que queres que eu faça?”.<sup>78</sup>

### 1.2.2 O encontro com o Evangelho

“O Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho”. (Test 14b) O encontro com o Evangelho é outro aspecto do santo de Assis que é relatado no Testamento, escrito final de sua vida. Isto leva a dizer que tem uma marca importante no seu projeto e que o fez transformar todos os seus ideais.

Aliás, a própria regra de vida dos frades menores, redigida por Francisco, é mencionada como primeira forma e regra. Assim é descrito, tanto na Regra Bulada, “a regra e vida dos Frades Menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo[...]”<sup>79</sup> como na Regra não Bulada: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. Mt 28,19)! Esta é a

<sup>74</sup> No Original: “aunque tuviese un significado más místico que histórico, es importante tener en cuenta que esta visión Cristo aparece bajo una la dimensión kenótica y que es colocada inmediatamente después del episodio del encuentro con el leproso” (p. 57) - tradução nossa - URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida. *Selecciones de Franciscanismo*. f.1, v.30, n.88, 2001 pp. 44-69.

<sup>75</sup> CROCOLI, Aldir. *A herança de Francisco de Assis*, p. 55

<sup>76</sup> CROCOLI, Aldir. *A herança de Francisco de Assis*, p. 56

<sup>77</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. Ed. Paulinas e Loyola: São Paulo, 2004. p. 983

<sup>78</sup> LM, 1, 3, 7; 1Cel 7; 2Cel 6; LTC 6;

<sup>79</sup> RB 1, 2 – Regra Bulada. A regra que teve aprovação papal em 29 de novembro de 1223.

vida do Evangelho de Jesus Cristo que Frei Francisco pediu que lhe fosse concedida pelo senhor Papa. E este lhe concedeu e confirmou para ele e seus irmãos presentes e futuros”.<sup>80</sup>

Escrever sobre o encontro de Francisco com o Evangelho é de suma importância, por sua vez, toda a sua vida foi moldada a partir da Palavra de Deus. Nela está fundamentada a sua opção de vida e também seu processo de amadurecimento. Ele, “redescobre o Evangelho como movimento de Deus para os homens. Reencontra a missão”.<sup>81</sup>

Antes de adentrar na importância e sentido desse encontro é necessário entender essa relação no seu contexto. Destacar-se-ão dois relatos do encontro de Francisco com o Evangelho. Afirma Uribe, “o encontro de Francisco com o Evangelho apresenta algumas dificuldades históricas, enquanto as fontes biográficas relatam os episódios relacionados com o Evangelho que resultam determinantes para sua vocação”.<sup>82</sup> Um encontro acontece na Igreja da Porciúncula e é narrado por três fontes, e a outra narrativa acontece na Igreja de São Nicolas.<sup>83</sup> Lembra-se que este encontro na Porciúncula aparece apenas Francisco e o texto é sobre a missão (Mt 10,9-10; Lc 9,3; 10,4), enquanto que a segunda narrativa apresenta os primeiros companheiros e menciona os Evangelhos que estão relacionados ao seguimento de Cristo (Mt 19,21; Lc 9,3; Mt 16,24).<sup>84</sup>

São Boaventura assim descreve o encontro de Francisco com o Evangelho:

Enquanto num certo dia ouvia a missa dos Apóstolos, foi lido aquele evangelho em que Cristo deu aos discípulos, a serem enviados a pregar, a forma evangélica de viver, a saber, que não possuam ouro ou prata, nem dinheiro nos cintos nem bolsa pelo caminho nem tenham duas túnicas nem tragam calçados nem bastão (Mt 10,9-10). Ouvindo, compreendendo e confiando isto à memória, transbordando imediatamente de indizível alegria, o amigo da pobreza apostólica disse: “É isto que eu desejo, é isto que eu anelo do íntimo do coração”. Por conseguinte, desata os calçados dos pés (cf. Ex 3, 5; Mc 1,7), depõe o bastão, amaldiçoa a bolsa e o dinheiro e, contente com uma só túnica, depois de ter abandonado a correia, toma uma corda como cingulo, colocando toda a preocupação do seu coração em como realizar as coisas ouvidas e conformar-se em tudo à regra de vida dos apóstolos (LM 3, 1, 2-4).

Destacam-se aqui alguns pontos importantes que determinaram a vida do santo, a partir deste encontro com Evangelho. “Em primeiro lugar, indica que o esclarecimento da vocação se

<sup>80</sup> RnB Prólogo, 1-2 – Regra não Bulada. Este teve o texto reconhecido no Capítulo Geral, na Assembleia dos frades no de 1221.

<sup>81</sup> LECLERC, Elói. Francisco de Assis - *O retorno ao evangelho*. Ed. CEFEPAL, VOZES: Petrópolis, 1983. p. 52

<sup>82</sup> No original: “el encuentro de Francisco con el Evangelio presenta algunas dificultades históricas, en cuanto las fuentes biográficas relatan dos episodios relacionados con el Evangelio que resultan determinantes para su vocación” – tradução nossa. URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida, p. 59

<sup>83</sup> Encontramos a narrativa da abertura do Evangelho em AP 10-11.

<sup>84</sup> URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida, p. 59

deu em Francisco depois de um longo processo [...] Deus normalmente se acomoda ao tempo do homem, permite que ele faça um processo, mas está sempre presente em seu caminho”.<sup>85</sup> Uribe realiza essa observação, “num certo dia”, quando se refere ao tempo inicial do processo de conversão de Francisco, de modo especial aos primeiros momentos, que foi o sonho de Spoleto, isto há três anos do encontro com o Evangelho.

Outro aspecto importante a ser destacado é que a escuta do Evangelho ocorre na missa, ou seja, na comunidade reunida pela Eucaristia é onde se dá o encontro e a interpelação com a Palavra, sendo assim, a vocação de Francisco ganha uma dimensão comunitária e eclesial.

Enfatiza-se também o elemento seguinte da narrativa do encontro, a saber, a interiorização da Palavra de Deus em Francisco. Uribe, que descreve alguns passos importantes deste contato com Evangelho, frisa que na LM “onde encontramos o caminho mais adequado com a sucessão dos quatro verbos utilizados pelo Doutor Seráfico: 'ouvir', 'compreender', 'comprometer-se com a memória' e 'realizar o desejo’”.<sup>86</sup>

Ainda sobre as consequências pedagógicas desse encontro, traz-se presente as próprias palavras do Evangelho que resultam em Francisco a dimensão da desapropriação. Essa dimensão da desapropriação remete a outros episódios da vida do santo, bem como um conceito muito importante na relação franciscana.

Um destaque sobre a escuta do Evangelho, segundo Uribe, “é que seu encontro inicial com a Palavra de Deus se dá através dos chamados discursos de missão [...]. Sua vocação é, por essência, não somente evangélica, mas também evangelizadora”.<sup>87</sup>

Como se nota:

Para Francisco a verdade da Sagrada Escritura não se encontra facilmente à mão, mas só pode ser experienciada num contexto global e pessoal. Dentro de um ato litúrgico, ele sente o discurso da missão dos doze como uma palavra oportuna e candente, em que resume toda a sua vida.<sup>88</sup>

---

<sup>85</sup>No original: “En primer lugar, indica que la clarificación de la vocación se dio en Francisco después de un proceso largo [...] Dios ordinariamente se acomoda al tiempo del hombre, permite que haga proceso, pero está siempre presente en su camino.” – tradução nossa. URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida, p. 62

<sup>86</sup>No original: “donde encontramos el camino más adecuado con la sucesión de los cuatro verbos usados por el Doctor Seráfico: ‘escuchar’, ‘comprender’, ‘encomendar a la memoria’ y ‘llevar a cabo’” – tradução nossa. URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida, p. 63

<sup>87</sup>No original: “es que su encuentro inicial con la Palabra de Dios se da a través de uno de los llamados discursos de misión [...] Su vocación es por su esencia no sólo evangélica, sino también evangelizador” – tradução nossa. URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida, p. 63

<sup>88</sup> ROTZETTER, Anton. Mística e Seguimento do Evangelho “ad litteram” em São Francisco de Assis. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, n. 169, 1981/9 pp. 70-81. (pp. 73-74)

Para Uribe, “o momento culminante da vocação de Francisco foi o encontro com o Evangelho, que iluminou definitivamente o seu caminho e fez do Evangelho a sua referência principal”.<sup>89</sup> É neste confronto real com o Evangelho que Francisco afirma seu propósito e abraça o seguimento do Cristo crucificado-ressuscitado. “A leitura da Bíblia se situa num âmbito de relação pessoal e dialogal. O próprio Francisco atribui a descoberta de sua forma de vida não ao conteúdo material das palavras bíblicas que tinha diante de si, mas a uma ação direta do ‘próprio Altíssimo’”.<sup>90</sup> Vale recordar:

A compreensão que S. Francisco tem da Sagrada Escritura diverge em pontos essenciais da de seus biógrafos. [...] ele não tem ideia dos princípios hermenêuticos aceitos em seu tempo. Sua exegese é realista, concreta, e sua fantasia e se atém ao sentido literal da Sagrada Escritura.<sup>91</sup>

Pode-se dizer que se trata de uma leitura espiritual, antes que ser uma leitura exegética e hermenêutica das citações encontradas e mencionadas nas suas biografias. É importante destacar que os autores, quando relatam este encontro com o Evangelho, levam praticamente a mesma resposta de Francisco com relação a esse momento e que dará a conotação do seguir a proposta do Evangelho.

Todas as narrações colocam, com variantes é claro, na boca de Francisco uma frase muito significativa, que se revela ser, de fato, uma descoberta longamente aguardada: ‘É isso que eu quero, é isso que eu procuro, é isso que eu desejo fazer do íntimo do coração’ (1Cel 22,3; LTC 25, 3; LM 3, 1,3).<sup>92</sup>

A “descoberta do Evangelho não significa absolutamente um primeiro contato como esses textos”,<sup>93</sup> mas “trata-se de um encontro com o modo de ser de Jesus Cristo que cada um dos quatro evangelistas tenta descrever, desde a realidade de seus destinatários, para mostrar no caminho percorrido escassos elementos para construirmos um quadro referencial dessa descoberta”.<sup>94</sup>

Para finalizar, pode-se concluir dizendo que há três elementos neste encontro que provocaram em Francisco o seguimento do Evangelho, conforme destaca Elói Leclerc: “o envio

<sup>89</sup>No original: “el momento culminante de la vocación de Francisco fue su encuentro con el Evangelio, que iluminó de manera definitiva su camino e a hizo del Evangelio su principal referente”. – tradução nossa. URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida, p. 68

<sup>90</sup> ROTZETTER, Anton. *Mística e Seguimento do Evangelho* “ad litteram” em São Francisco de Assis, p. 74

<sup>91</sup> ROTZETTER, Anton. *Mística e Seguimento do Evangelho* “ad litteram” em São Francisco de Assis, p. 71

<sup>92</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco*, p. 83

<sup>93</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco*, p. 86

<sup>94</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco*, p. 129

dos discípulos, a exigência de pobreza e a mensagem de paz”.<sup>95</sup> Este passo do encontro com o Evangelho se trata de um confronto pessoal, no entanto, tem a sua relevância, pois foi o que o consolidou na vida de todos os outros irmãos que vieram em seguida. Essas dimensões, a missão, a não propriedade e essa mensagem de paz dão destaques na forma de vida de Francisco e também daqueles que se colocaram nessa caminhada. Todo esse processo, desde o encontro com o leproso, com o Crucificado de São Damião, vai se concretizando no Evangelho, e no Evangelho começa a compreender o que Deus procurava para si.

### 1.3 DO ENCONTRO COM O OUTRO AO “GRANDE OUTRO”

A partir de diversos encontros acontecidos no decorrer de sua história, o santo de Assis sempre esteve em torno os outros, suas experiências o levam a perceber que é simplesmente um irmão entre os outros, e tudo isso por causa da revelação do evangelho, bem como o próprio encontro com o leproso e a proximidade com os pobres. Todos os encontros tiveram um outro ou o Grande Outro e estes por sua vez davam o norte para aquilo que deveria ser.

Como consequências dos encontros anteriores, Francisco recebeu junto de si outras pessoas, que com o mesmo objetivo quiseram realizar o chamado do Senhor. A chegada dos primeiros companheiros, certamente surpreenderam o santo. Eles se colocaram a caminho no cuidado dos leprosos e na ajuda aos pobres. Porém, Francisco nota que a vida é feita de encontros e desencontros, a ponto de ir em busca do diálogo com o totalmente diferente, aquele que pode tirar-lhe a vida. Em meio a grandes conflitos se dirige ao encontro com o rival, o Sultão para juntos tentar construir um espaço de paz.

E por fim, diante do sofrimento e da dor, o santo não se cansa de perceber que o Deus da vida vem sempre ao seu encontro, a ponto de narrar e chamar toda a criação de irmãos e irmãs. Um cântico que expressa essa admiração e contemplação de São Francisco por tudo aquilo que Criador fez, isto é, a criação assim como o ser humano. Como se não bastasse neste cântico, há a petulância de apresentar o perdão, a paz e inclusive a morte como irmãos. Esta é revelação de um homem inteiramente completo e íntegro em sua caminhada.

#### 1.3.1 Encontro com os primeiros companheiros irmãos

---

<sup>95</sup> LECLERC, Elói. *Francisco de Assis - O retorno ao evangelho*, p. 51

Afirmado no Testamento: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer”, (Test 14) começa uma nova jornada para Francisco, nem imaginada por ele. Seu testemunho, sua ‘loucura’ desperta em outras pessoas o desejo de fazer o mesmo. Este item pretenderá desenvolver a dimensão da fraternidade revelada por Deus em Francisco de Assis. Antes de tudo, aqui convém, contextualizar a chegada dos primeiros frades, assim como é tratada a relação dos primeiros companheiros de missão do santo de Assis, tendo como ponto de partida algumas referências biográficas.

E nessa dimensão da fraternidade é inviável não discorrer acerca da relação com as criaturas como um todo, pois é algo que está intrinsecamente correlacionado à forma de ser e agir de Francisco de Assis. Bem como, compreender a dimensão da fraternidade enquanto tal. Justamente pela correlação desta dimensão que é necessário expor essa temática dentro dessa contextualização de fatos importantes que são encontradas no conhecimento sobre a vida deste personagem que marcou e marca a história, ainda hoje, da sociedade e da Igreja.

Nas fontes franciscanas e clarianas não se encontra um dado comum sobre a chegada dos primeiros irmãos. Encontram-se diversos relatos, como a sequências de quem chegou primeiro, de como foram os encontros, inclusive alguns relatos do encontro com o Evangelho e os irmãos, para assim definir o que fazer e descobrir a vontade de Deus. A discussão aqui não gira tanto em torno dessa questão, porém é importante tomar consciência dessa relação de Francisco com os primeiros companheiros de missão, para também compreender a dimensão relacional.

Na Legenda Maior, São Boaventura relata que Francisco, ao escutar o Evangelho, se coloca por inspiração divina, diz o autor, “a tornar-se imitador da perfeição evangélica e a convidar outros à penitência”. (LM 3,2,1) Anunciava a paz e pregação da salvação. E com isso, o santo de Assis começou a ser conhecido e outros homens sentiram-se provocados a aderirem essa proposta de vida.

Chegando ao conhecimento de muitos a verdade, tanto da doutrina simples como a vida do bem-aventurado Francisco, [...] alguns homens começaram a ser animados pelo exemplo dele à penitência e, tendo renunciado a todos [seus] haveres, começaram a aderir a ele no hábito e na vida; o primeiro dentre eles foi Frei Bernardo, de santa memória (LTC 27, 1).

Tendo conhecimento do relato histórico da chegada dos irmãos, mesmo que seja um dado hagiográfico, diz muito sobre a forma de relação de Francisco. Para adentrar nesse aspecto, retorna-se para a citação do Testamento do santo de Assis: “E depois que o Senhor meu deu irmãos ninguém me mostrou o que deveria fazer”. A partir do estudo de Aldir Crocoli,



a respeito dessa menção, analisar-se-á aqui alguns elementos que favorecem a compreensão e a importância do mesmo. O presente pesquisador, divide essa frase em três assertivas: “*E depois que Senhor meu deu...*”; “*...irmãos*” e “*ninguém me mostrou o que deveria fazer*”. Sendo a primeira o sujeito principal, a segunda assertiva se trata do objeto do dom e, por fim, a última está ligada à perplexidade sentida diante da surpresa do dom.<sup>96</sup>

Para analisar essa primeira assertiva é preciso ter em consideração que Francisco, inicialmente, estava à procura de si, da sua identidade, não procurava formar um grupo de pessoas. Todos os momentos vividos por ele, fizeram com que abraçasse um mundo diferente, que para ele era aquilo que o fazia sentir-se humano, realizado e até mesmo, arriscara dizer, pleno. Esse mundo diferente é se fazer presente no meio dos pobres e leprosos de sua sociedade e, ao mesmo tempo, ser um homem de fé no seguimento de Cristo da forma mais desprezível possível. E isto tudo o torna conhecido como “*o louco de Assis*”. Todavia, essa loucura faz aproximar outras pessoas, inclusive pessoas da nobreza querendo fazer o mesmo. Percebe-se, então, que a “primeira coisa que anotam as fontes é que a chegada dos primeiros irmãos foi motivada pelo testemunho de vida de Francisco”.<sup>97</sup>

A chegada desses irmãos, fez Francisco acreditar na escolha feita. Afinal, no início de sua conversão foram muitas ocasiões de solidão, de abandono, até o momento em que aparece alguém. Possivelmente poderia estar vivendo momentos de dúvidas e ansiedades neste propósito e aqui “é importante ressaltar que Francisco não sai em busca dos irmãos, mas eles que chegam, enviados pelo Senhor”.<sup>98</sup>

Chamar de “*...irmãos*” e por que não de filhos, discípulos, como muitos chamam hoje? Nem mesmo de soldados ou servos, como era na época? “Ele havia descoberto entre os leprosos sua identidade de irmão; os que chegam a ele, são recebidos na mesma categoria: a de irmãos”.<sup>99</sup>

O próprio Francisco relata nos escritos, de modo particular, na Regra não Bulada, o porquê de serem chamados de irmãos, pois assim está no Evangelho: “Todos vós sois irmãos; e a ninguém chameis de pai para vós sobre a terra, pois um só é o vosso Pai, aquele que está nos céus. Não vos chameis de mestres; pois um só é o vosso mestre, aquele que está nos céus”. (RnB 22, 33-35) A descoberta de que o outro não é meu inimigo ou meu oponente, mas um

<sup>96</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco*, p. 76

<sup>97</sup> No original: “primera cosa que anotan las fuentes es que la llegada de los primeros hermanos es motivada por el testimonio de vida de Francisco” – tradução nossa. URIBE, Fernando. *El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida*, p. 64.

<sup>98</sup> No original: “es importante resaltar que Francisco no sale buscar a los hermanos, sino que estos llegan, enviados por el Señor” – tradução nossa. URIBE, Fernando. *El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida*, p. 66.

<sup>99</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco*, p. 78

irmão em potencial, transforma o relacionamento de um com o outro e promove o bem-estar mútuo. Pode-se dizer que Francisco descobre em Deus um Pai comum e em Jesus Cristo, o irmão. Sendo assim, redescobre uma relação de igual condição, sem diferenças e sem *status* na relação.

A essa relação de irmãos é atribuída a compreensão da “minoridade”, como atitude fundamental de Francisco. Quando se fala em minoridade esta não deve ser entendida como atitude de desvalorização ou de simples submissão, mas antes como atitude, comportamento que expressa e dá condição de que outro é alguém que é importante, sobretudo na relação com Deus. Sendo “menor”, Francisco estabelece condições para o encontro com o outro como irmão e irmã, isto é, igual em condições, e desta forma gera uma fraternidade universal com todas as criaturas.

Outro ponto a destacar do encontro de Francisco com os primeiros companheiros “É que Francisco conduz os primeiros irmãos a escutar o Evangelho [...] o Evangelho se constitui para ele o único ponto de referência de sua vida e quis que assim fosse para todos que desejarem viver com ele”.<sup>100</sup> No encontro de Francisco com o Evangelho, percebe-se que o centro, a regra de vida dele, é de fato, o Evangelho e com a chegada dos primeiros irmãos, não foi diferente. Essa relação de Francisco com o Evangelho para com os irmãos, demonstra uma postura de diálogo.

O diálogo fraterno (com os irmãos e com as criaturas) e o diálogo orante (com Deus) serão a hermenêutica da fraternidade franciscana, a chave que aproxima o *Poverello* de Deus, do mundo e dos homens.<sup>101</sup>

Recorda-se que essa chegada dos irmãos aconteceu de forma progressiva, isto é, aos poucos foi se formando um grupo de homens que buscava viver a mesma forma de vida de Francisco. E “à medida que o grupo cresce e se consolida, Francisco decide ‘oficializar’ a fraternidade com a aprovação do Papa”.<sup>102</sup> Até porque neste período da história, havia muitos grupos heréticos que pregavam nas aldeias e vilas e, no entanto, não tinham reconhecimento oficial da Igreja. E para ter essa garantia e, não só, mas por obediência a Santa Igreja procurou

<sup>100</sup> No original: “es que Francisco conduce a los primeros hermanos a escuchar el Evangelio [...] el Evangelio se constituyó para él en el único punto de referencia de su vida y quiso que así lo fuera para todos los que desearan vivir como él” – tradução nossa. URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida, p. 65.

<sup>101</sup> SILVA, Álvaro Cruz da. *O homem nos escritos de São Francisco de Assis*, p. 239

<sup>102</sup> No original: “en vista de que el grupo crece y se consolida, Francisco se decide a ‘oficializar’ la fraternidad con la aprobación del Papa” – tradução nossa. URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida, p. 66.

essa oficialização e o reconhecimento da mesma para o estilo de vida que era revelado por Deus a ele.

Superado o espírito de rancor e de vingança, típico do clima das guerras de então, Francisco adquire um novo olhar sobre tudo, inclusive sobre aqueles que são tidos como inimigos e adversários. Somente nessa lógica se compreende sua visita ao sultão muçulmano.

### 1.3.2 O encontro com o Sultão

Após algum tempo de sua conversão, Francisco se dirige a região da Síria, período de fortes conflitos entre cristãos e pagãos, momento das chamadas Cruzadas. Sobre isso nos diz Fátima Fernandes, “as Cruzadas foram um movimento gerado no Ocidente que resultou num longo enfrentamento militar desenrolado nos limites da Cristandade, especialmente nas regiões da Síria e Palestina, entre os séculos XI e XIII, e na Península Ibérica, entre os séculos VIII e XV”<sup>103</sup>. Ainda sobre esse período histórico, nos afirma Fernandes,

As guerras ocorridas nas regiões da atual Palestina e Israel foram chamadas de Cruzadas do Oriente e justificavam-se pela necessidade de os cristãos reconquistarem a Terra Santa. Os conflitos na Península Ibérica — onde os territórios anteriormente em posse dos cristãos e conquistados pelos muçulmanos — resultaram no que ficou conhecido como Reconquista Cristã.<sup>104</sup>

O nome da guerra foi dado como “cruzadas”, devido aos pertences usados pelas pessoas que iam para a luta, sejam armas e roupas, eram marcados com uma cruz. A chamada Quinta Cruzada, que foi convocada por Inocêncio III no IV Concílio de Latrão, sendo reconvocada pelo Papa Honório III, isto no ano de 1218, seria mais uma ação dos cristãos para “libertar” a Terra Santa do domínio dos inimigos.<sup>105</sup> Em 1219, Francisco se coloca a caminho, não na intenção de lutar na guerra, mas em busca de um encontro com os muçulmanos. Celano, relata essa aventura:

No décimo terceiro ano de sua conversão, [...] E, embora tivesse sido maltratado por muitos com ânimo bastante hostil e com espírito adverso, no entanto, foi recebido pelo sultão com muita honra. Honrava-o como podia e, tendo-lhe oferecido muitos presentes, tentava dobrar o espírito dele às riquezas do mundo; mas depois que o viu desprezar valorosamente tudo como esterco, encheu-se de máxima admiração e via-o como homem diferente de todos; ficou muito tocado pelas palavras dele e *ouvia-o de muito bom grado* (cf. Mc 6,20). – Em todas estas coisas o Senhor *não realizou o desejo*

<sup>103</sup> FERNANDES, Fátima Regina. Cruzadas na Idade Média. In: MAGNOLI, D. *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 99.

<sup>104</sup> FERNANDES, Fátima Regina. Cruzadas na Idade Média, 2006, p. 99.

<sup>105</sup> FRELICH, Arno. São Francisco aos governantes dos povos. Cadernos da ESTEF. n. 63, v. 2, 2019 pp. 55-69.

(cf. SI 126,5) dele, reservando-lhe a prerrogativa de uma graça especial (1Cel 57, 5.8-12).

Pode-se encontrar também a história do encontro de Francisco com o Sultão na LM de São Boaventura, bem como em outras fontes biográficas, todavia “nos textos das Fontes Franciscanas e Clarianas, quase todos os autores que narram a presença de Francisco em Damietta falam do desejo de martírio”.<sup>106</sup> O desejo pelo martírio neste período histórico era a mais alta forma de assumir e demonstrar a fé, por isso os biógrafos destacam sobre o desejo do martírio em Francisco, tanto que, nesta visita, o seu desejo sempre foi frustrado na visão dos biógrafos do santo.

Em Francis de Beer se encontra o relato sob duas perspectivas, uma contada pelos estranhos à Ordem e a outra pelos próprios irmãos. Nesta primeira, Beer, diz que o primeiro testemunho é o de Jacque de Vitry, bispo de São João de Acre, que viu Francisco indo em direção a Damietta rumo ao palácio do Sultão em 1219.<sup>107</sup> O autor comenta que “a chegada em Damietta do célebre irmão Francisco, bem-amado de Deus e dos homens, abre uma pausa de novidade e surpresa”.<sup>108</sup> Com relação a segunda perspectiva Beer, que já fora comentado anteriormente, relata que Tomás Celano narra que o “encontro com Islão será relacionado como desejo do martírio que abrasava Francisco desde a sua conversão”.<sup>109</sup> Beer conclui a análise dizendo que:

na medida em que os cronistas de fora da Ordem situam o encontro de Francisco com o Islão no quadro da problemática da Cruzada, em igual medida os Irmãos Menores teriam a tendência a isolá-lo, para compreendê-lo em referência com um incoercível desejo do martírio[...]deixam bem fundamentado o valor histórico do acontecimento. Sem dúvida, essa viagem podia ter dado ensejo a lendas. Mas deve-se sublinhar energeticamente que, neste caso preciso, elas sempre são ouvidas às portas da história.<sup>110</sup>

Em pleno cerco de Damietta, local do encontro, “o Sultão não consegue ver em Francisco um Cruzado, e Francisco não reconhece tampouco no Sultão o perseguidor da fé que

<sup>106</sup> OLIVEIRA, Enio Marcos. Francisco de Assis e Malek Al-Kamil um encontro de paz: sobre a abertura dialogal em Francisco de Assis e a influência do encontro com o Sultão em alguns de seus escritos. *Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Juiz de Fora*, 2008, 116pp. Disponível em <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3377/1/eniomarcosdeoliveira.pdf>>. Acesso em 22 de outubro de 2020. p. 58.

<sup>107</sup> Com relação a data, recorda-se que entre os biógrafos e historiadores não há uma unanimidade de quando aconteceu o encontro. (Fonte: Basetti-Sani, G. Sarracenos. In. Movimento franciscano Assisi. *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Cefepal/Vozes, 1999, p.696).

<sup>108</sup> BEER, F. São Francisco e o Islão. In: *Concilium*. V. 17, fasc 169. Petrópolis: Vozes, 1982.p. 17

<sup>109</sup> BEER, F. *São Francisco e o Islão*, 1981, p. 19

<sup>110</sup> BEER, F. *São Francisco e o Islão*, 1981, p. 21

esperava”.<sup>111</sup> Beer faz três observações acerca da aventura vivida por Francisco: “Francisco deveras acreditou inicialmente que o seu martírio eventual iria falar ao Islão”.<sup>112</sup> Esta seria a primeira, a segunda observação é relacionada à visão dos irmãos de ordem, que dizem que Francisco foi recebido aos maus tratos em Damietta, onde Francisco é perseguido como qualquer outro cruzado, e, por fim, a terceira observação a qual Francisco realiza uma pregação cristã, isto é, trata-se de um *querigma*, o primeiro anúncio, o qual o Sultão escuta de bom grado, mas não assume nenhuma posição.<sup>113</sup> Vale lembrar que para Francisco, “a primeira e fundamental pregação é o exemplo de vida, o testemunho de fraternidade”.<sup>114</sup>

Segundo Basetti-Sani, o muçulmano que Francisco encontrou no Egito não era uma pessoa temida, no sentido em que era um carrasco,

Malek-Al-Kamel era realmente um homem justo e piedoso e não um “ferocíssimo sultão” como o apresentam os documentos cristãos, sempre com a inconsciente tendência de apresentar os muçulmanos sob um ângulo negativo. Há em todos, mesmos escritores franciscanos e outros da Idade Média, uma mentalidade herdada, marcada pela característica antimuçulmana.<sup>115</sup>

Lembra Basetti que a “cristandade medieval sentia-se cercada pelo mundo muçulmano e via no Islão a força diabólica”.<sup>116</sup> Para explicar a recusa dos “doutores muçulmanos” em discutir a questão de fé e não aceitar a ordália, convém colocar o relato dos biógrafos no contexto da história e da psicologia do Islã. Até hoje o gesto de Francisco não foi compreendido em todo o seu alcance. Fala-se de

solidificação de uma intuição, por mais bela e atraente que seja, mas subjetiva e caso isolado na realidade histórica, na visão que Massignon tinha da história, a função de substituição que Francisco providencialmente tinha da história no sentido de completar o que tinha faltado à missão de Maomé.<sup>117</sup>

Diz ainda Basetti-Sani:

não excludo que o Sultão tivesse dito: “creio que vossa fé seja boa e verdadeira. E a partir de então teve a fé cristã impressa no coração (Misc. Bon. 5). Todo autentico muçulmano sabe que o judaísmo e o cristianismo são religiões provenientes de Deus

<sup>111</sup> BEER, F. *São Francisco e o Islão*, 1981, p. 22

<sup>112</sup> BEER, F. *São Francisco e o Islão*, 1981, p. 24

<sup>113</sup> BEER, F. *São Francisco e o Islão*, 1981, pp. 24-25

<sup>114</sup> CROCOLI, Aldir. Francisco entre os muçulmanos: quais seus objetivos e seu êxito? *Cadernos da ESTEF*. n. 63, v. 2, 2019, pp. 37-54. p. 45.

<sup>115</sup> BASETTI-SANI, G. Sarracenos. In. *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Cefepal/Vozes, 1999, p. 697

<sup>116</sup> BASETTI-SANI, G. Francisco de Assis: a crise da igreja pelos fins do século XII, princípios do século XIII. In. *Concilium*, v. 4, fasc 37. Petrópolis: Vozes, 1968, p.14

<sup>117</sup> BASETTI-SANI, G. *Sarracenos*, 1999, p. 697

e, por isso, verdadeiras, embora inferiores ao islamismo. É neste sentido que se deve entender a frase do Sultão".<sup>118</sup>

A experiência vivida por Francisco nesse encontro foi tão marcante que ele faz questão de registrar na regra de vida para os frades. Trata-se de uma regra que foi escrita para ter aprovação da Igreja na evangelização e, assim, ser considerada uma Ordem Religiosa. Na realidade foram escritas três regras, a uma delas não se sabe o que aconteceu, outra chamada regra não bulada, isto é, não recebeu aprovação papal e a última é a regra bulada, aprovada pelo papa. Menciona-se essas regras para relatar que, nas duas regras, não bulada e a bulada, Francisco faz questão de citar o encontro.

Na RnB, especificamente no capítulo XVI, encontra-se um jeito de evangelizar. Crocoli destaca que o desejo de Francisco é a procura pela paz e a convivência. Esta afirmação retirada do capítulo XVI da RnB foi escrita logo após o encontro com os muçulmanos, justamente sobre os que vão para o meio dos sarracenos e outros infiéis. Assim está escrito:

*Diz o Senhor: Eis que eu vos envio como cordeiros no meio de lobos. Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas (Mt 10, 16). Por isso, se algum irmão quiser ir para o meio dos sarracenos e outros infiéis, vá com a licença de seu ministro e servo. [...] Os irmãos que vão, no entanto, podem de dois modos conviver espiritualmente entre eles. Um modo é que não litiguem nem porfiem, mas sejam submissos a toda a criatura humana por causa de Deus (1 Pd 2,13) e confessem que são cristãos. Outro modo é que, quando virem que agrada a Deus, anunciem a palavra de Deus, para que creiam em Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28, 19), Criador de todas as coisas, no Filho redentor e salvador, e para que sejam batizados e se tornem cristãos, porque quem não renascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino de Deus (cf. Jo 3,5) (RnB 16, 1-3, 5-7).*

Este capítulo da RnB revela uma metodologia de evangelização. A partir de dois modos. A primeira é que, ao invés de discutir e tentar convencer o outro de seu erro, é preciso ser submisso e confessar-se cristão. A curiosidade é que a Igreja não recomendava aos cristãos se submeterem aos sarracenos, porque seria submeter-se ao mal. Francisco faz e diz o contrário. Vai para conviver pacificamente, acolhendo sua cultura e os próprios valores de sua fé, pois o Espírito Santo vai sempre à frente. A segunda maneira é que quando notarem que há condições para acolher a Palavra do Senhor, só então, que se pregue.<sup>119</sup>

Então se recorda aqui a regra de vida que Francisco deixou para ser vivida. Um dos elementos descritos da forma de vida. Nos lembra Berkenbrock,

<sup>118</sup> BASETTI-SANI, G. *Sarracenos*, 1999, p. 698

<sup>119</sup> Cf. CROCOLI, Aldir. *Francisco entre os muçulmanos: quais seus objetivos e seu êxito?*, pp. 37-54.

Baseado nestas recomendações que Francisco faz aos seus confrades no capítulo 16 da Regra Não-Bulada, é possível desenvolver um modelo de inspiração para um relacionamento de cristãos com pessoas de outra religião. Esta forma sugerida por Francisco é o que se poderia chamar de “atitude franciscana no diálogo inter-religioso”. Esta não constitui um modelo único, nem uma receita para se proceder no diálogo inter-religioso. Trata-se sim, antes de tudo, de uma atitude, de uma forma de agir e portar-se que pré-dispõe e dispõe para o diálogo.<sup>120</sup>

Esse contato de Francisco com o sultão é um tanto desafiador e, ao mesmo tempo, apresenta uma forma de relação e proximidade. Tanto a postura de Francisco quanto a do sultão revelam tratamento de respeito e diálogo. Cada vez mais se clama por uma postura de elegância e compreensão nas opções religiosas nos seus diferentes credos, confissões de fé. Neste encontro, nota-se, de fato, uma postura profética. “Francisco, na realidade, foi um gigante enquanto indivíduo, capaz de romper a bolha do modo de pensar da cristandade e assim ver os muçulmanos como povo que pertence ao projeto de salvação de Deus”.<sup>121</sup>

### 1.3.3 Encontro com as criaturas e a finitude

A predisposição dialógica do ser humano, demonstrado em Francisco de Assis, o seu ser referido à comunicação e à relação, conduz, pela fé em Deus e em Jesus Cristo, a uma autêntica fraternidade com todas as criaturas. O diálogo, promovido pela fé, torna-se o fundamento de uma fraternidade, na qual, à medida que se realiza, se edifica a verdadeira paz. Francisco baseia seu modo de vida nesta irmandade, naquele modo de vida que a tradição franciscana quis continuar. É precisamente por isso que Francisco baseia seu modo de vida e sua Regra no ideal da Fraternidade ou Fraternidade universal. E alargando ainda mais o horizonte, Francisco não reduz o ideal da Fraternidade às relações entre Cristo e os homens. Em uma visão universal e cósmica, ele inclui toda a Criação nesse relacionamento fraterno. E precisamente por isso, todas as criaturas se tornam irmãs e irmãos por meio da reconciliação em Jesus Cristo, que se faz através da mútua solidariedade amorosa na paz que Deus deu em seu Filho.

A relação de São Francisco às criaturas é de uma ternura e candura, espontaneidade e naturalidade, beleza e harmonia, quentura e delicadeza, força e suavidade, de um tão cavalheiroso respeito, que causa admiração não apenas em épocas transcendentalistas como a Idade Média, mas mesmo aos homens de hoje, que se gloriam de estar levando à culminância a descoberta da existência e do sentido da natureza visível.<sup>122</sup>

<sup>120</sup> BERKENBROCK, V. A atitude franciscana e o diálogo inter-religioso. In: MOREIRA, A.S. (Org.) *Herança Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 20.

<sup>121</sup> CROCOLI, Aldir. *Francisco entre os muçulmanos: quais seus objetivos e seu êxito?*, p. 54.

<sup>122</sup> KOSER, Constantino. *O pensamento franciscano*. Editora Vozes: Petrópolis, 1998. p. 113

De fato, esse lado místico e embelezado de Francisco com as criaturas o torna muito agradável. Porém, ao se ater ao Cântico do irmão Sol, que se encontra nas fontes franciscanas e clarianas, relatado por Francisco no final de sua vida, representa o processo e o crescimento de Francisco na sua relação com o Criador. E muito mais, pode-se dizer, que neste cântico se encontra a capacidade de Francisco em assumir a condição do sair de si cada vez mais pleno, a ponto de olhar em tudo a presença de Deus, o Criador.

Para se chegar a ter a atitude correta para com as criaturas, antes de tudo é necessário renunciar a tudo. Palavra negativa para um conteúdo positivo. Significa que se deve conquistar o perfeito domínio de si mesmo e com ele pôr em ordem os desejos e sentimentos, a ternura e o amor.<sup>123</sup>

#### Segundo Raoul Manselli:

Para o santo, o universo como realidade cósmica é resultado [...] da onipotente ação criadora de Deus: o que de novo e de mais é aqui acrescentado é que esta natureza é por Francisco como que humanizada, nunca confundida, porém, com a realidade vivente. O sol é irmão, a lua e as estrelas, como a água, são irmãs, irmãos o fogo e o vento.<sup>124</sup>

Essa relação indica o fato de que o sol ou a lua foram criados por Deus exatamente com o mesmo processo criativo do homem. “Há uma solidez unitária do cosmo como criação, mas com uma distinção bem precisa dos seus diferentes planos”.<sup>125</sup> Assim é o cântico do Irmão Sol:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, *a glória e a honra* e toda a *bênção*. Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te.

Louvado sejas, meu *Senhor*, com todas *as tuas criaturas*, especialmente o Senhor Irmão Sol, o qual é dia, e por ele nos iluminas. E ele é belo e radiante com grande esplendor, de ti, Altíssimo, traz o significado. *Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas*, no céu as formaste claras e preciosas e belas. Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e todo o tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento. *Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água*, que é mui útil e humilde e preciosa e casta. *Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo* pelo qual iluminas a noite, e ele é belo e agradável e robusto e forte. *Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra* que nos sustenta e governa e produz diversos *frutos* com coloridas flores e *ervas*.

Louvado sejas meu Senhor, por aqueles *que perdoam* pelo teu amor, e suportam enfermidade e tribulação. Bem-aventurados aqueles que as suportarem em paz porque por ti, Altíssimo, serão coroados. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar. Ai daqueles que morrerem em pecado mortal: bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade,

<sup>123</sup> KOSER, Constantino. *O pensamento franciscano*, p. 116

<sup>124</sup> MANSELLI, Raoul. *São Francisco*, p. 295

<sup>125</sup> MANSELLI, Raoul. *São Francisco*, p. 296



porque *a morte segunda* não lhes fará mal. *Louvai e bendizei* ao meu *Senhor*, e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade.<sup>126</sup>

Não será feito aqui uma análise profunda deste cântico, mas aqui o mencionamos para compreender a dimensão de irmandade que foi imbuída por Francisco, desta fraternidade universal. Vale observar que a inspiração de Francisco nesse cântico não se dá mediante a beleza, sob um monte maravilhoso para se contemplar a natureza, ao contrário, o cântico nasce no momento da dor, do sofrimento de Francisco, inclusive quase cego, isto é, praticamente no final de sua vida.

Ao elaborar esse cântico Francisco pede aos frades para pregarem-no, isto para promover a paz<sup>127</sup> como se encontra em uma das estrofes, mais adiante será refletido sobre, mas também o motivo de pregar esse cântico era para contrastar com a ideologia dos Cátaros.<sup>128</sup> Manselli, afirma que para responder ao catarismo, Francisco sem recorrer a discussões teológicas, Manselli afirma o seguinte:

faz valer dois aspectos do mundo, ambos com capacidade de persuasão intuitiva, tendo presentes mentalidades que não estejam dialeticamente preparadas, a saber, a onipotência de Deus mesmo e a positividade da criação, como obra de beleza, que de per si convence também como bondade.<sup>129</sup>

O Cântico além ter essa expressão poética também surge neste período histórico em que as heresias tomam conta da Igreja e, Francisco, ao redigir este cântico manifesta esta preocupação em apresentar o universo não como um inferno, como pensam os cátaros, mas sim como uma obra, que é “o resultado de uma extraordinária e onipotente bondade que na criação do universo se revela também como beleza.”<sup>130</sup>

Algumas características interessantes se notam no cântico. Apresenta um Francisco confraternizado, no qual todos são irmãos e irmãs, se diria mais, revela um homem integrado, estando para além de si mesmo. Um homem profunda e ricamente agraciado por Deus e, ao mesmo tempo, obrigado a responder com humildade e amor ao dom da vida. Assumir sua vida e o mundo como um presente que o fortaleceu em sua atitude de reverência e gratidão.

<sup>126</sup> Cnt – Cântico do Irmão Sol (Cf. FFC, pp. 104-105)

<sup>127</sup> Cf. 2EP 101.

<sup>128</sup> Os cátaros pensavam que as almas humanas eram almas de anjo, aprisionadas dentro da criação física de Satanás. E um dos argumentos dos Cátaros contra a criação divina do mundo era precisamente a força destruidora da natureza como mal; isto se constata nos seres feios e disformes. O universo que mostra a capacidade criadora de beleza, que é Deus, exclui dele o mal. (Cf. MANSELLI, Raoul. São Francisco, p. 292)

<sup>129</sup> MANSELLI, Raoul. *São Francisco*, pp. 291-292

<sup>130</sup> MANSELLI, Raoul. *São Francisco*, p. 292

O primeiro capítulo da dissertação foi, de fato, olhar para Francisco e seus encontros. Dentro desta dimensão do encontro consigo mesmo, como também o encontro com Altíssimo Senhor, tanto no crucifixo como no Evangelho e como consequência deste caminhar até então, se resulta no encontro com os irmãos. Inclusive com aquele que é visto como inimigo e rival na história para com quem foi capaz de se dirigir ao encontro. E para finalizar é notável a capacidade da plenitude do encontro na sua finitude denominando toda a criação como irmãos e irmãs, inclusive a morte, expressão esta revelada no cântico do irmão sol.

## 2 FRANCISCO SE ENCONTRA EM SEUS ENCONTROS

As experiências vividas por Francisco de Assis a partir dos encontros e desencontros foram importantes em seu processo de encontrar-se consigo mesmo, e mais que isso, encontrar-se com o próprio Deus. Percebemos que os encontros são “decisivos, surpreendentes e configurantes”.<sup>131</sup> Decisivos, pois o levaram a ter atitudes que necessitava fazer escolhas, como no relato do sonho no qual fora questionado a quem servir: ao servo ou ao Senhor.<sup>132</sup> Surpreendentes, porque Francisco adotava posições inimagináveis por ser quem era: o encontro e o abraço ao leproso, revelam uma grande surpresa. E configurantes, pois os passos dados, decididos o levaram a transformar-se, configurar-se a um outro estilo de vida diferente daquele que estava habituado.

Nessa perspectiva recorda-se que Francisco “era como uma esfera que gira vertiginosamente em busca de seu centro, Deus”.<sup>133</sup> A partir da ocasião que tomou a sério a si mesmo, foi aos poucos desmoronando seu próprio eu. Para Merino, o santo “foi um implacável iconoclasta de sua própria imagem para fazer de Deus seu único absoluto, o único ícone”<sup>134</sup>. Isso revela o despojamento das coisas e a desapropriação de si mesmo, para que o Absoluto ocupe o maior espaço que há dentro de si.

Deus não é simplesmente questão de ascética e de mística, de devoção ou de fervor, de beatice ou de recolhimento, de poesia ou de estética, de medo ou de esperança diante do além e do aquém. Deus pertence à questão fundamental do homem de ser ou não ele mesmo. Deus entra nele como uma das dimensões mais profundamente antropológicas.<sup>135</sup>

Francisco percebe que para descobrir-se a si mesmo é necessário que Deus entre nele e assim possa compreender quem ele é e o que Deus quer dele. São muitos momentos de solidão com seu centro, Deus. São encontros que favoreceram a busca de uma identidade real e verdadeira. Sendo possível apresentar um novo homem, com novas características, revelando que o homem é ser capaz de estar aberto ao mundo.

---

<sup>131</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano* – franciscanismo e mundo atual, p. 85

<sup>132</sup> Cf. LTC 6; 1Cel 7; 2Cel 6; LM 1,3; AP 6-7

<sup>133</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano* – franciscanismo e mundo atual, p. 121

<sup>134</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano* – franciscanismo e mundo atual, p. 121

<sup>135</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano* – franciscanismo e mundo atual, p. 119

Tendo em vista os encontros vividos pelo santo de Assis, pode-se dizer que o processo de conhecer-se a si mesmo é aceitar-se a si mesmo. E mais, o humano não se realiza e nem se reconhece sem o outro e sem os outros, pois o mesmo é feito para viver em comunidade, pois não foi criado para ser um isolado.

Para Merino o ser humano, numa perspectiva franciscana é:

Um ser composto de espírito e de matéria, ao mesmo tempo que é imagem e semelhança de Deus (aspecto ôntico-entitativo), em relação aberta e religante com o ser finito-infinito (aspecto referencial operativo), projetado no tempo e no espaço (aspecto mundano e histórico) e inserido e vinculado numa comunidade de pessoas concretas (aspecto vocacional-significativo). O homem franciscano é uma tensão indefinida e infinita para uma síntese desejada, mas ainda não alcançada.<sup>136</sup>

O encontro é capaz de fazer que o homem possa celebrar e concelebrar, viver e conviver, amar e compartilhar. Quando se trata de um encontro verdadeiro, se percebe uma relação de abertura à liberdade dos outros, isto é, sem encontrar perigos ou ameaças frente a outro com quem se encontra.

No encontro com o Grande outro, Francisco entende que “Deus não só é o ser fundante e criador de tudo. É Pai, é Bem, Sumo Bem, o Altíssimo, é Presença total é proximidade, é Sabedoria, com quem se cria uma relação profundamente pessoal que incide no ser de cada um”.<sup>137</sup> Na vida franciscana, Deus “é o grande motivo para que o homem se apresente como sentinela da existência total onde nenhum valor humano, mundano e histórico seja desatendido, mas atendido, estimado, promovido e referido ao seu fundamento mais fundamental”.<sup>138</sup>

Merino explica:

A relação franciscana com o tu, com a comunidade, com Deus, com a história e com a natureza não se reduz a uma bela expressão e explicação fenomenológica [...], mas conota uma mística de participação. É uma relação mais afetiva do que mental, mais existencial do que categorial, mais vivencial do que conceitual.<sup>139</sup>

Tendo alguns elementos com os quais Francisco se encontrou para estar neste processo de encontro consigo mesmo, se procurará neste segundo capítulo da pesquisa apresentar o que significam os encontros realizados por ele. Sob uma metodologia do “discernir”, primeiramente olhará para a dimensão do encontrar-se como irmão a partir do encontro com o leproso já visto

<sup>136</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano* – franciscanismo e mundo atual, p. 118

<sup>137</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano* – franciscanismo e mundo atual, p. 117

<sup>138</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano* – franciscanismo e mundo atual, p. 160

<sup>139</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano* – franciscanismo e mundo atual, p. 115

no capítulo anterior. O encontro com o leproso, certamente foi uma abertura para se deparar como irmão. A partir do leproso, percebemos a capacidade de se relacionar com os outros. Assim, Francisco de Assis foi capaz de deixar-se encontrar com o pobre. Essa relação de viver sem nada de próprio nos mostra um caminho de fraternidade universal, do respeito, do diálogo e não o autoritarismo e a imposição violenta. Se discorrerá sobre o desprendimento de si, bem como a descoberta do ser irmão do pobre, do excluído.

Em seguida a esta apresentação se pretenderá compreender a relação kenótica de Cristo, e como se reflete nos encontros de São Francisco. Para isso, será desenvolvido sobre a dimensão da *kénôsis* e a ideia sobre a pobreza como minoridade no olhar franciscano.

A partir desse embasamento cristológico que ocasiona em Francisco, portanto, no ser franciscano, a forma de se relacionarem com o outro e os outros, exploraremos a dimensão da fraternidade universal. De fato, ele foi um ser humano que buscou integrar de forma plena o imanente com o transcendente. O seu jeito de ser revelava isso. O ser para o outro, a forma de viver expropriado como também, considerar tudo e todos como irmão e irmã, o que nos revela o cântico do Irmão Sol. O reconhecer a graça de Deus é fundamental para sair de si em direção ao outro, antes de mais nada, a fé desloca o centro de si mesmo para Deus.

Vale enfatizar que Francisco não foi pobre para ser uma pessoa mortificada ou asceta. Não era o ascetismo que lhe interessava. Optou pela não apropriação como caminho para a fraternidade. Foi porque conseguiu viver-para-o-outro, porque nunca mostrou suas propriedades, porque possibilitou que todos o sentissem com um “verdadeiro irmão”, que Francisco se tornou referência para todo o ser humano. Dessa forma, se procurará desvendar alguns elementos que favorecem para compreender as consequências de suas escolhas e em abraçar o ideal evangélico. Seguida uma leitura do cântico do Irmão Sol, uma fonte escrita no final de sua vida, que manifesta o seu ápice da finitude. E por fim, entender a sua integralidade como um ser humano.

Francisco, “soube orientar e potencializar todo o seu cabedal humano a serviço dos outros de um modo mais intenso quando optou definitivamente por viver segundo o projeto do Evangelho”,<sup>140</sup> essa foi uma maneira de expressar toda sua potencialidade a partir do Evangelho.

---

<sup>140</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano* – franciscanismo e mundo atual, p. 166

## 2.1 O IRMÃO DO LEPROSO

Um dos marcos da conversão do Santo de Assis, como já visto anteriormente foi o seu encontro com os leprosos. O encontro provocou nele uma concepção de vida muito profunda, tanto que foi capaz de fazer com que realizasse misericórdia com os irmãos.

Crocoli afirma que essa experiência de misericórdia, realizada por Francisco de Assis, foi uma forma de ele entrar na própria miséria dando para os leprosos o próprio coração. Realiza-se, então o movimento de sentir a necessidade do outro, de sentir em si mesmo a sua necessidade, nesse “movimento para baixo que nasce a conversão, a inversão da vida, a descoberta de uma nova identidade”.<sup>141</sup> Afinal, “entre os leprosos não descobriu a pobreza para ser pobre, mas a pobreza para ser misericordioso”.<sup>142</sup>

O que constitui o homem em imagem de Cristo é o ser crucificado, débil, insignificante, fracassado, expulso. A imagem de Deus revelada em Cristo não a possuem nem os formosos, nem os ricos, os nobres, sábios, nem os místicos, nem os teólogos, nem os fazedores de milagres, nem os convertidos dos infiéis, nem os governantes defensores da fé e da Igreja, nem os eclesiásticos mais conspícuos. A única verdadeira alegria do homem, o único motivo de glória consiste na identificação com o Cristo sofredor e paciente.<sup>143</sup>

O se colocar junto ao Cristo sofredor que resplandece na presença do irmão que sofre, é motivo de grande glória para a realização do projeto de Deus e caminhar junto dele para alcançar a plenitude da vida. Esta é a dimensão do encontro que Francisco teve ao se colocar juntos dos leprosos, como também dos pobres de Assis. Todo o encontro é transformador na medida em que se permite que se realize de forma concreta, ou seja, que ambos os lados sejam recíprocos em abertura um ao outro.

Para compreender essa dimensão de Francisco como irmão do leproso, isto no aspecto antropológico, tentar-se-á analisar a dimensão do ser irmão desapropriado, um conceito eminentemente ligado ao jeito de ser franciscano. O viver desapropriado é saber que se escolhe a liberdade como uma condição de vida, sem estar atrelado, preso a algo ou alguém impedindo de se relacionar com os outros. A partir desta escolha, num segundo momento se discorrerá sobre o ser irmão do pobre, do excluído, do diferente o que remete ao encontro de Francisco com o pobre e o leproso e inclusive com o sultão.

---

<sup>141</sup> CROCOLI, Aldir. A herança de Francisco de Assis. Leitura do seu Testamento, p. 43

<sup>142</sup> CROCOLI, Aldir. A herança de Francisco de Assis. Leitura do seu Testamento, p. 45

<sup>143</sup> BÓRMIDA, Jerônimo. *A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV*. Ed. EST: Porto Alegre, 1997, p. 150

### 2.1.1 Irmão desapropriado

Como visto no capítulo anterior, na relação de Francisco com o seu pai Pedro Bernardone, nota-se um momento muito significativo na vida do assisense, se trata do ápice do abandonar tudo aquilo que o deixa preso na vida “mundana” e não o permite viver de forma plena a causa do Evangelho. Não tornando repetitivo a questão novamente neste ponto, contudo, pretende-se elencar alguns elementos sob o olhar do Evangelho que contribuam para a decisão do santo em se colocar de forma desapropriada. Então traz-se presente as próprias palavras do Evangelho que resultam em Francisco a dimensão da desapropriação. Essa dimensão da desapropriação remete a outros episódios da vida do santo, bem como um conceito muito importante na relação franciscana. Este relato pode ser encontrado em 1Cel 15, 2Cel 12, LM 2,4, LTC 19. Ela é intrinsecamente correlacionada à dimensão da pobreza e minoridade.

Sobre a atitude realizada na praça por Francisco frente a Pedro Bernardone junto ao bispo, comenta Manselli:

Se tinha uma importância jurídica e social, exprimia também não menor importância de significado eclesialístico e espiritual. A nudez era uma das formas de humilhação prevista canonicamente para a penitência pública: despojando-se daquelas roupas com as quais tantas vezes tinha cantado, dançado, brincado, participado com os seus amigos das mundaneidades do século, Francisco renunciava globalmente ao passado e indicava, de maneira inequívoca, o propósito de penitência.<sup>144</sup>

O se despir era forma de garantir uma nova vida, um recomeçar numa perspectiva diferente, longe daqueles sonhos que uma vez faziam parte de seu projeto. Essa desapropriação é condição básica para o seguimento do Evangelho. Se encontram diversas ocasiões em que Cristo provoca essa maneira para dedicar-se inteiramente ao Reino. Gesto este que remete a Sagrada Escritura no Novo Testamento, “Vós vos desvestistes do homem velho com as práticas e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador” (Cl 3, 9-10), também se encontra em Efésios:

a remover o vosso modo de vida anterior – o homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas – e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade (Ef 4, 22-24).

Se percebe nitidamente essa relação para melhor viver na causa, pois o estar preocupado com a materialidade, com as coisas dificultam viver de forma plena para vontade do Pai, além

---

<sup>144</sup> MANSELLI, Raoul. *São Francisco*, p. 63

de não carregar consigo uma forma de violência. Quando se tem, a preocupação consiste em garantir a segurança daquilo que se tem, para que ninguém o roube e para isso se requer atitudes de violência, para que o outro não o atinge. Então o escolher viver desapropriado, é escolher estar longe de qualquer tipo de violência, e ter a certeza que a sua segurança é o próprio Deus. Aliás, Bórmida afirma que, “no mundo perfeito que Cristo veio inaugurar, o homem não tem o direito de possuir nem bem nem pessoas, porque somente goza os atributos de filho-irmão, não os de pai e dono”.<sup>145</sup>

A fé sugere a Francisco que Deus é “o dom perfeito, todos os bens, todo o bem, verdadeiro e sumo bem, desejável acima de todas as coisas”. “E queremos atribuir todo o bem propriedade dele e render graças por tudo a ele, de quem todos os bens procedem... Devemos persuadir-nos de que só nos pertencem os vícios e os pecados”. Quanto aos bens exteriores, o santo elabora uma teologia simples do direito de propriedade, em termos feudais. Deus é o Rei, senhor universal de tudo, que concede como “feudo temporal” os bens da terra. O homem, simples feudatário diante de Deus, deve colocar nas mãos de seu Senhor, ou voluntariamente durante a vida, ou por força depois da morte tudo o que possui.<sup>146</sup>

Para Francisco, é possível dizer que todos os bens criados, vistos a luz do supremo domínio de Deus, o qual criou coisas tão bonitas, agradáveis e úteis é para que fosse possível doar inteiramente sua vida de louvor e gratidão. Daria para afirmar que viver desapropriado é uma forma de viver livre. Uma liberdade inteiramente voltada para Deus, aquele que o chamou. Em um dos escritos franciscanos há um texto chamado Aliança Sagrada<sup>147</sup> e relata sobre a relação de Francisco com a pobreza, bem como condição de desapropriação, o prólogo deste texto assim afirma:

Na verdade, o reino dos céus é por merecimento daqueles que, por própria vontade, com intenção espiritual e com desejo dos bens eternos, nada possuem de terreno. É necessário que viva das coisas celestes aquele que não se preocupa com as terrenas; e saboreia no presente exílio com bom paladar as doces migalhas que caem da mesa dos santos anjos aquele que renunciando a todas as coisas terrenas, considera tudo como esterco, para merecer degustar quão doce e suave é o Senhor.<sup>148</sup>

Justamente por esse desejo que Francisco, como verdadeiro imitador de Cristo, procura viver de forma desapropriada, observado esse ideal da santa pobreza, como ele mesmo dizia.

<sup>145</sup> BÓRMIDA, Jerônimo. A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV, p. 116.

<sup>146</sup> IRIARTE, Lázaro. *Vocação Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 79.

<sup>147</sup> Sobre a Sacrum Commmercium ou Aliança Sagrada (AI) – Considerada do ponto de vista literário uma das mais belas páginas da literatura franciscana, a Aliança Sagrada teve sua primeira edição em 1539 e a segunda em 1676. Difícil definir o autor deste texto, contudo, atribuem a João Parenti, Ministro Geral dos Frades dos anos 1227 a 1232. Uma literatura que diz respeito a teologia da pobreza em Francisco de Assis.

<sup>148</sup> AI, [prólogo 7-9]



Bórmida ao descrever sobre a desapropriação, faz referência ao texto da Aliança Sagrada que se encontra junto as Fontes Franciscanas e Clarianas e destaca que, “o ser humano nu continua sendo o ideal do futuro, assim como a perfeição da sociedade deverá ser buscada na perfeita liberdade e na ausência de apropriações.<sup>149</sup> Desta forma, tendo como espelho o próprio Cristo que abraçou legitimamente essa desapropriação para estar em função do Outro e dos outros. Para os franciscanos, desta forma, a propriedade está na esfera do pecado e da morte e de certo modo é fruto ocasionado pelo pecado, segundo Bórmida, sendo assim, “de modo análogo, como se há de lutar contra o pecado para fazer o mundo segundo Deus, também se deveria lutar contra a propriedade”.<sup>150</sup> Para ir ao encontro de todos e ser visto como irmão é necessário estar desprendido, isto é, visto sem ser uma ameaça ao outro. Ir ao encontro de forma desinteressada, em que outro se sinta aceito e acolhido na sua condição de ser.

### 2.1.2 Irmão do pobre, do excluído, do diferente

Francisco de Assis fez um longo processo de compreensão e aceitação da condição humana e frágil, quando desceu na pirâmide social, fez o caminho de sair dela, ir para baixo, ou ser “menor”. “Libertado da prisão pouco tempo depois, tornou-se ainda mais bondoso para com os necessitados. Resolveu, desde então, não desviar o rosto de pobre nenhum, de ninguém que ao pedir lembrasse o amor de Deus”. (2Cel 5, 1-2)

Ele fez a experiência de ser pobre, durante seu processo de “descida” social, ele queria e buscava um sentido para sua vida. É nessa experiência que encontra e assim segue mais profundamente na busca de ser um seguidor de Jesus Cristo numa “Igreja pobre e para os pobres”.<sup>151</sup> Realizar esta experiência por Francisco de Assis é uma autentica busca pela essência de Deus.

Passou a ser, então, o maior amigo dos pobres, e seu santo começo fazia entrever a perfeição que haveria de atingir mais tarde. Muitas vezes despiu-se para vestir os pobres, procurando assemelhar-se a eles se não de fato, nesse tempo, pelo menos de todo coração. Numa peregrinação a Roma, o amor da pobreza levou-o a tirar sua roupa luxuosa e a vestir a de um pobre. Juntou-se alegremente aos mendigos no átrio da igreja de São Pedro, onde são numerosos, e comeu avidamente com eles, sentando-se alegre no meio deles e sentindo-se como um deles (2Cel 8,1-3).

<sup>149</sup> BÓRMIDA, Jerônimo. *A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV*, p. 121.

<sup>150</sup> BÓRMIDA, Jerônimo. *A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV*, p. 123.

<sup>151</sup> cf. Papa Francisco na primeira entrevista para a imprensa, após a renúncia de Bento XVI, em 16 de março de 2013.

Nesse processo de esvaziamento pessoal, Francisco não tinha a pretensão de ser alguém importante para sua época. Isso demonstra o tamanho da experiência e a profundidade que fez, ele descobriu no excluído o rosto de Jesus em cada pobre que encontrou.

Francisco de Assis não quis ser um super-homem nem imitar nenhum dentre os grandes heróis da história, mas pretendeu viver essa verdade elementar que Ignácio Silone põe na boca do Papa Celestino V: “pode-se dizer que toda a existência de um cristão tem esta finalidade: chegar a ser simples”. Mas é nesta sublima simplicidade que esse cristão pobre viver ao máximo as relações interpessoais mais profundas, mais humanas e mais humanizantes.<sup>152</sup>

Nas experiências e vivências profundas da fé em Jesus Cristo, Francisco sempre teve presente o Cristo pobre e tinha um olhar sensível aos pobres e excluídos do seu tempo, como ele mesmo atesta:

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo (Test 1-3).

Encontrar-se com o Senhor é para Francisco a maior de todas as buscas, o maior feito, a maior alegria e saber que são nos “*loci orandi*” sejam eles o presépio, a cruz, a Eucaristia que “configuram os lugares privilegiados do encontro de Francisco com Cristo. Cristo pobre, desapropriado de todo, nu em seu presépio e na cruz, é a lente pela qual se contempla e se entende o mundo, o homem e Deus”.<sup>153</sup> Esses locais revelam a importância de reconhecer no pobre o rosto pobre de Jesus.

Ter a sensibilidade que Francisco tinha gera a capacidade de compaixão, de empatia e misericórdia aos que sofrem, quando se vê no pobre e no excluído o rosto de Jesus para quem tem uma espiritualidade e uma fé profunda produz estes frutos. O encontro com o outro, faz Francisco perceber que à sua frente há um sujeito, uma pessoa que também tem a mesma miséria que ele também tinha. Nesse confronto o santo coloca a sua sensibilidade, deixando que o outro fosse apenas o outro, possibilitando certamente, que o olhar do leproso pudesse perpassar pelo seu, fazendo com que transformasse a ele mesmo. E foi o que aconteceu - realizou misericórdia para com os leprosos.

<sup>152</sup> MERINO, J. Antônio. Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual, p. 169.

<sup>153</sup> BÓRMIDA, Jerônimo. A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV, p. 148.

Percebendo o leproso como sujeito, como pessoa, Francisco passa redescobrir um outro ser. Não mais aquele que como é visto pela sociedade de sua época.

A nível humano, todo amor amadurece no conhecimento do amado na sua realidade, para além das próprias ilusões e projeções. [...] é necessário um longo caminho, que passa pelo diálogo honesto e profundo, um abrir-se à possibilidade que o outro seja diferente do modelo idealizado. [...] vão se delineando contornos inesperados no rosto do outro e de Deus e são experimentados como partes de si anteriormente ignoradas.<sup>154</sup>

O encontro é necessário para quebrar paradigmas existentes em muitas de nossas concepções, por sinal muitas delas são concebidas de forma antropológica culturalmente, ou seja, o mundo que nos cerca, o qual vivenciamos nos leva a viver como ele – o mundo – próprio nos molda.

Que língua consegue narrar de quanta compaixão para com os pobres este homem foi dotado? De fato, tinha uma clemência congênita que uma compaixão infusa duplicava copiosamente. E assim, o espírito de Francisco derretia-se para com os pobres e, aos que não podia estender a mão, oferecia o afeto. Com a mente voltada [para Cristo] e em rápida transferência, ele atribuía a Cristo tudo que via de necessidade, tudo que via de penúria em alguém. Assim, ele lia em todos os pobres o Filho da Senhora pobre, trazendo nu no coração quem ela trouxe nu nas mãos (2cel 83, 1-5).

A experiência de Francisco com Jesus o torna uma pessoa de oração e feita oração encarnada no pobre. Este encontro é o fator principal que o torna menor e faz buscar esta minoridade diante de todos, de modo preferencial aos pobres que socialmente já o são menores.

O fato indubitável é que, no final do processo de conversão, o Cristo pobre se converte em chave de leitura de toda realidade e que os pobres reais com os quais partilha e quer voluntariamente compartilhar sua vida, tornam-se o horizonte de compreensão do mistério da revelação de Cristo.<sup>155</sup>

O amor e a experiência em Deus feito homem, pobre e sofredor traz para Francisco a compaixão e misericórdia de encontrá-lo no outro. A experiência marcante da espiritualidade de Francisco de Assis se dá no amor ao pobre, ao leproso, ao excluído, naquele que tem necessidades. Portanto, uma experiência de encontro com Deus no qual o amor de Deus é o princípio fundante e torna Francisco mais humano e preocupado com os necessitados.

O primeiro é a experiência de Deus como Amor, por isso se inter-relacionam pobreza, humildade, simplicidade, entrega, etc. o segundo é o amor pelos pobres e necessitados

<sup>154</sup> SALONIA, Frei Giovanni. *Kairós. Direção espiritual e animação comunitária*, pp. 60-61

<sup>155</sup> BÓRMIDA, Jerônimo. *A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV*, p. 150.

da sociedade, porque tem o impulso de restituir a dignidade filial que lhes corresponde e toma consciência do seu ser fraterno.<sup>156</sup>

Deus sempre buscou fazer aliança com seu povo na história da salvação, assim sendo Deus sempre tem a primazia, ele age primeiro e aguarda a resposta humana. Jesus Cristo ao ser enviado pelo Pai buscou ajudar a todas as pessoas.

Se Deus, através de Jesus Cristo, se tornou companheiro do homem e se colocou a seu serviço, o mesmo quis Francisco com sua fraternitas: ser simples, irmão e servidor de todos os homens, aos quais incansavelmente repete: “o Senhor te dê a paz”.[...] A fraternitas franciscana, renunciando a bens, a domínio, a prepotência e a privilégios, e vivendo como itinerante e em meio dos pobres e marginalizados, supôs um acontecimento não só religioso e eclesial, mas também social e político de primeira grandeza.<sup>157</sup>

Se tornar irmão do pobre e do excluído é resultado de muito esforço interior no qual conta-se com a graça de Deus e se reconhece que Deus não precisa, mas busca o ser humano. Para Francisco de Assis entre o período do seu contato com os leprosos e o despojamento total da família é “o momento crucial que para ele foi algo que vivera alguns meses antes: sua aproximação com o mundo dos leprosos como símbolos da exclusão social”.<sup>158</sup> Isto significa perceber que com o afastar-se do mundo, como ele mesmo afirma no seu Testamento após o relato da experiência do encontro com os leprosos: “e, depois, demorei só um pouco e saí do mundo”. (Test 3) Ele precisou de certa forma ingressar em outro mundo. Este mundo era aquele no qual certamente já estava vivendo, juntamente com os pobres e leprosos de Assis, a quem sentiu-se impelido de estar junto.

A relação do santo de Assis, não era de simplesmente o de dar esmola, “importantes lhes são agora as histórias, as trajetórias pessoais dos pobres, os fatos da vida que lhe revelam os pobres.”<sup>159</sup> E por este caminho nota-se que “Francisco consegue ver nelas valores que ele abraça como quem abraça um tesouro de grande valor.”<sup>160</sup>

Deus não é o espelho do homem, nem o inventário das possibilidades humanas, nem o ser que empobrece ontologicamente o ser humano, mas o ser Altíssimo que o criou, que o ama, que o sustenta, que o liberta e que o leva à sua máxima plenitude. É o ser

<sup>156</sup> No original: La primera es la experiencia de Dios como Amor, por eso se interrelacionan pobreza, humildad, sencillez, donación de sí, etc; la segunda es el amor a los pobres y necesitados de la sociedad, porque posee el impulso para devolver la dignidad filial que les corresponde y toma conciencia de su ser fraterno. – tradução nossa. FRESNEDA, Francisco Martínez. Francisco de Asís, hombre “nuevo”. *Selecciones de Franciscanismo*. v. 38, n. 114, 2009, p. 388.

<sup>157</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 201.

<sup>158</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco de Assis*, p. 36.

<sup>159</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco de Assis*, p. 38.

<sup>160</sup> CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco de Assis*, p. 38.

fundante e religante com o qual o homem tem uma relação mais forte e mais elevada do que a que o vincula à sua própria espécie; e é neste fundamento fundante que o homem se sente verdadeiramente fundado, apoiado, sustentado e garantido.<sup>161</sup>

Francisco de Assis tinha a capacidade de identificar no pobre, o Senhor, isto é fruto da sua imensa e profunda experiência de Deus, ele reconhece e ao mesmo tempo auxilia.

Num outro dia de sua pregação, veio ao eremitério um homem pobrezinho e enfermo. Compadecendo-se do duplo sofrimento dele, a saber, da pobreza e da doença, começou a ter uma conversa com o companheiro sobre a pobreza. E, ao compadecer-se daquele que sofria, como já tivesse passado ao afeto do seu coração, disse-lhe o companheiro: “Irmão, é verdade que ele é pobre, mas talvez toda a província não haja mais rico pelo desejo”. Imediatamente, o santo o repreendeu e assim lhe disse, enquanto ele confessava sua culpa: “Vai depressa e despe-te de tua túnica e, lançando-te aos pés do pobre, proclama-te culpado! Não somente peças perdão, mas suplica a oração dele!” Obedeceu, deu a satisfação e voltou. Disse-lhe o santo: “Quando vês um pobre, ó irmão, é-te proposto o espelho do Senhor e de sua Mãe pobre. (2 Cel 85)

Esse reconhecimento faz com que Francisco aja também na sociedade e assim nesta sua atuação traz a dignidade novamente àquele que antes estava excluído. “Esse envolvimento pessoal traz consigo uma identificação com os pobres da sociedade para recuperar sua dignidade. E tanto a liberdade quanto o compromisso que ele adquire com eles vêm de sua experiência de Deus”.<sup>162</sup>

Por isso que para Francisco esta dimensão da fragilidade, é o que indica a densidade e o nível do amor de Deus. E desta forma ele “acentua tanto a condição humilde, pobre e crucificada de Jesus. Quanto mais disparidade existe entre Deus e sua criatura, entre poder e fraqueza, entre graça e pecado, etc., mais a intensidade do amor de Deus e seu desejo de regenerar o homem são testados.”<sup>163</sup> É importante lembrar que ir ao encontro do pobre, do excluído como fez Francisco é também o caminho para todos os outros que se colocaram no seguimento dele.

E ele também quer salvar a consciência de que nem o irmão nem a Fraternidade, como seguidores do Senhor, devem viver apenas para si. Os irmãos foram enviados ao mundo para a sua salvação, a começar pelo último, aqueles que aquela sociedade então

<sup>161</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 157.

<sup>162</sup> No original: Esta implicación personal lleva consigo una identificación con los pobres de la sociedad para recuperar su dignidad. Y tanto la libertad como el compromiso que adquiere con ellos provienen de su experiencia de Dios”. - tradução nossa. FRESNEDA, Francisco Martínez. Francisco de Asís, hombre “nuevo”, pp. 374-375.

<sup>163</sup> No original: acentúa tanto la condición humilde, pobre y crucificada de Jesús. Cuanta más disparidad se dé entre Dios y su criatura, entre la potencia y la debilidad, entre la gracia y el pecado, etc., más se prueba la intensidad del amor de Dios y su deseo de regenerar al hombre. – tradução nossa. FRESNEDA, Francisco Martínez. Francisco de Asís, hombre “nuevo”, p. 379.

havia retirado de seu censo, os leprosos, seguindo o Mestre que se tornou pobre e emigrante, irmão dos pobres e emigrantes.<sup>164</sup>

Com olhar voltado para as relações humanas, nesta perspectiva franciscana, como pressuposto básico da vida do santo de Assis, é notável o quão forte e importante é a relação com os pobres e excluídos da sociedade, conquanto é necessário, para criar espaços e possibilidades para essas relações terem a escolha por uma vida desapropriada, ou seja, a escolha por não criar impedimentos na procura dos encontros.

## 2.2 ENCONTRAR-SE NA *KÉNÔSIS* DE CRISTO

Francisco de Assis tem uma relação imprescindível com Jesus Cristo. Em Francisco toda a sua vida e experiência é em torno do Cristo, a quem segue. Percebe-se a presença e a influência de Cristo, nas decisões e rumos que o santo tomou. “Quase desde o começo de sua busca de Deus como valor supremo e único de sua vida, o Santo de Assis encontra Jesus no rosto do leproso, no crucifixo de São Damião, nas Igrejas que ele visita cotidianamente e concentra sua existência no Evangelho”.<sup>165</sup> Os encontros por ele experienciados são sinais reais da experiência do encontro com o próprio Cristo. A revelação do conhecer-se a si mesmo foi mediante a revelação do Cristo presente na vida real e concreta.

A primeira imagem de Jesus que “Francisco conhece é aquela que invoca a ruptura prática com tudo que em seu ambiente se opõe à fraternidade humana e oprime o homem”.<sup>166</sup> E essa imagem revela uma tomada de atitude totalmente diferente, uma reviravolta na própria forma de ser de Francisco, fazendo-o optar pela pobreza absoluta: “ficou nu, para seguir o Senhor crucificado nu” (LM 2, 4).

Pode-se dizer que “Francisco de Assis identifica-se com Jesus Cristo. Jesus Cristo o define, o explica e o monopoliza. Jesus Cristo virou toda a sua vida e todos os seus caminhos

---

<sup>164</sup> No original: Y quiere salvar también la conciencia de que ni el hermano ni la Fraternidad, en cuanto seguidora del Señor, son para vivir sólo para sí. Los hermanos han sido enviados al mundo para su salvación, comenzando por los últimos, los que la sociedad de entonces había alejado de su censo, los leprosos, siguiendo al Maestro que se había hecho pobre y emigrante, hermano de los pobres y emigrantes. – tradução nossa. LÓPEZ, Sebastian. *Cristología de Francisco de Asís. Sus notas principales. Selecciones de Franciscanismo*. V. 12, n. 34, 1983 p. 128.

<sup>165</sup> MERINO, J. Antônio; FRESNEDA, F. Martínez. *Manual de Teologia Franciscana*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes e FFB, 2005, p. 164.

<sup>166</sup> No original: Conosce Francesco è quella che invoca rottura pratica con tutto ciò che nel suo ambiente avversa la fratellanza umana e opprime l'uomo. – tradução nossa. DIZIONÁRIO FRANCESCANO. *Spiritualità*. Edizioni Messaggero Padova, 1983, p. 647.

de cabeça para baixo, tornando-o um profundo seguidor de seus passos”.<sup>167</sup> Jesus Cristo é a referência radical e absoluta de Francisco, tanto que quando procura explicar aos outros o seu caminho, a única palavra que pronunciara é sempre Jesus Cristo.

Iammarrone, afirma:

A “contemplação/olhar da fé” de Cristo em Francisco está enraizada e conduz sempre ao seguimento e nela se alimenta. Seu credo cristológico é uma “confissão biográfica” que impõe e exige uma biografia cristológica e cristocêntrica.<sup>168</sup>

O seguimento de Cristo é o elemento principal da característica desta cristologia franciscana: “São Francisco colocou Cristo no centro de seu amor, porque Cristo é o centro do Deus Trino e Uno e é o centro entre a criação e Deus: em uma palavra, Cristo sempre o conduziu em toda parte a Deus”.<sup>169</sup>

Encontramos seguidamente nas passagens que Francisco expressa, direta ou indiretamente, o tema do “seguimento”, compreendido como a própria forma de observar o Evangelho:

Jesus Cristo, Evangelho e vida são para Francisco três realidades que uma não é sem a outra, são necessárias as três juntas: Jesus se encontra no Evangelho vivido, o Evangelho é a revelação de uma presença encarnada, a vida cristã é a encarnação de uma presença revelada, a presença de Cristo, caminho, verdade e vida. Nesse sentido, a vida cristã é o lugar onde a verdade de Cristo continua a brilhar, em seus dois aspectos inseparáveis de encarnação-revelação.<sup>170</sup>

Colocar-se nesse caminho implica em continuar a presença de fato, do Cristo no mundo a partir da própria vida do discípulo. O seguimento tem essa implicação e responsabilidade:

A perspectiva do amor humilde e *kenótico* de Deus revelado em Jesus Cristo, que encontrou uma resposta adequada na forma de pobreza radical mesmo em comum, do

<sup>167</sup> No original: Francisco de Asís se identifica desde Jesucristo. Jesucristo lo define, lo explica y lo acapara. Jesucristo ha vuelto del revés toda su vida y todos sus caminos, convirtiéndolo en seguidor empedernido de sus huellas. – tradução nossa. LÓPEZ, Sebastian. *Cristología de Francisco de Asís*, p. 90.

<sup>168</sup> No original: La “contemplazione/sguardo di fede” di Cristo in Francesco si radica e sfocia sempre nella sequela e di questa si nutre. Il suo credo cristologico è una “confessione biografica” che impone e urge una biografia cristologica e cristocentrica. – tradução nossa. IAMMARRONE, Giovanni. *La cristologia francescana. Impulsi per il presente*. Edizioni Messaggero Padova: Padova, 1997, p.33.

<sup>169</sup> No original: San Francesco poneva al centro del suo amore Cristo, perché Cristo è il centro del Dio Uno-Trino ed è il centro tra il creato e Dio: in una parola Cristo lo conduceva sempre ovunque a Dio. – tradução nossa. DIZIONÁRIO FRANCESCO. *Spiritualità*, p. 670.

<sup>170</sup> No original: Gesù Cristo, Vangelo e vita sono per Francesco tre realtà che si richiamano, si illuminano e si esigono vicendevolmente: Gesù è incontrabile nel Vangelo vissuto, il Vangelo è rivelazione di una presenza incarnata, la vita cristiana è incarnazione di una presenza rivelata, la presenza di Cristo, via, verità e vita. In questo senso la vita cristiana è il luogo in cui continua a risplendere la verità di Cristo, nei suoi due inscindibili aspetti di incarnazione-rivelazione. – tradução nossa. IAMMARRONE, Giovanni. *La cristologia francescana. Impulsi per il presente*, p. 29.

que os homens penitenciais de Assis se apropriaram na sua inserção profética na sociedade da época, para evangelizá-la a partir de dentro com o testemunho concreto desta oferta de vida evangélica.<sup>171</sup>

A encarnação e a revelação de Deus acontecida em Cristo leva Francisco e os irmãos a terem a mesma postura, pois para ele, “conformar-se à pessoa de Cristo é assumir como suas as atitudes que moldam a sua vida de serviço”.<sup>172</sup> Assim, a vida de Jesus “como manifestação do amor de Deus pelo homem, é aquilo a que o cristão se conforma, cujo amor, vivido segundo Deus, será a chave da sua união com ele, da participação na sua salvação e neste processo de amor: o Pai se entrega ao Filho”.<sup>173</sup>

O encontro com o pobre na *kénôsis* de Cristo, sobretudo com o crucificado de Damião, provocou uma autêntica mudança de ser e agir no *Poverello* de Assis. Sendo assim, no primeiro momento se refletirá acerca da dimensão do Cristo pobre, como a expressão do ser menor. Pois, a partir deste modelo, deste seguimento que Francisco de Assis opta por viver, está ligado a condição do ser simples, humilde como o Cristo. E para compreender a humildade de Cristo se procurará desenvolver o conceito da *kénôsis*. Conceito este que a teologia aborda para descrever a revelação de Deus na humanidade sendo simples e humilde, justamente para se dirigir ao encontro do ser humano.

### 2.2.1 O Cristo pobre expressão do ser menor

Há uma breve história da relação de Francisco com a compreensão da pobreza de Cristo, o que se fez pobre no natal do Senhor, vivido e celebrado em Greccio, por volta do ano 1224. Eis a narrativa escrita por Celano.

E aproximou-se o dia da alegria e chegou o tempo da exultação. Os irmãos foram chamados de muitos lugares; homens e mulheres daquela terra, com ânimos exultantes, preparam, segundo suas possibilidades, velas e tochas para iluminar a noite que com o astro cintilante iluminou todos os dias. Veio finalmente o santo de Deus e, encontrando tudo preparado, viu e alegrou-se. E, de fato, prepara-se o presépio, traz-se o feno, são conduzidos o boi e o burro. Ali se honra a humildade; e de Greccio se

<sup>171</sup> No original: la prospettiva dell'amore umile e kenotico di Dio rivelatosi in Gesù Cristo, che trovò risposta adeguata nella forma di povertà radicale, anche in comune, che gli uomini penitenziali di Assisi fecero propria nel loro inserimento profetico nella società del tempo al fine di evangelizzarla dal di dentro con la testimonianza concreta di tale offerta di vita evangelica. – tradução nossa. IAMMARRONE, Giovanni. *La cristologia francescana*. Impulsi per il presente, p. 34.

<sup>172</sup> No original: Conformarse a la persona de Cristo es asumir como propias las actitudes que modelan su vida como servicio. – tradução nossa. FRESNEDA, Francisco Martínez. Francisco de Asís, hombre “nuevo”, p. 367.

<sup>173</sup> No original: como manifestación del amor de Dios al hombre, es a la que se conforma el cristiano, cuyo amor, vivido según Dios, va a ser clave de su unión con él, de la participación en su salvación y de este proceso del amor: el Padre se entrega al Hijo. – tradução nossa. FRESNEDA, Francisco Martínez. Francisco de Asís, hombre “nuevo”. p. 367.



fez como que uma nova Belém. Ilumina-se a noite como dia e torna-se deliciosa para os homens e animais. As pessoas chegam ao novo mistério e alegram-se com novas alegrias. O bosque faz ressoar as vozes e as rochas respondem aos que se rejubilam. Os irmãos cantam rendendo os devidos louvores ao Senhor, e toda a noite dança de júbilo. O santo Deus está de pé diante do presépio, cheio de suspiros, contrito de piedade e transbordante de admirável alegria. Celebra-se a solenidade da missa sobre o presépio, e o sacerdote frui nova consolação (1Cel 85).

O presépio de Greccio revela a expressão evangélica da minoridade em Francisco de Assis. Depois de descrever a liturgia eucarística e a homilia de Francisco, Celano afirma que “um homem virtuoso” viu uma criança na manjedoura que se acordava e tocava em Francisco. Celano continua: “E essa visão veio muito a propósito, porque o menino Jesus estava de fato dormindo no esquecimento de muitos corações, nos quais, por sua graça e por intermédio de São Francisco, ele ressuscitou e deixou a marca de sua lembrança”. (1Cel 86) Tais palavras assumem grande significado quando recorda o que Celano acentua: “De muitos lugares foram chamados os irmãos”. A minoridade de Francisco e a sua fraternidade de irmãos menores representou na manjedoura de Greccio a mesma realidade que sentiram os pastores na gruta de Belém.<sup>174</sup> Pois, foi também, entre os pastores que o Senhor nasceu, pessoas simples e humildes.

Esse tipo de experiência faz Francisco perceber que “Deus, através de Jesus Cristo, se tornou companheiro do homem e se colocou a seu serviço, o mesmo quis com sua *fraternitas*: ser simples, irmão e servidor de todos os homens”.<sup>175</sup> E renunciando a todos os bens, domínios, prepotências e privilégios Francisco tem algumas atitudes:

Francisco, por diversos motivos, mas principalmente por um carisma recebido do alto e por uma simples aproximação do dado evangélico, de fato se aproxima de Jesus Cristo e capta sua realidade global na perspectiva do amor de Deus que se manifestou e doou, se mostra e se doa na modalidade da humildade, da pobreza, da minoridade e do serviço oblativo.<sup>176</sup>

A dimensão da pobreza, da minoridade, da humildade e do serviço oblativo, se trata de um caráter eminente do encontrar-se consigo mesmo, na perspectiva do encontro com o pobre na *kénôsis* de Cristo. Não é possível falar da *kénôsis* de Cristo, sem compreender essa dimensão do ser pobre, como simples e menor.

Não é por acaso, que os encontros e desencontros de Francisco foram espelhos do próprio Cristo. Jesus esteve próximo dos leprosos, daqueles que são colocados à margem e excluídos da sociedade e da comunidade, ainda mais por serem considerados os degradados ou

<sup>174</sup> Carta Circular do ministro geral, nº 10 – Mensagem para o santo natal, Prot. 01023/96

<sup>175</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano* – franciscanismo e mundo atual, p. 201

<sup>176</sup> MERINO, J. Antônio; FRESNEDA, F. Martínez. *Manual de Teologia Franciscana*, p. 166.

putrefatos da sociedade. Os encontros realizados com Cristo, resultaram em dignidade, cura, libertação, renovação de muitas vidas. Devolvia esperança de vida nova e oportunidade para todos serem reconhecidos como seres humanos:

Máxima manifestação da humildade de Deus é Jesus Cristo, o Filho que tudo recebe do Pai e tudo comunica com o Pai no Espírito e que foi enviado a evangelizar os pobres. Ele que era rico, se fez pobre por nós tornando-se semelhante aos homens, a fim de que nos tornássemos ricos por meio de sua pobreza.<sup>177</sup>

Essa máxima afirmação revela a pobreza como humildade de Cristo. Humildade esta que é uma forma de expropriação, isto é, para deixar-se dispor inteiramente à vontade do Pai. É na pobreza e sendo pobre, que vive livremente, sem a preocupação de garantir a segurança para alguma propriedade.

A experiência de Deus em Francisco, é o encontro com Cristo. Porém, o Cristo da experiência de Francisco, é o Cristo do Evangelho, como afirma em seus escritos<sup>178</sup>, o seu seguimento não é tanto do Cristo fazedor de milagres e de palavra cheia de poder, mas de Jesus de Nazaré, homem pobre. “Um nu a quem só se pode seguir nu”.<sup>179</sup>

Na carta a toda Ordem,<sup>180</sup> Francisco faz referência a essa dimensão da humildade de Cristo:

Pasme o homem todo, estremeça o mundo inteiro, e exulte o céu, quando sobre o altar, nas mãos do sacerdote, está o Cristo, o Filho de Deus vivo! Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó sublime humildade! Ó humilde sublimidade: o Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, tanto se humilha a ponto de esconder-se, pela nossa salvação, sob a módica forma de são! Vede, irmãos, a humildade de Deus e derramai diante dele os vossos corações; humilhai-vos também vós, para serdes exaltados por ele (Ord 26-28).

Encontramos aqui Francisco expressando sua admirável adoração ao Cristo e, todavia, apresenta um Cristo simples, humilhado que precisa ser exaltado. Porém, com sua humilhação nos garantiu a salvação:

<sup>177</sup> CONSTITUIÇÕES DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS. *Constituição da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e ordenações dos capítulos gerais*: com a regra e o testamento de São Francisco. Porto Alegre: Estef, 2014, nº 60

<sup>178</sup> Praticamente todos os escritos considerados de São Francisco de Assis, tem referências evangélicas e/ou algum outro texto bíblico. Menciona-se aqui algumas referências que os hagiógrafos relatam da relação do santo com o uso do evangelho. 1Cel 22; 1Cel 84; 1Cel 93; 1Cel 110; LM 3, 2; LM 13, 2; LM 14, 5; LTC 25;

<sup>179</sup> BÓRMIDA, Jerônimo. *A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV*, p. 148.

<sup>180</sup> Carta à Toda a Ordem porque certamente foi escrita e refletida por um restrito grupo de companheiros e aborda questões afetadas a toda a Fraternidade. É datada após fevereiro-março de 1220, devida à relação com a Bula *Sane cum olim*. Segundo as Fontes Franciscanas e Clarianas, 2014.

experiência que Francisco expressa quando fala de sua humanidade e fragilidade (2Fi 5), de sua pobreza e humildade (RnB 9,1; UV 1; Le 3), de Cristo pobre e emigrante, irmão dos pobres e emigrantes (RnB 9,1-8), de sua descida ao seio da Virgem que o fez nosso irmão (Ad 1, 16; 2Cel 198), de sua solidão, angústia e medo (OP 1, 7-10), de sua confusão e afronta (OP 2,6), de sua experiência de ser contado entre os mortos (OP 2,10).<sup>181</sup>

São realidades que fazem parte da história do *Poverello* de Assis, que o levou a partir de cada encontro, de cada confronto das situações existentes em sua época, que foram trazendo experiências para compreender a pobreza nos outros e que é expressão da pobreza do próprio Cristo.

O mistério da compreensão da pobreza evangélica é um dom e uma tarefa. Bórmida afirma que “o Reino não pertence simplesmente aos pobres, mas aos pobres que, movidos pelo Espírito, tiverem feito uma opção pessoal.”<sup>182</sup> É por essa opção que o Reino acontece. No entanto, é preciso o dom divino, que é pura graça, para compreender esse mistério “do Reino de Deus pregado por Deus pobre.”<sup>183</sup> O Espírito que conduz a este mistério de modo especial aqueles que abraçam e vivem a pobreza do próprio Cristo.

López, ao escrever sobre a cristologia de São Francisco enumera algumas tentações no seguimento da vida e pobreza de Jesus Cristo, que o próprio santo chama atenção nos seus escritos:

A tentação de reduzir o seguimento apenas no conhecimento e curiosidades sobre Jesus Cristo. A tentação usual do gnosticismo, a tentação dos cátaros do seu tempo e a tentação de alguns dos seus irmãos que dependiam excessivamente da ciência, negligenciando a operação, os exemplos do Filho de Deus, o real, o concreto e o histórico que ia atrás de Jesus Cristo e no seu estilo. A tentação de reduzir o seguimento de Jesus Cristo apenas no ascetismo, culto, exercícios de espirituais (Ad 14), com o perigo subsequente de praticar um seguimento íntimo, longe do barulho do mundo ou um seguimento interessado apenas em fazer avançar a causa de Jesus, desligando-a de sua própria pessoa e, conseqüentemente, da penitência, da oração e do trabalho manual (Test 26; CA 20, 101-106); ou um seguimento satisfeito e orgulhoso de suas próprias obras e menos da glória do Senhor (Ad 14,1-4; 21, 1-3; RnB 17, 4-13; CA 101-106).<sup>184</sup>

<sup>181</sup> No original: experiencia que Francisco expresa cuando habla de su humanidad y fragilidad (2CtaF 5), de su pobreza y humildad (1R 9,1; UltVol 1; CtaL3), de Cristo pobre y emigrante, hermano de los pobres y emigrantes (1R 9, 1-8), de su descenso al seno de la Virgen que lo hizo hermano nuestro (Adm 1, 16; 2Cel 198), de su soledad, angustia y miedo (OfP 1, 7-10), de su confusión y afrenta (OfP 2,6), de su experiencia de haber sido contado entre los muertos (OfP 2, 10). – tradução nossa. LÓPEZ, Sebastian. *Cristología de Francisco de Asís. Sus notas principales*, p. 100.

<sup>182</sup> BÓRMIDA, Jerônimo. *A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV*, p. 141.

<sup>183</sup> BÓRMIDA, Jerônimo. *A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV*, p. 142

<sup>184</sup> No original: La tentación de reducir el seguimiento a sólo saber y curiosidad sobre Jesucristo. Tentación de siempre del gnosticismo, tentación de los cátaros de su tiempo y tentación de alguno de sus hermanos que confiaban con exceso de la ciencia, descuidando la operación, los ejemplos del Hijo de Dios, el irse real, concreto e histórico tras de Jesucristo y a su estilo. La tentación de reducir el seguimiento de Jesucristo a sólo ascesis, culto, ejercicios de virtudes (Adm 14), con el peligro subsiguiente de practicar un seguimiento intimista, lejos del ruido del mundo. O un seguimiento interesado sólo en sacar adelante la causa de Jesús, desvinculándola de su propia

López, ressalta na cristologia de Francisco de Assis, o que mais chamou atenção em Francisco de Assis.

A primeira coisa que sem dúvida o impressionou nos olhos e no coração foi o pobre Jesus Cristo, que "nasceu fora de casa e foi colocado numa manjedoura, porque não havia lugar na hospedaria" (OP 15,17; 1Cel 84-87; CA 13; 2Cel 56); o peregrino e hóspede Jesus Cristo, sujeito à sorte dos pobres, mendigando (RnB 9,5); Jesus Cristo que não tinha onde reclinar a cabeça (CA 57; 2Cel 56), e que no deserto não tinha outro abrigo senão a rocha da montanha (CA 57; 2Cel 59) e que sofreu fome e sede (Ad 6, 2), e morreu na cruz despojado de tudo (OP 6, 3-10; 2Cel 94; LM 7,2).<sup>185</sup>

Jesus Cristo que sendo o mais rico de todos, quis se fazer pobre e simples, aquele que é o Onipotente procurou ser um pobre hóspede, sem ter onde repousar a cabeça (Mt 8,20). Dimensões como esta que na perspectiva de Francisco, se percebe uma conotação de forma mais real e concreta.

Mas o que o impressiona é a sua humildade e pobreza, quando as relaciona com a sua identidade divina e a sua preeminência na glória do Pai: "Todos os irmãos se esforcem por seguir a humildade e a pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo" (cf. RnB 9, 1,6); "... E era pobre e hóspede e vivia de esmola ele e a bem-aventurada Virgem com os seus discípulos" (RnB 9,5; RB 6.4; 2CatF 5), ou seja, a sua itinerância dando a esta vida um carácter provisório: "Ao falar de pobreza, repetia muitas vezes aos irmãos o Evangelho: as raposas têm cavernas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho de Deus não tem onde reclinar a cabeça" (2Cel 56; cf. Mt 8,20 ; RB 6, 2-7; 9,6).<sup>186</sup>

É no encontro com Cristo pobre que Francisco compreende a vida sendo menor. Vivendo essa minoridade tem a possibilidade de estar junto daqueles a quem o Reino de Deus pertence. E mais, na pobreza do Cristo se vive de forma plena a vontade do Pai, sendo guiado

---

persona y, en consecuencia, de la penitencia, oración y trabajo manual (Test 26; LP 20, 101-106); o un seguimiento satisfecho y orgulloso de sus propias obras y menos de la gloria del Señor (Adm 14,1-4; 21, 1-3; 1 R 17, 4-13; LP 101-106). – tradução nossa. LÓPEZ, Sebastian. *Cristología de Francisco de Asís. Sus notas principales*, pp. 94-95.

<sup>185</sup> No original: Lo primero que sin duda le dio en los ojos y en el corazón fue el Jesucristo pobre, que "nació fuera de casa y fue colocado en un pesebre, porque no había sitio en la posada" (OfP 15, 17; 1Cel 84-87; LP 13; 2Cel 56); el Jesucristo peregrino y huésped, sometido a la suerte de los pobres, la mendicación (1R 9,5); el Jesucristo que no tuvo dónde reclinar la cabeza (LP 57; 2Cel 56), y que en desierto no tuvo otro amparo que la roca de la montaña (LP 57; 2Cel 59), y que sufrió hambre y sed (Adm 6,2), y murió en la cruz despojado de todo (OfP 6, 3-10; 2Cel 94; LM 7,2). - tradução nossa. LÓPEZ, Sebastian. *Cristología de Francisco de Asís. Sus notas principales*, p. 101.

<sup>186</sup> No original: Pero lo que le impresiona es su humildad y pobreza, al relacionarlas con su identidad divina y su preeminencia en la gloria del Padre: "Empéñense todos los hermanos el seguir la humildad y la pobreza de nuestro Señor Jesucristo" (cf. RegNB 9, 1.6); "...y fue pobre y huésped y vivió de limosna él y la bienaventurada Virgen y sus discípulos" (RegNB 9, 5; RegB 6,4; 2CatF 5), es decir, su itinerancia dándole a esta vida un carácter de provisionalidad: "Al hablar de la pobreza, solía repetir muchas veces a los hermanos aquello del Evangelio: Las raposas tienen cuevas y las aves del cielo nidos, pero el Hijo de Dios no tiene donde reclinar la cabeza" (2Cel 56; cf. Mt 8,20; RegB 6, 2-7; 9,6). – tradução nossa. FRESNEDA, Francisco Martínez. *Francisco de Asís, hombre "nuevo"*. *Selecciones de Franciscanismo*. v. 38, n. 114, 2009, p. 378

pelo Espírito. Pois, ao contrário, se ficará preso a outras realidades que não dizem a realização do Reino. Então “a pobreza material que Francisco propõe em suas Regras é o sinal contundente dessa pobreza radical do ser diante de Deus. Daí decorre a exigência de se comportar como pequenos (“menores”) submetidos a todos, servos de todos e não como senhores e mestres”.<sup>187</sup>

### 2.2.2 A *kénôsis* de Cristo

O termo *kénôsis* é aplicado a Cristo na Carta aos Filipenses, no hino cristológico. Antes mesmo do hino ser mencionado, a Carta aos Filipenses, orienta a todos a terem os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (Fp 2, 5).

<sup>6</sup>Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus <sup>7</sup>mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem <sup>8</sup>abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. <sup>9</sup>Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, <sup>10</sup>a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra, <sup>11</sup>e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai (Fp 2, 6-11).

Se percebe no hino acima, como Cristo, sendo o próprio Deus, quis se fazer escravo, ou seja, estar a serviço, e assim sentir-se próximo de todas as pessoas (v. 6-7). E como se não bastasse, o abaixar-se para se tornar semelhante ao homem, deveria também passar por tamanha humilhação para que o Pai fosse glorificado com a sua morte na cruz (v. 8).

Há uma dupla dimensão nessa explanação acerca do conceito de *kénôsis*: a humilhação na encarnação e exaltação na glorificação. A *kénôsis* da encarnação “tem, com efeito, sua condição de possibilidade eterna no dom tripessoal. Pois o “poder” divino é constituído de tal modo que pode dispor em si da possibilidade de uma exinanição de si, com a representada pela encarnação e pela cruz”.<sup>188</sup> E Lacoste definiria ainda que “sua elevação vem ao fim de uma descida e de uma aniquilação (*heauton ekenôsen*) até a obediência da morte na cruz”.<sup>189</sup>

Ainda sobre esse duplo movimento no hino de Filipenses, Bortolini,<sup>190</sup> diz que o primeiro movimento é o de cima para baixo e também do esvaziamento de Jesus. “Jesus não se apegou à sua igualdade com Deus, esvaziou-se, humilhou-se, fez-se obediente até a morte de

<sup>187</sup> LACOSTE, J.Y. Franciscana. In: LACOSTE, J.Y. Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, pp. 750-751.

<sup>188</sup> LACOSTE, J.Y. Kenose. In: LACOSTE, J.Y. Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 984

<sup>189</sup> LACOSTE, J.Y. Kenose. In: LACOSTE, J.Y. Dicionário Crítico de Teologia, p. 983

<sup>190</sup> BORTOLINI, José. *A carta aos Filipenses – o Evangelho encarnado*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

cruz”.<sup>191</sup> E Jesus é quem assume essa forma de vida, despojando-se de tudo. O seu lugar é no meio daqueles que são marginalizados e excluídos. E para estar neste lugar, ele escolhe deixar de lado aquilo que o distanciaria destes “escravos”, que seria, toda forma de prestígio, fama, honra. Ao mesmo tempo que se fala sobre essa realidade parece que a divindade de Jesus não existe, porém, é ao contrário, é no meio da realidade encarnada que Deus se faz presente.

Já o segundo movimento é o de baixo para cima. Bortolini, diz que neste movimento o sujeito é Deus, isto é, “é Ele quem exalta Jesus, ressuscitando-o e colocando-o no posto mais elevado que possa existir. O Nome que ele recebe do Pai é o título de Senhor”.<sup>192</sup> Ainda reitera: “Deus Pai é glorificado quando as pessoas reconhecem em Jesus o humano que passou pela encarnação das realidades mais sofridas e humilhantes, culminando com a morte na cruz”.<sup>193</sup>

Além desta dupla dimensão, são vistos em Hackmann<sup>194</sup> quatro fases no hino cristológico, a saber: primeira fase é a preexistência voluntária, significa afirmar que Jesus não quis ser visto como ser divino, mas como servo. Não se trata que uma negação da preexistência, mas de uma alusão adamítica.<sup>195</sup> A segunda fase trata-se da condição humana de Cristo, com enfoque na sua obediência absoluta, neste aspecto se faz menção da tipologia do Servo de Javé.<sup>196</sup> E por fim, a terceira e a quarta fase é a exaltação de Cristo, “que se constituem em uma condição ontológica e não em uma atitude, completando adequadamente a *kénôsis* ontológica

<sup>191</sup> BORTOLINI, José. *A carta aos Filipenses – o Evangelho encarnado*, p. 25

<sup>192</sup> BORTOLINI, José. *A carta aos Filipenses – o Evangelho encarnado*, p. 27

<sup>193</sup> BORTOLINI, José. *A carta aos Filipenses – o Evangelho encarnado*, p. 28

<sup>194</sup> HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Jesus Cristo, nosso redentor – iniciação à cristologia como Soteriologia*. Edipucrs, Porto Alegre, 1997, pp. 107-108.

<sup>195</sup> A questão da alusão adamítica se refere que a atitude de Cristo de não se agarrar com avidez à sua condição divina contrasta com a de Adão, que feito à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27), considerava tanto esse privilégio, a ponto de querer ser igual a Deus (Gn 3,4s).

<sup>196</sup> A leitura tipológica do servo de Javé é acerca do Servo Sofredor, que se encontra em Is 53. Cristo ao entrar no mundo com espírito de obediência, reconhece então sua vocação de Servo Sofredor. Recordar-se, ao mesmo tempo, que se tem esta alusão ao Servo de Javé nesta dimensão da obediência absoluta, continua, de certa forma, ligada ao contraste com a desobediência de Adão. Isto significa dizer que Cristo é o Novo Adão.

Sobre essa leitura sob a ótica desta passagem, Bortolini, na apresentação do duplo movimento também faz esse destaque. Sendo o primeiro movimento inspirado especificamente no seguinte relato do Servo de Javé: “[...] Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele. E, no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado [...] Foi maltratado, mas livremente humilhou-se [...] Dentre os contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo?” (Cf. Is 52,13-53,8) Já com referência ao segundo movimento, de baixo para cima, também se encontra no cântico do Servo Sofredor: “Eis que meu Servo prosperará, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas. Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele – pois não tinha mais figura humana e sua aparência não era mais a de homem – assim, agora nações numerosas ficarão estupefatas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos, ao verem coisa que não lhes haviam sido contadas [...], Porém, se ele oferece a sua vida como sacrifício expiatório, certamente verá uma descendência, prolongará seus dias, e por meio dele o desígnio de Deus triunfará. Após o trabalho fatigante da sua alma verá a luz e se fartará. Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões. Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repetirá os despojos, visto que entregou a si mesmo à morte e foi contado entre os criminosos, mas na verdade levou sobre o pecado de muitos e pelos criminosos fez intercessão” (Cf. Is 52, 13-15; 53, 10-12)

e existencial da encarnação, da paixão e da morte. Nisso consiste a exemplaridade suprema do mistério de Jesus Cristo”.<sup>197</sup>

Pode-se afirmar que:

Cristo não se submete a essa condição de humilhação como a uma lei a que deveria necessariamente se submeter: seria o caso dos outros homens que nascem no pecado. O Cristo faz uma escolha livre, voluntária. Sempre possui em seu poder, em virtude de sua própria personalidade de Filho de Deus, a possibilidade de evadir-se dessa condição humilhada.<sup>198</sup>

Segundo Haubech e Siebenthal, na nova chave linguística do Novo Testamento grego<sup>199</sup>, definem a *kénôsis* como esvaziar, tornar humilde, tornar pobre, expressão que se encontra no v. 7 do hino: “mas se despojou, tomando a forma de escravo”. Este despojamento foi assumido livremente pelo próprio Cristo. Se trata de um auto despojamento divino.

Nesta ótica de autodespojamento divino, apreende o significado do caminho inteiro percorrido e realizado por Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, desde sua descida do “alto” da divindade até o “baixo” da humildade de seu nascimento humano e de seu esvaziamento total na paixão e morte na cruz e, finalmente, de sua presença cotidiana, escondida do mundo, na Eucaristia durante o tempo presente, modalidade de presença humilde e pobre que se transformará em manifestações e dom de amor na glória somente no final dos tempos.<sup>200</sup>

Todo o discípulo de Jesus deverá viver essa relação da *kénôsis*, ou seja, este movimento de descida e subida. Significa, pois, assumir a condição do Cristo para si. Colocar-se no seguimento do Cristo consiste também nisto. Viver essa relação quenótica para assim revelar a vontade do Pai no seu contexto. Em Cristo a partir dessa atitude assumida por Ele, se encontra a revelação de Deus à humanidade. “A grandeza do ser humano aparece quando ele cultiva em si os mesmos sentimentos, a mesma postura existencial de Jesus Cristo que, enquanto humano, palmilhou o caminho do esvaziamento, da *kénôsis*, da descida (Fl 2,5ss).”<sup>201</sup>

Essa dimensão da *kénôsis*, é de fato uma visão peculiar na experiência de Francisco, pois de fato, “é o ponto do encontro e o vínculo entre o Pai e a humanidade e exerce tal função em todos os momentos de seu realizar-se enquanto mistério de salvação.”<sup>202</sup> O santo nota que

<sup>197</sup> HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Jesus Cristo, nosso redentor – iniciação à cristologia como Soteriologia*, p. 108.

<sup>198</sup> DUQOC, CH. *Cristologia – ensaio dogmático I. O homem Jesus*, p. 159

<sup>199</sup> HAUBECH, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich. *Nova chave linguística do Novo Testamento Grego. Mateus – Apocalipse*. São Paulo: Targumim; Hagnos, 2009, p. 1121.

<sup>200</sup> MERINO, J. Antônio; FRESNEDA, F. Martínez. *Manual de Teologia Franciscana*, p. 166.

<sup>201</sup> CROCOLI, Aldir. Cântico do irmão sol. Uma leitura antropológica. *Cadernos da Estef*, n. 60, 2018/1, pp. 5-28, p. 15.

<sup>202</sup> MERINO, J. Antônio; FRESNEDA, F. Martínez. *Manual de Teologia Franciscana*, p. 165

esta revelação de Deus manifestada no esvaziamento de Si, para poder colocar-se junto do outro, sendo humilde, pobre, menor e à disposição do serviço é expressão de amor para com a humanidade.

Encontramos essa dimensão kenótica em Francisco em alguns de seus escritos, como por exemplo, na segunda carta aos fiéis:

Ele, sendo rico acima de todas as coisas, quis neste mundo, com a beatíssima Virgem, sua Mãe, escolher a pobreza. E estando próxima a paixão, celebrou a Páscoa com seus discípulos [...]. A vontade do Pai foi esta: que seu Filho [...] se oferecesse a si mesmo através de seu próprio sangue, como sacrifício e hóstia no altar da cruz (2Fi 5-11).

O pobre de Assis procurou viver essa proposta evangélica do esvaziamento como configuração de seu caminhar.

Na vida do homem, nada acontece sem condição prévia e sem garantia. O pobre de Assis despojou-se absolutamente de si e das coisas; por isso, encontrou o absoluto dessas coisas. Ele se libertou incondicionalmente de coisas e de pretensões e, como contrapartida, encontrou o incondicional dos seres e pôde ouvir a música calada do universo.<sup>203</sup>

Como se nota, o ser menor, a forma de vida escolhida por Francisco de Assis é de fato uma inspiração que vem do próprio Cristo, aquele a quem ele encontrou tanto no crucificado como no Evangelho, bem como nas próprias pessoas, sobretudo nos leprosos. A minoridade como condição de vida do ser franciscano está ligada de forma exímia ao Cristo. É necessário esvaziar-se de si mesmo e estar à disposição do outro de forma integral, isto é, o que significa abraçar o Cristo pobre, sendo menor.

### 2.3 O IRMÃO UNIVERSAL E ESCATOLÓGICO

Ser irmão na sua totalidade, como condição universal, esta é a consequência dos encontros realizados por Francisco no decorrer de sua história. O querer se encontrar com todos sem distinção acarretou em outras pessoas o desejo de se colocarem nesta proposta de vida, formando assim, uma fraternidade de irmãos, como inspiração do Evangelho. Ainda no primeiro capítulo deste trabalho foi destacado o encontro de Francisco com as criaturas, ou seja, refletido e aprofundado sobre o Cântico do Irmão Sol, composto por Francisco praticamente no

---

<sup>203</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 219.



final de sua vida, um dado que revela a integridade e a comunhão com toda a criação de Deus. Contudo, neste cântico as duas estrofes finais que foram adicionadas ao mesmo, nos últimos dias de sua vida, merecem um aprofundamento neste momento, pois se trata de duas atribuições que corroboram para entender Francisco como um homem integral e até mesmo, escatológico.

Na primeira ocasião se discorrerá sobre a dimensão da fraternidade como inspiração evangélica, isto é, ser irmão dos irmãos, bem como perceber a dimensão do ir ao encontro do outro que é diferente e estranho em relação a mim. Para depois descrever sobre as duas estrofes finais do Cântico do Irmão Sol, a saber: a estrofe a qual se refere a dimensão do perdão e da paz, duas realidades que só aqueles que vivem em plena comunhão com o Senhor conseguem ter a capacidade de vivenciar esse exercício de forma autêntica; e a estrofe na qual ele designa a morte como uma irmã, isto é mostrar a confiança e acreditar na total ressurreição e que a morte é algo que faz parte inerentemente da vida do ser humano.

### 2.3.1 A fraternidade como inspiração evangélica

Entre as tantas menções, há duas afirmações nos escritos de São Francisco de Assis que remetem à condição de ser irmão, a saber: da RnB “todos vós sois irmãos” (RnB 22, 33) e do Testamento “O Senhor me deu irmãos” (Test 14). Duas afirmações ditas em épocas bem distintas, a primeira ainda no início da fundação da Ordem dos frades e a segunda, escrita no final de sua vida. Ambas as menções partem da relação com o Senhor, têm como fundamento o próprio Cristo. A originalidade de São Francisco acerca da fraternidade consiste na compreensão da sua profundidade e amplitude, da sua centralidade no Evangelho e no seguimento de Jesus Cristo.

Irmão é um termo essencialmente relativo, isto é, realiza-se no relacionamento. Sozinho ninguém pode ser irmão.<sup>204</sup> A fraternidade se constrói nesse acolhimento, nesse encontro com o outro e a outra como irmão e irmã. “Francisco não só proclamou que o homem é irmão do homem, mas quis viver no interior de um grupo, que ele chamou de fraternidade, que tinha como finalidade viver o Evangelho e ser mensageiro de paz entre todos os homens”.<sup>205</sup> São Francisco escolheu para si e os seus companheiros o nome de *Irmãos Menores*, já na RnB<sup>206</sup> se encontra esse título dado ao grupo. Este título “irmãos menores” tem para Francisco origem evangélica, condição já refletida em capítulos anteriores. Se perceberá que Francisco de Assis

<sup>204</sup> Cf. ORDEM DOS FRADES MENORES. Todos vós sois irmãos. Roma: Secretaria Geral OFM para a Formação e Estudos, 2004, pp. 15-19.

<sup>205</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 169.

<sup>206</sup> RnB 6, 3

considera a fraternidade, mais precisamente os irmãos, e a vida segundo o Evangelho como dons preciosos do Deus Altíssimo.

Nos seus escritos, São Francisco usa 306 vezes a palavra “irmão”. Esse número só é superado pelo uso da palavra “Senhor” que aparece 410 vezes. Francisco dá a si mesmo 15 vezes o nome de irmão. O termo Fraternidade é usado 10 vezes por Francisco nos seus escritos.<sup>207</sup> É um dado que merece receber este destaque para notar que ser irmão é a primazia em Francisco, sendo esta, revelada pelo próprio Senhor. Significa afirmar que para ser irmão é necessário estar sempre em busca do encontro com o outro para concretizar essa relação de irmandade, de fraternidade. A Fraternidade franciscana é formada por pessoas concretas, com sua realidade pessoal, com seus dons e suas fragilidades, que procuram viver um projeto de vida evangélica no seguimento de Jesus Cristo. A dimensão da fraternidade pertence de maneira essencial ao testemunho evangélico.

Sobre as duas referências citadas no início, primeiramente sobre àquela mencionada na RnB dos escritos do santo: “todos vós sois irmãos” (RnB 22,33). Para Francisco de Assis ser irmão é condição e manifestação do seguimento de Cristo e do seu Evangelho, pois o próprio Cristo se fez irmão do ser humano, ou seja, para ir ao encontro do outro procurou se colocar junto com a mesma condição. Encarnando-se e oferecendo-se a nós, Cristo se fez irmão, um de nós. Esta proximidade fraterna de Jesus Cristo à pessoa humana é para Francisco motivo e razão de sua opção pela fraternidade.

Na própria RnB, ele esclarece porque todos somos irmãos: “e a ninguém chameis de pai para vós sobre a terra, pois um só é o vosso Pai aquele que está nos céus” (RnB 22, 34). Ser todos irmãos é também perceber a condição filial que todas as criaturas são de um único Pai, Deus criador de todas as coisas. Essa centralidade pode ser dita embasada nesta referência do evangelho: “um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos; um só é o vosso Pai” (Mt 23,8-9).

Francisco, mais do que referir-se à fraternidade, se refere sempre aos irmãos. Considera cada irmão como dom do Senhor. Contempla com admiração o Irmão Jesus Cristo. “Como é santo e dileto, aprazível, humilde, pacífico, doce, amável e acima de tudo desejável ter tal irmão e filho...” (2Fi 56). O Irmão Menor Jesus Cristo, Mestre e Senhor, lavou os pés dos seus discípulos e deixou como mandamento: “Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13, 34b).

A partir dessa consciência de que a fraternidade tem origem divina e é um dom dado por Deus Altíssimo, reconhecemos que somos filhos do mesmo Pai e irmãos entre nós. Daí que

---

<sup>207</sup> Cf. ORDEM DOS FRADES MENORES. Todos vós sois irmãos.

Francisco reconhece a fraternidade como um valor evangélico, um valor do Reino de Deus a ser testemunhado, a ser reconhecido, anunciado, comunicado de todas as formas possíveis ao conjunto das relações da nossa existência humana, eclesial, social, cósmica.<sup>208</sup>

Essa origem divina é revelada em Francisco de Assis, no seu Testamento, a segunda referência importante desta condição de ser Irmão dos irmãos. “O Senhor me deu irmãos” (Test 14). E nesta afirmação o Poverello diz que depois que recebeu os irmãos, quem lhe mostrou o que deveria ser feito, foi o Evangelho, neste ponto se encontra a inspiração evangélica para a forma de vida adotada, em ser irmãos de todos. “A fraternidade menor, os irmãos, portanto, não vivem para si mesmos, mas para o Senhor, a quem prometeram observar a vida do Evangelho e a quem entregaram e abandonaram o corpo.”<sup>209</sup>

Nada, portanto, permanece fora do domínio e senhorio do Senhor. Tudo pertence a ele, tudo se refere a ele. Francisco, portanto, bloqueia qualquer possível fuga de sua própria autonomia que mancha o senhorio de Jesus Cristo. A fraternidade não tem razão de existir em si mesma, mas em sua referência a ele. Nela, tudo é relativo a Ele, e só nessa referência a Ele isso faz sentido. E ela, enfim, não tem outro propósito e tarefa senão tornar presente Cristo que quis ser nosso servo.<sup>210</sup>

Para Francisco de Assis, “o irmão é dom do Senhor, no qual Ele se dá e se faz presente”.<sup>211</sup> Por esta razão, que nestes encontros entre irmãos, “não existe preferência por uns e reservas por outros, pois, acima da categoria social, bagagem cultural, da origem de berço e de diferença de ofícios, se olha sempre para o homem como filhos de Deus.”<sup>212</sup>

Por isso e conseqüentemente, a Fraternidade surge e é qualificada como uma Fraternidade absolutamente cristocêntrica, absorto como Francisco pela doçura do Senhor, de quem, acima de tudo e mais do que tudo, quer ser servo, e que é sempre a referência e a razão de tudo.<sup>213</sup>

<sup>208</sup> Cf. ORDEM DOS FRADES MENORES. Todos vós sois irmãos. Roma: Secretaria Geral OFM para a Formação e Estudos, 2004.

<sup>209</sup> No original: La Fraternidad Menor, los hermanos, no viven, en consecuencia, para si mismos, sino para el Señor, a quien prometieron observar la vida del Evangelio y a quien entregaron y abandonaron sus cuerpos. – tradução nossa. LÓPEZ, Sebastian. *Cristología de Francisco de Asís. Sus notas principales*, p. 112.

<sup>210</sup> No original: Nada queda, pues, fuera del dominio y señorío del Señor. Todo le pertenece, todo se refiere a Él. Francisco corta así toda posible escapada a la propia autonomía que empañe el señorío de Jesucristo. La fraternidad no tiene razón de ser en sí misma sino en su referencia a Él. En ella, todo es relativo a Él, y sólo en esa referencia a Él tiene sentido. Y ella, en fin, no tiene más finalidad y tarea que hacer presente a Cristo que quiso ser nuestro servidor. – tradução nossa. LÓPEZ, Sebastian. *Cristología de Francisco de Asís. Sus notas principales*, pp. 111-112.

<sup>211</sup> Cf. ORDEM DOS FRADES MENORES. Todos vós sois irmãos, 2004.

<sup>212</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 172.

<sup>213</sup> No original: Por eso y en consecuencia, la Fraternidad aparece y se describe como una Fraternidad absolutamente cristocéntrica, enajenada como Francisco por la dulzura del Señor (TC 7-8), de quien, sobre todo y más que nada, quiere ser sierva (1Cel 107; 2Cel 159 y 211; cf. Adms), y quien es siempre referencia y la razón de todo. – tradução nossa. LÓPEZ, Sebastian. *Cristología de Francisco de Asís. Sus notas principales*, p. 112)

Nas narrativas dos hagiógrafos se encontra a preocupação do Santo de Assis com o cuidado da vida de todos e todas, e para superar, eliminar aquilo que não permite a construção do Reino e a melhor forma de realizar é ir ao encontro do outro, do diferente com abertura, com diálogo.

Um dos traços mais característicos e mais humanos de Francisco é o respeito pelo outro e por sua própria personalidade que sempre tratou de proteger, de defender e de estimular. Ele não tinha um esquema já feito e pré-fabricado de como devesse ser o autêntico franciscano.<sup>214</sup>

Pode-se afirmar que Francisco de Assis “deu início a uma forma de vida evangélica que chamou de Fraternidade e escolheu como modelo para ela a vida de Cristo e de seus discípulos”.<sup>215</sup> A fraternidade “tem seu fundamento no mistério de amor da Trindade perfeita e da santa Unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”<sup>216</sup> O amor vivido em fraternidade tem seu fundamento no amor da Trindade. Cada irmão é dom do Pai para uma vida em fraternidade na unidade e na diversidade. Cada irmão vem marcado com sua originalidade individual, com sua origem cultural, com seu contexto familiar-eclesial-social, com sua história. Sendo cada irmão um dom de Deus à Fraternidade, os irmãos, embora dotados de caráter, cultura, costumes, talentos, faculdades e qualidades diferentes, aceitem-se mutuamente como são em sua própria realidade e como iguais, de forma que toda a Fraternidade se torne local privilegiado do encontro com Deus.

Este fundamento é o melhor retrato para espelhar a fraternidade, parte desta base o princípio evangélico. No concílio Vaticano II, no decreto *Perfectae Caritatis* também descreve sobre a fraternidade, como uma doutrina evangélica.

A vida a ser levada em comum, a exemplo da Igreja primitiva em que a multidão era um só coração e uma só alma, alimentada da doutrina evangélica, da Sagrada Liturgia [...]. Os religiosos, como membros de Cristo, antecipam-se uns aos outros com atenção na intimidade fraterna, carregando um fardo do outro. Assim, pelo amor de Deus difundido em seus corações graças ao Espírito do Santo, a comunidade, como verdadeira família reunida em nome do Senhor, alegra-se com Sua presença. [...]. A união entre irmãos chega mesmo a manifestar o advento de Cristo e dela emana uma grande força apostólica.<sup>217</sup>

<sup>214</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 174

<sup>215</sup> CONFERÊNCIA DOS CAPUCHINHOS DO BRASIL, n. 88, 6.

<sup>216</sup> CONFERÊNCIA DOS CAPUCHINHOS DO BRASIL, n. 88, 1.

<sup>217</sup> COMPENDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1982. (Decreto *Perfectae Caritatis* - PC 1263).

Desta forma é possível afirmar que a fraternidade tem seu fundamento no seguimento de Jesus Cristo e sua meta é construir vida fraterna segundo o Evangelho, é anunciar à Igreja e ao mundo o Evangelho da fraternidade. Nesse sentido, é lugar de vivenciar a cruz e a presença do Ressuscitado. A cruz se fará presente pelas exigências de renúncia a si mesmo e das dificuldades da convivência, da comunhão fraterna, do perdão, da reconciliação e pela radicalidade do amor que se expressa no dar a vida pelos seus amigos/irmãos.

Todos os seus membros, clérigos e leigos, vivem fraternalmente e tentam criar uma fraternidade evangélica onde todos os irmãos sejam “familiares entre si” e possam ir pelo mundo pregando o Evangelho, a paz, a alegria e o fato de que todos os homens são irmãos.<sup>218</sup>

Merino enfatiza que a perfeição da fraternidade consiste na diversidade de cada irmão:

A perfeição para ele não é um ideal abstrato, uma definição, mas o modo como cada pessoa encarna o melhor possível alguma das muitas virtudes que nenhum homem concreto pode alcançar. Mas esta perfeição não é patrimônio de um, mas a harmonia de um grupo de irmão que torna possível e visível como poderia ser um homem perfeito.<sup>219</sup>

A vida fraterna começa pela aceitação e acolhida do outro na sua diferença. Na caminhada que se faz juntos vem o cultivo de vínculos positivos em base à gratuidade, aos cuidados oferecidos reciprocamente, numa relação de dar e receber, partilhar e servir, amar e nutrir mais que uma mãe faz em relação ao seu filho carnal.

A fraternidade como inspiração evangélica tem um efeito social, pois ela é uma fraternidade aberta. Ela é vivida no coração do mundo. Ela se constrói na relação com as pessoas e criaturas e constrói relações fraternas no contato com o outro. Este encontro com outro deve acontecer de forma aberta, para que desta forma não possa existir obstáculos que impeça um encontro desfavorável e até mesmo espinhoso.

O conceito de fraternidade, em Francisco de Assis, encerra também em si algo profundamente dinâmico, que a alarga ao espaço inteiro, a todo o criado, ao visível e ao invisível. A fraternidade é uma realidade tão abrangente que une a terra e o céu, Deus, os homens e as coisas. Fraternidade franciscana deve espelhar o espírito de minoridade e de oblação. [...] É uma fraternidade relacional, onde o homem é irmão de todas as coisas e todas as coisas são suas irmãs.<sup>220</sup>

---

<sup>218</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 174.

<sup>219</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 176.

<sup>220</sup> SILVA, Álvaro Cruz da. *O homem nos escritos de São Francisco de Assis*, p. 241

Álvaro, nessa menção, define a fraternidade franciscana e, na mesma, faz referência ao Immarrone o qual escreve sobre a fraternidade franciscana:

Trata-se de um testemunho concreto de humanidade onde se destaca, em particular, o espírito de minoridade e oblação, que produz e preserva relações de fraternidade autêntica em um mundo marcado pelo abuso, pelo rancor e pelo espírito de vingança.<sup>221</sup>

Se é irmão quando deixa-se encontrar com outros. Reconhecer todos são filhos e filhas do mesmo Pai é demonstrar a capacidade de se relacionar com os outros, mesmo sendo diferentes. Quando o outro não é visto mais como uma ameaça, como um inimigo é revelar uma potencialidade de esvaziar-se de si mesmo por causa do Evangelho, de colocar como prioridade na vida o seguimento do Cristo, pois este se fez irmão para que todos se sentissem irmãos uns dos outros.

### 2.3.2 Encontrar o perdão

Um das expressões mais ricas na vida do santo de Assis, de fato, é esta revelada no cântico do Irmão sol. A sua capacidade de chegar na finitude e expressar numa dimensão relacional, onde é possível buscar e viver o perdão e a paz dentro das divergências, é porque deixou-se imbuir por completo pela graça do Senhor.

Louvado sejas meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor, e suportam enfermidade e tribulação. Bem-aventurados aqueles que suportarem em paz porque por ti, Altíssimo, serão coroados. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar. Ai daqueles que morrerem em pecado mortal: bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal. Louvai e bendizei ao meu Senhor e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade (Cnt 10-14).

O período que antecedeu este louvor conciliador por parte de Francisco com todas as criaturas, humana, cósmica e celestial, foi marcada por muita dor e sofrimento. Para poder chegar ao final deste cântico que não é um mero acréscimo de duas estrofes, mas que “se revela como o final lógico e o desenvolvimento completo de toda a obra”,<sup>222</sup> ou seja, é a vida toda de uma criatura que plenifica a comunhão e identificação com o seu Criador.

<sup>221</sup> No original: “se trata de un testimonio concreto de humanidad donde se resalta em particular el espíritu de minoridad y de oblación, que produce y conserva relaciones de auténtica fraternidade em um mundo marcado amplamente por el atropelo, por el rencor y por el espíritu venganza” – tradução nossa. IMMARRONE, G. La visión del hombre en la Regla bulada de los Hermanos Menores. Integrada con textos de los escritos de San Francisco. *Selecciones de Franciscanismo*. n. 121, v. 42, 2012.

<sup>222</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*. Ed. Vozes: Petrópolis, 1977, p. 136

Estas duas últimas estrofes descobrem o tom dramático da existência humana quando a convivência entre homens se torna impossível e quando o homem mesmo experimenta o limitado de sua existência. Seu autor chegou a superar a dor, o conflito e o tom dramático da existência limitada, porque sua grande fé em Deus e nos seres criados, seu grande amor ao Criador e às criaturas o fizeram sentir-se gozosamente filho e irmão.<sup>223</sup>

Esta dimensão dramática que comentada acima, se refere, pois justamente, aos acréscimos de estrofes em períodos dramáticos da vida do santo de Assis, e isto até parece contraditório ser dito, pois aquilo que é escrito no cântico até então, sobre a natureza de modo especial, revela uma harmonia tão grande e bela. Todavia, se acredita que aí encontra a riqueza da antropologia de Francisco, ou seja, na dinâmica da vida diante de tantas dores e sofrimentos a sinais de esperança e alegria.

“Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor, e suportam enfermidade e tribulação. Bem-aventurados aqueles que as suportarem em paz porque a ti, Altíssimo, serão coroados” (Cnt 10-11). Esta é a penúltima estrofe celebra o perdão e a paz e foi composta a partir de uma situação conflitiva e violenta entre o Bispo e o Prefeito de Assis.<sup>224</sup> Para compreender este episódio, recorreremos às fontes hagiográficas que narram a história. Acontece que o bispo e o prefeito de Assis estavam em discórdia, a ponto de o bispo excomungá-lo e em contrapartida o prefeito proclamara que ninguém deveria vender ou comprar algo do bispo. Francisco, ao saber desta situação, enchera-se de compaixão, porque ninguém procurara restabelecer a paz entre eles. Sendo assim, tomou a iniciativa de acrescentar no cântico que já prescrevera, estrofes que remetem ao restabelecimento do perdão e consequentemente da paz. O santo pedira a alguns irmãos para reunirem-se tanto com o bispo como com o prefeito, para ouvirem essas estrofes. A partir deste momento, ambos se perdoaram e garantiram uma relação de paz.<sup>225</sup>

Recorda-se que Francisco estava no auge de sua enfermidade e sofrimento, e ao mesmo tempo a Ordem dos irmãos estavam em fortes conflitos. Então chegar neste momento e ter as condições de fazer um louvor que evidencia o perdão precisou haver muito despojamento e entrega. Pela oração e doação que a vida do irmão se transformou ao final em um grande louvor. “O Cântico das Criaturas é, na verdade, o hino do homem plenamente reconciliado, apaziguado, nas suas relações com os outros e consigo mesmo, até na ‘enfermidade e tribulação’”.<sup>226</sup>

<sup>223</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 226

<sup>224</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 226

<sup>225</sup> CA 84 e 2Ep 101

<sup>226</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*, p. 136

A obra retratada é a marca de um processo formativo que foi capaz de gerar pelo encontro com as Escrituras frutos de docilidade por parte de Francisco. Nada mais lhe tornava amargo, pois a doçura lhe vinha deste encontro conciliador que perdurou, a partir da sua conversão para a vida toda. O Cântico no seu todo, bem como esta estrofe do perdão e da paz, só faz sentido quando percorremos e entendemos como aconteceu todo o processo de formação de Francisco. Trata-se de um apanhado que gerou um novo Francisco, capaz de compreender a grandiosidade do Criador e os limites humanos.

Francisco deixa claro no próprio cântico que o perdão não é fruto das condições e capacidade humanas, é preciso de uma força externa para o perdão tornar-se evidente. O louvor aqui feito é pelos que perdoam pelo amor de Deus, não por um amor próprio, mas pelo amor de Deus que se oferece a todas as criaturas e convida à reconciliação, ou seja, é a partir do encontro com Cristo que a reconciliação acontece plenamente e dá as condições para aquilo que segue no Cântico, a paz. Francisco não coloca a centralidade na criatura, mas no Criador que possibilita na criatura a reconciliação, ou seja, a espiritualidade do cântico é centrada no Cristo, e por isto é ao mesmo tempo, cristológica e antropológica.

A primeira, a que fala do perdão, também manifesta o verdadeiro lugar e poder do ser humano. Essa é a estrofe cuja atenção se volta inteiramente para o ser humano. Parece confessar que toda a grandeza humana está em fazer-se pequeno, em perdoar, no sentido de acolher e aceitar as *infirmidade et tribulazioni* e não em viajar pelo espaço sideral, controlar a engenharia genética, apossar-se dos bens do planeta, deter o poder monetário.<sup>227</sup>

Pelo mesmo amor que são capazes de perdoar, também agora, são capazes de suportar as enfermidades e tribulações. Foi por meio de um processo dolorido ao longo da sua vida que se deu o processo de solidificação e consistência ao jovem de Assis, que o tornou capaz de tamanha compreensão e síntese de final de vida, em que se não houvesse um amor maior, tudo tornar-se-ia mais difícil.

Ele conheceu e viveu o drama conflitivo do seu tempo e chegou a buscar a solução nas armas. Sua retirada do mundo foi um salto qualitativo. Inaugurou uma nova maneira de ser, de viver e de sentir para depois poder agir no seu mundo, com espírito renovado e uma nova compreensão da realidade.<sup>228</sup>

---

<sup>227</sup> CROCOLI, Aldir. Cântico do irmão sol. Uma leitura antropológica, p. 14.

<sup>228</sup> MENDES, Lenita de Argollo, Da violência cotidiana à paz necessária o movimento franciscano e a paz. *Cadernos da ESTEF*, Porto Alegre. 29/2, p. 53-63, 2002, p. 54.



Foi pela experiência dada nos fatos que se sucederam na juventude, no sonho de ser um grande cavaleiro, líder da juventude através das guerras, o que ocasionou conflitos, mortes e até mesmo a sua prisão, além da sua própria enfermidade pela qual começa a manifestar sinais para um novo rumo para a sua existência. A partir de um sonho a caminho das cruzadas que definitivamente Francisco muda o rumo da sua vida, para um novo modo de viver, pois ali começa a entender a manifestação do amor de Deus na sua vida.

Quem pode ser-te mais útil? O Senhor ou o servo? Como lhe respondesse: “O Senhor”, de novo lhe disse: “por que então deixas o Senhor pelo servo e o Príncipe pelo vassalo? Francisco diz-lhe: “que queres que eu faça, Senhor?” Diz-lhe a voz: “Volta para a tua terra”, e ser-te-á dito o que deves fazer (LTC 6, 5b-8a).

A partir deste fato, tudo começa mudar, um novo Francisco começa a ganhar forma. Os olhares começam a voltar-se para Francisco, pois tinha estabelecido uma nova forma de viver e compreender o mundo, favorecendo assim a formação de uma comunidade de irmãos reconciliados a partir das experiências de Francisco. Francisco e seus irmãos passam a partir de agora serem felizes porque por meio de suas práticas são capazes de dar a sustentação para a paz, que inicialmente era desconhecida para ele, mas que passou a ser o ponto de encontro para a expansão de uma comunidade de irmãos.

A paz que ele deseja a todos e a cada um é o favor de Deus, o perdão, a volta à graça, a amizade divina recuperada, numa palavra, a reconciliação total com Deus; e é, por isso mesmo, também a reconciliação dos homens entre si e consigo mesmos, no mesmo espírito de misericórdia.<sup>229</sup>

A partir do verdadeiro encontro com Deus e agraciado com a misericórdia é lhe possibilitado percorrer um caminho norteado pela paz, possibilitando para aqueles que desejam, dar um novo sentido para o seu viver e serem abençoados.

Com Francisco, Assis foi capaz de descobrir o que é a paz, algo que parecia tão distante, com Francisco tornou-se mais próximo, “[...] ofereceu paz, perdão, profunda alegria, fraternidade experimentada nas pequenas coisas, a capacidade de celebrar o grande sacramento da vida”.<sup>230</sup> Francisco com o seu modo de ser foi capaz de estabelecer e criar vínculo com os irmãos tornando-os desejosos também para o cultivo e a propagação da paz. O santo de Assis ao estabelecer vínculo com a pessoas os saudava com a paz. “O Senhor vos dê a paz!” (1Cel

<sup>229</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*, p. 132

<sup>230</sup> MENDES, Lenita de Argollo, *Da violência cotidiana à paz necessária o movimento franciscano e a paz*. Cadernos da ESTEF, p. 55

23). “Esta saudação exprime uma atitude e uma vontade muito profundas de reconciliação”.<sup>231</sup> Ele tornou-se o arauto da paz e assim começou a cultivar adeptos a viver a partir da paz e reconciliação entre os seus adeptos.

Um segundo traço caracteriza as relações de Francisco com seus semelhantes. Estão estas relações sob o signo da paz. No seu Testamento escreve Francisco: “O Senhor me revelou que, ao saudar, devemos dizer: O Senhor te de a paz!” Não se trata aqui de uma simples fórmula. [...] Francisco lhe dá seu pleno sentido bíblico e evangélico. A paz que ele deseja a todos e a cada um é o favor de Deus, o perdão, a volta à graça, a amizade divina recuperada, numa palavra, a reconciliação total com Deus; e é, por isso mesmo, também a reconciliação dos homens entre si e consigo mesmos, no mesmo espírito de misericórdia.<sup>232</sup>

Ao enviar os seus irmãos para outras regiões os exortava que fossem portadores da paz e comunicassem a mesma com a saudação “Ide, caríssimos, dois a dois, pelas diversas partes do mundo, anunciando aos homens a paz” (1Cel 29). Agraciados foram os discípulos por receberem a paz, agora agraciados são por serem os portadores da paz. A paz provém de Deus, e a mesma não pode ser reservado à pessoa que recebe, mas a mesma deve ser comunicada, pois é dom de Deus. A plenitude da paz é autenticada pela profunda comunhão daquele que a porta.

### 2.3.3 O encontro com a irmã morte

Estar em plena comunhão com o Senhor, eis o desafio. Francisco no final de sua vida revelou ser este humano que procurou viver de forma plena com Deus, a ponto de culminar na hora de sua morte, reconhecê-la como uma irmã e assim demonstrar a integralidade da vida que aconteceu no processo de sua caminhada.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar. Ai daqueles que morrerem em pecado mortal: bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal. Louvai e bendizei ao meu Senhor, rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade (Cnt 12-14).

A última estrofe do Cântico das Criaturas brotou do coração de seu autor ao sentir que já estava temporariamente acabado e que a lei universal da morte lhe chegava inexoravelmente.<sup>233</sup> Esta estrofe do Cântico do Irmão Sol é a celebração do encontro. A morte

<sup>231</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*, p. 132

<sup>232</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*, p. 132

<sup>233</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 226

é aquilo de mais certo, cedo ou tarde, cada indivíduo vai experimentar, mas ao mesmo tempo é uma realidade que a pessoa procura não olhar, pois parece estar tão distante que não tem tempo de a contemplar. A morte é uma realidade que precisa ser olhada com carinho. Isto foi o que Francisco procurou fazer. Há no momento presente uma ânsia por ter, dominar, ser o senhor do mundo. Parece que se vive como se nunca fosse morrer. A morte é uma realidade que não se pensa, parece ser algo para os outros. Dificilmente a morte pela maioria das pessoas será considerada uma irmã.

Ao longo da sua vida Francisco já foi experimentando aquilo que viria após a morte. Durante a vida peregrinou e passou por alguns sofrimentos, para ele não foi um peso, pois tinha uma meta. Diferentemente da maioria dos mortais, Francisco olha para a realidade da morte como sua irmã. Reconhecer a morte como irmã é fazer a grande coroação de sua trajetória que culmina com aquilo de mais belo, a morte corporal para as alegrias eternas.

A expressão “nossa irmã Morte corporal” revela o seu sentido: o dum encontro fraterno com a necessidade, com a dura e implacável necessidade de morrer. Encontro vivido e celebrado na “Amplidão” do louvor, como um caminho para o Sagrado.<sup>234</sup>

A morte como irmã acaba sendo um despojamento total de uma realidade transitória para uma realidade eterna. Um irmão, uma irmã é alguém muito próximo, ao qual se confia a vida e que tem uma ligação sanguínea ou afetiva que os une. Do mesmo modo para Francisco, a morte tornou-se esta realidade tão íntima e próxima. A morte acaba sendo o caminho para gozar dos frutos que produziu na vida agora permanentemente na eternidade, a realidade sem fim.

Para quem vive buscando inserir-se na vontade de Deus, trabalhando para que o “nome de Deus seja santificado”, a morte é sentida como irmã porque vai introduzir o ser humano no coração de Deus, vai fazer acontecer a fusão de ambos. E aí o humano ganha a grandeza do divino.<sup>235</sup>

O reconhecimento da morte como irmã é dado por um processo de despojamento e ressignificação da própria existência, fazer a vontade de um projeto maior, de Deus, e não um projeto limitado, ou pessoal. Francisco com a morte como irmã, estabelece o vínculo com Cristo como Paulo. “Não sou mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20).

Saudar a morte como “irmã” é reconhecer que há entre ela e nós mesmos um estreito laço de parentesco; é reconhecer que o “totalmente diferente” da morte é uma

<sup>234</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*, p. 140

<sup>235</sup> CROCOLI, Aldir. *Cântico do irmão sol. Uma leitura antropológica. Cadernos da Estef*, p. 25.

realidade que não nos é estranha, é uma outra dimensão de nós mesmos. Uma dimensão que não posso circunscrever e à qual me abro unicamente por um ato de desapego total do meu eu separado, individual, no encantamento da mais estreita pobreza.<sup>236</sup>

“Francisco não vive mais encerrado na sua pequena individualidade, agarrado ao seu eu como a um tesouro. Libertou-se de toda atitude de posse de si mesmo”.<sup>237</sup> A partir do momento que o jovem de Assis sai do centro do quadro e coloca neste centro algo maior e eterno estabelece um outro centro, “Cristo” o qual faz redescobrir e entender a transitoriedade da existência e que esta não está tão distante, mas próxima e da qual todo o indivíduo mais cedo ou mais tarde vai experimentar, e que pode se tornar uma benção ou um momento angustiante por não ter compreendido como parte da vida. Assim, o *Poverello* de Assis a descobre e acolhe como a sua irmã, a qual vincula diretamente a eternidade, a morada com o amado que tanto buscou.

Ele traz a preocupação “dos que morrerem em pecado mortal” (Cnt 13). O pecado que aprisiona o indivíduo nas coisas deste mundo, não o torna capaz de reconhecer a transitoriedade da vida, este vai consumindo a vida do ser humano levando a um esvaziamento que não conduz à plenitude da vida, mas à morte eterna.

O pecado mortal, o pecado que traz morte à alma, é precisamente o fechamento do eu consciente em si mesmo e em sua individualidade, é o apoderar-se de si mesmo a qualquer preço. É esse agarrar-se ao eu que transforma o meu ser em um ter.<sup>238</sup>

Quando a pessoa está voltada para si, ela esquece daquilo que a rodeia, vivendo uma vida voltada para si, o outro acaba sendo um trampolim para ainda mais evidenciar a prepotência individual. A essência do ser acaba cedendo espaço para o envaidecimento pessoal, esquecendo que se faz parte de um todo, deixando de lado e se desligando dos irmãos do cosmo e principalmente do seu Criador. Francisco conseguiu fazer esta passagem de libertação, libertando-se daquilo que é transitório e fundamentando a sua vida no que é eterno.

“Abre-se a grande esperança. O pró-Eterno é a sua esperança: ‘Tu és nossa esperança, és nossa vida’, canta Francisco nos seus louvores de Deus”.<sup>239</sup> De fato, na profundidade da sua experiência com Deus ele compreende o limite da vida, e aquilo que é essencial conservando-o para gozar na eternidade.

<sup>236</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*, p. 141

<sup>237</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*, p. 142

<sup>238</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*, p. 142

<sup>239</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*, p. 143

Quando a morte é compreendida, estabelece-se assim o vínculo fraterno, entendendo que a mesma não é um mal, mas uma culminância de ter feito “a tua santíssima vontade”. “Quem aceitou renunciar à posse de si mesmo e submeter-se ao Ser e ao seu desígnio criador, mergulha desde já no Eterno. Não vive mais uma vida separada; participa da própria vida do Ser”.<sup>240</sup> Compreendendo assim a vida eterna e sendo a morte a ponte para saborear da eternidade. Desta forma, nesta fraterna união com a morte, não acaba sendo mais um perigo e medo, mas um tornar-se um vínculo direto com Deus.

Finalizando tamanha obra poética na qual estabeleceu o vínculo fraterno do criador com todas as criaturas. Francisco acaba louvando, agradecendo e bendizendo, um grande sinal de gratidão ao Senhor por tudo aquilo que proporcionou a ele experimentar e estar reconciliado e em plena comunhão com toda obra da criação.

Assim como na vida de Jesus Cristo, também no Cântico encontramos um caminho de trans-des-cendência, de ida para baixo. A ordem em que aparecem os seis elementos cosmológicos (sol, lua, vento, água, fogo e terra) aponta para uma descida: do mais alto que está acima de nós (sol) até o mais baixo, sob os nossos pés (terra). O acréscimo da estrofe da morte nos levaria mais para baixo ainda, à total aniquilação de nosso modo de ser terrenal.<sup>241</sup>

“Servi-o com grande humildade” (Cnt 14). Um valor que guiou Francisco foi a humildade, colocou-se no lugar de servo, o menor das criaturas a fim de que o reino de Deus acontecesse, pelo serviço oferecido aos pequenos e sofredores. Francisco colocou-se no lugar daquele que serve e não aquele que é servido. Ele convida também seus irmãos ao serviço do Reino, sendo irmãos menores, e servindo com toda humildade. “Se todas as criaturas foram feitas “em Cristo e por Cristo”, então Ele é parâmetro do humano, isto é, sua transdescendência implica também no modo próprio do ser humano.”<sup>242</sup>

---

<sup>240</sup> LECLERC, Eloi. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*, p. 143

<sup>241</sup> CROCOLI, Aldir. Cântico do irmão sol. Uma leitura antropológica. *Cadernos da Estef*, p. 10

<sup>242</sup> CROCOLI, Aldir. Cântico do irmão sol. Uma leitura antropológica. *Cadernos da Estef*, p. 10

### 3 A CULTURA DO ENCONTRO NO OLHAR FRANCISCANO

Tendo percorrido as dimensões do escutar e do discernir, chegou a vez de apresentar algumas proposições acerca dos encontros vivenciados em Francisco de Assis. Como já dito, anteriormente a vida de Francisco de Assis e de todos é feita de múltiplos encontros e desencontros. No entanto estes encontros trazem consequências para a vida e mais, o que fazer com essas provocações que partem dos encontros e desencontros.

Neste último capítulo a proposta é desenvolver alguns elementos que parecem ser pertinentes para as proposições, nesta perspectiva do encontrar-se consigo mesmo a partir dos encontros. Para compreender a dimensão do encontro, buscar-se-á embasar o encontro na perspectiva da alteridade, conceito este muito perspicaz para adentrar num olhar franciscano que por si só é conceito de práxis e se trata de um modelo ético para vida social. Seguida desta apresentação se concentrará na cultura do encontro sob a ótica franciscana, como o franciscanismo compreende esta cultura em tempos hodiernos. E para concluir se olhará, de forma sucinta, também como provocação, a atuação do outro Francisco, a quem se dirigirá ao Papa Francisco na perspectiva da cultura do encontro de como tem se repercutido no ambiente eclesial.

Francisco de Assis revela que o novo está dentro de nós mesmo. Muito daquilo que procuramos sobre nós, está dentro de nós mesmo, contudo, nestes tempos em que se vive se é estimulado de forma constante a buscar sempre por fora, deixando aquilo que há dentro de si adormecido, aquilo que traz uma riqueza enorme para vida com significados e rico de sentidos. Para descobrir o que há dentro de si, é necessário despertar o que se aquietou, requer fazer como o pobre de Assis, “tem que passar primeiro pelo autoconhecimento, pela reflexão”,<sup>243</sup> e desta forma, encarnando e vivendo o Evangelho deixou para humanidade um modelo de fraternidade universal.

a proximidade funciona como uma relação de contiguidade, referindo-se à dinâmica interpessoal, à experiência de contato, de sensibilidade e de vizinhança entre seres humanos. Proximidade significa movimento e inquietude - esforço contínuo de

---

<sup>243</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana. DEJEANNE, Solange de Moraes; MUNARO, Valdemar Antonio (Orgs.) *Antropologia e Cosmovisão Franciscana* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Ed. Fi, 2020. 196 p., p. 50

aproximação do Outro. Porque nunca estamos suficientemente próximos do Outro. Constatação incômoda, fundada na consciência de uma distância impossível de encurtar ou anular, mas constituindo um apelo irrecusável para a experiência de encontro.<sup>244</sup>

Esta forma de encontro que fora moldando Francisco de Assis, a proximidade, experiência de contato, de sensibilidade. Essas realidades plenamente humanas que foram geradoras de relações mais autênticas, mais humanas, e isto favorece não apenas ao outro como à pessoa em si mesma. Ela se descobre para além dela.

De fato, “o verdadeiro humanismo é, pois fruto do êxodo, que desinteressa o eu de si mesmo, para interessar-se por Outrem.”<sup>245</sup> Esse exercício do sair de si mesmo é mais que necessário para estar aberto no encontro com outro, para que o outro seja ele mesmo. Este sair de si mesmo, pode ser dito até em âmbito eclesial, ampliando a questão da reflexão, a proposta lançada nos últimos anos, sobre a Igreja em saída pelo Papa Francisco, pode ser vista, também, nesta ótica.

Nos limitamos a olhar o Outro como fonte de novidade, tenderemos a valorizar a experiência de encontro como uma oportunidade de enriquecimento pessoal, que pode até ser geradora de compaixão, mas não de solidariedade. Precisamos dos Outros para ser quem somos e, sobretudo, para ser quem queremos ser. Mas isto significa que nos realizamos em sociedade, isto é, “com os outros” e não “através dos outros”.<sup>246</sup>

Certo que o santo de Assis, soube nas experiências de seus encontros, encontrar-se consigo mesmo, sobretudo, fazer misericórdia para com aqueles que precisavam, bem como encontrar-se com os outros e juntos fazer uma sociedade um tanto diferente em sua época. O desafio de olhar o Outro, ir ao encontro do Outro sempre será espaço de aprender e descobrir algo. Para o pobre de Assis o encontro mais excelente entre as pessoas, “mas do que uma relação imperativa deverá ser uma relação dialógica e fraterna, na medida em que todos são revestidos da mesma dignidade”.<sup>247</sup>

### 3.1 A CONCEPÇÃO DE ALTERIDADE

<sup>244</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade. DEJEANNE, Solange de Moraes; MUNARO, Valdemar Antonio (Orgs.) *Antropologia e Cosmovisão Franciscana* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Ed. Fi, 2020. 196 p., p. 154.

<sup>245</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade, p. 142.

<sup>246</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade, p. 155

<sup>247</sup> ZAVALLONI, Roberto. A personalidade de Francisco de Assis. Estudos psicológicos. Petrópolis: CEFEPAL, 1993, p. 32.

O conceito de alteridade é um conceito muito atual e que para buscar por uma cultura do encontro é imprescindível não abordar. Para ter uma abertura ao encontro, é necessário que se busque o olhar para outro como ele é, não apresentando vestígios e preconceitos que antecedem algum tipo de relação. Viver uma ética da alteridade é esvaziar-se de si para que outro seja ele mesmo.

E um dos desafios é viver as relações na perspectiva do encontro sem olhar para outro como um rival, um obstáculo no percurso, mas um ser que está aí para juntos formar e constituir comunidade. Neste sentido Francisco de Assis teve a capacidade de ter e orientar relação interpessoais bem como na escuta do outro para assim descobrir o outro, e ao mesmo tempo, olhar para si mesmo e também se descobrir.

Esta é uma temática cujo interesse se volta para os encontros. Às relações humanas estão sendo vividas de uma forma muito debilitada ou até mesmo fragilizadas. Neste sentido a alteridade é uma forma ética de como viver as relações humanas a partir dos encontros e desencontros da vida. Nos momentos atuais em muitas circunstâncias as relações não são vistas na perspectiva do outrem, em se tratando muitas vezes de relações individualistas, preocupadas apenas em si mesmas, isto, sem a capacidade de deixar-se olhar pelo outro, sentir-se pelo outro. Acredita-se que a ética levinasiana,<sup>248</sup> que aborda o conceito da alteridade a partir dos encontros nas relações, isto é, uma ética que visa as relações, é uma ética que preocupa-se com Outrem, que está para além do Mesmo, como afirma o autor, quando se refere a si mesmo. É “um convite a uma evasão do Ser (Mesmo), uma transcendência ao Outro, pois o retorno a si mesmo nada mais é que desumanização”.<sup>249</sup>

Existe na ética um movimento, que por vezes é considerado como um primeiro movimento, a saber, o egoísmo, ou seja, o ‘eu’ começa se constituir de egoísmo. Necessário termos o prazer de viver, ou seja, ter esse gozo da existência. Nesta necessidade de procurar a satisfação própria por primeiro, começa a se constituir um “eu” egoísta, não por ser maldoso para com o Outro, mas para sentir-se realizado por primeiro, ter o cuidado por si mesmo. A partir do momento em que o “eu” se estabelece, o Outro passa a não ser visto mais como uma

---

<sup>248</sup> Para compreender esta dimensão ética em Levinás será necessário adentrar no século XX e ressaltar especialmente a crise da subjetividade vivida nesse período, no entanto, não pode-se esquecer de outros fatores desta época, a saber: as duas guerras mundiais que marcaram a história da humanidade e dentro do mundo ético mostraram-se ineficaz. Diante deste caos das relações na perspectiva ética surge uma figura no mundo da filosofia, apresentando uma nova proposta ética, sendo ele, Emmanuel Levinas. Antecedendo o século XX, isto é, ainda no século XIX aconteceram diversas críticas acerca da metafísica por muitos autores. Tendo em vista as mais variadas críticas, Levinas surge com uma nova metafísica. Toda a ontologia para Levinas está ligada a uma negação do sujeito. Neste aspecto da pesquisa se trabalhará justamente a relação de alteridade a partir do conceito levinasiano. Fonte retirada de: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 2004.

<sup>249</sup> ALVES, Marcos Alexandre. *Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade*, p. 142.



ameaça. É nesse gozo da existência, neste eu egoísta, feliz que ele pode desejar e o desejo é algo que nunca será saciável. O desejo do infinito é aquilo que não pode ser saciável.

O Outro se impõe com uma irreduzível alteridade, me olha e se refere a mim, e, portanto, se desfaz o que dele tenho em mente, pois a sua face tem significado em si mesma, ou seja, a “face é significado, e significação sem contexto”.<sup>250</sup> O Rosto do Outro nunca pode ser objetivado, o outro que se mostra, vestígio do infinito. Outro é inteiramente outro, isto é, alteridade. O rosto não se reduz aos aspectos físicos que são descritos ao se olhar para o rosto do Outro. O rosto é transcendência, é infinito, é exterioridade.

O fundamento da dignidade da vida humana é a relação de alteridade, ou seja, o face-a-face, a relação de Outrem com o Mesmo, isto é, na manifestação do rosto e na exigência da acolhida. Então a relação ética consiste nesta relação face-a-face, em que o Mesmo se apresenta diante do Outro em relação desinteressada, que não visa interesses, mas que simplesmente se coloca em relação a partir do encontro. E mais, diante do Outro é preciso “dizer, eis-me aqui. Fazer alguma coisa por outrem”,<sup>251</sup> pois no seu rosto, além do mandato de não o matar, transparece a ordem como que se ele estivesse mandando eu servir.

A resposta ao apelo do Outro deve tornar-se visível em cada ato humano. A presença do Outro não constitui um limite ou uma ameaça à dinâmica pessoal de conquista de autonomia, mas representa a oportunidade de enriquecimento e aprendizagem - novidade do novo.<sup>252</sup>

O Outro sempre será capaz de apresentar algo novo, provocar no Mesmo um outro jeito de agir e comportar-se. Contanto, que nesse estar aberto ao Outro para aprender é imprescindível descartar todos os pré-conceitos tidos, isto é, ir livre para que o Outro seja ele mesmo, é desta forma que será possível também olhar para si mesmo e descobrir-se como tal. Pode-se afirmar que, “O verdadeiro humanismo é, pois fruto do êxodo, que desinteressa o eu de si mesmo, para interessar-se por Outrem.”<sup>253</sup>

Nesse sentido, estar perante outra pessoa significa está radicalmente separado do nosso próprio mundo, entrar em contato com um segredo, com um universo totalmente desconhecido e distinto, submetendo-se, nessa condição, à força de outra liberdade. A relação com uma liberdade supõe abertura e acolhimento, que implica a disponibilidade da consciência para receber o movimento que vem de fora para dentro, contrariando o habitual movimento que vai de dentro para fora e por meio do qual o sujeito toma posse da exterioridade.<sup>254</sup>

<sup>250</sup> LEVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 78

<sup>251</sup> LEVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*, p. 89

<sup>252</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade, p. 152.

<sup>253</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade, p. 142.

<sup>254</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade, p. 152.

Normalmente a dinâmica é sempre esperar algo em troca, ou seja, há uma predisposição anterior que é dentro, o esperar, atitude que parte de si em relação ao outro, contudo, a experiência do encontro de uma autêntica alteridade é simplesmente estar sem “interesse”, deixando que o Outro seja aquele quem ele é.

O acolhimento ao outro, a reverência à alteridade não diminui nosso valor de dignidade, a nossa grandeza enquanto indivíduos. O acolhimento, a relação respeitosa e reverente com tudo e todos, o tempo todo, enriquece a vida social, liberta e qualifica os nossos processos humanos.<sup>255</sup>

Uma postura de acolhida, de recebimento, isto trata de ser uma “transcendência ética, inverte a ordem tradicional do para-si ao para-o-Outro e, portanto, traduz-se como acolhimento e responsabilidade inalienável pelo Outro, sem esperar nada em troca (reciprocidade)”.<sup>256</sup> Este paradigma da alteridade é o quadro referencial a partir do qual a pessoa organiza sua identidade, portanto, a questão Quem sou eu? por vezes deverá ser precedida por Quem é você?

O outro não precisa necessariamente ser reduzido a inimigo, escravo, senhor ou alguém a ser combatido ou submetido. O outro é irmão. Filho do mesmo pai amoroso. A alteridade não é negação da subjetividade do Eu, a alteridade é ganho qualitativo para a existência, porque ela quebra a solidão e possibilita a solidariedade. A alteridade nos desaprisiona, liberta-nos do solipsismo.<sup>257</sup>

Recuperar a noção de alteridade como constitutiva da subjetividade pode ser uma forma de assumir que a identidade humana se constrói por meio do encontro sensível e corpóreo, linguagem e afeto, enfim, nosso jeito de ser é formada a partir do encontro inevitável com o outro.

O respeito à Alteridade exige que o eu seja como que atraído para fora de seu pólo, que se quebre o esquema do sujeito intencional e se revele outro núcleo mais profundo, anterior, pré-original e anárquico em relação ao esquema intencional. Ser atraído para fora de si é ser animado e inspirado pela Alteridade, escutar e obedecer antes de ver.<sup>258</sup>

Com relação a subjetividade, critica-se de certa forma, para reafirmar que esta dificulta uma relação sem a aquisição de um pré-conceito no outrem, perdendo neste sentido uma relação de alteridade, quanto a isso Susin nos afirma que “a subjetividade sem lugar no ser, antes mesmo

<sup>255</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana, p. 54.

<sup>256</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade, p. 142.

<sup>257</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana, p. 54

<sup>258</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade, pp. 147-148.

de ‘ser-para-o-outro’ é uma unicidade diversa do ser, unicidade insubstituível por algum ‘ser’ na proximidade e na responsabilidade como um antes ou fora ou desalojado do ser: ‘um para o outro’”.<sup>259</sup>

Susin afirma, sobre a alteridade:

Levinas conduz, assim, a uma concepção de corpo e alma fora do dualismo cartesiano, na proximidade de um e outro: “A animação, o pneuma mesmo num psiquismo, a alteridade na identidade, é a identidade de um corpo se expondo ao outro, se fazendo ‘para-o-outro’: possibilidade do doar”.<sup>260</sup>

Isso se trata de que quando houver uma proximidade, e todo ou qualquer tipo de vestígio, ou melhor dizendo, pré-conceito que se tem do outrem está para fora de si. Num encontro de proximidade há o “seu modo próprio de conhecer e de se enunciar”.<sup>261</sup> Sendo assim, existe na proximidade uma relação de entrega, um estar para o outro, crescendo nesta relação uma responsabilidade para com o outro que está sua frente, face-a-face.

Referindo ao olhar, que acontece neste contato, nessa proximidade de relação de alteridade, percebe-se que é o auge nesta relação, pois no olhar que podemos desarmar aquele que está a nossa frente. O olhar revela o que está para além daquilo que se vê, é no olhar que alcançamos o âmago do Outrem, desvelando o mistério da sua própria identidade ao próprio Outrem, sem a necessidade de ser desvelado a Mim, “o olhar é nu e frágil, despojado e exposto, mas sem possibilidades de manipulações, uma sinceridade e imediatez da transcendência, infinito e in-mensurável, além dos olhos que me visita”.<sup>262</sup>

A primeira justiça que abre a transcendência é este reconhecimento da exterioridade do outro, e a interdição de invadi-lo. O outro é um “não” – inscrito em seu olhar e em sua palavra – que paralisa meus projetos de gozo, de posse e de desvelamento. Diante do Outro “eu não posso poder”. Ele é a morte das minhas auto-expansões ingênuas e me inverte no recuo do remorso e na tentativa de velamento da vergonha. É convite a nascer de novo.<sup>263</sup>

Podemos dizer que essa relação de alteridade se trata de um despertar ético, isto é, um sair de si para o mundo sem voltar. O movimento da constituição do eu é abraâmico, onde Abraão sai de sua terra e nunca volta. Ou seja, o “eu”, sai de si para uma relação doada ao Outrem sem olhar para si mesmo, esquecendo-se do que foi, do que é, e do que será.

---

<sup>259</sup> SUSIN, Luís Carlos. *Um para outro. A alteridade e a subjetividade na filosofia de Emmanuel Levinas*. (Dissertação mestrado). Pontifícia Gregoriana. Facultas Theologiae. Roma, 1981, p. 51.

<sup>260</sup> Apud AD 87, SUSIN, 1981, pp. 51-52

<sup>261</sup> SUSIN, Luís Carlos. *Um para outro. A alteridade e a subjetividade na filosofia de Emmanuel Levinas*, p. 51

<sup>262</sup> SUSIN, Luís Carlos. O esquecimento do “outro” na história do continente. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v. 47, fasc. 188, dez, 1987. p.820-838., p. 833

<sup>263</sup> SUSIN, Luís Carlos. O esquecimento do “outro” na história do continente, p. 835

De certa forma essa ética é uma ética de responsabilidade. É o outro que me apela e só me cabe responder. Um exemplo bem prático para esse tipo de relação ética é maternidade. A mãe entrega-se totalmente ao Outrem sem vestígio do que possa vir a ser. O fato de ter o outro dentro de si, esquecendo-se automaticamente, revela a maior alta forma relação de alteridade. Afirma-se também:

A ética da intersubjetividade, buscando certo equilíbrio entre o Eu e o Outro. No entanto, na acepção dessa ética intersubjetiva o Outro foi geralmente pensado e percebido como outro eu, a partir do eu os outros não são totalmente outros, são outros, mas são outros eus como sou outro para eles.<sup>264</sup>

Assim podemos reafirmar que em frente a outro eu me coloco como refém, pois o Outro me apela, me coloca em situação de resposta urgente, isto é, “diante do Outro, o ser – o mundo e a subjetividade - ganha sentido como tarefa e como vocação”.<sup>265</sup>

A vida social surge-nos como condição de espiritualidade, produção de sentido humano e o lugar de eleição para a emergência da responsabilidade. Porque o Outro não só interpela, como pede respostas e ninguém pode ser substituído nessa chamada. Somos únicos na medida em que somos insubstituíveis na resposta ao apelo que nos é dirigido por Outrem. Dizer “eu sou” é o mesmo que dizer “eu sou responsável”.<sup>266</sup>

Esse Outro que nos leva a uma mudança sempre é aquele que está na miséria, de certa forma esses seriam os leprosos de nossa era, são aqueles e aquelas que estão e são colocados a margem de nosso mundo, apenas esses são capazes de nos interpelar e questionar. O Olhar do sofrido quando tocado em nosso olhar, nos paralisa, nos inquieta, nos tira a paz e o sossego.

Para que o Outro nos interpele é necessário não termos medo, precisamos nos colocar abertos ao encontro com o Outro, apenas assim a interpelação é gerada. O fechamento é o veneno do sistema neoliberal. Quando essa abertura acontece e esse encontro nos transforma, percebemos que “aquilo que era amargo se torna em doçura do corpo e da alma”.

Nessa medida, contra a mentalidade fortaleza é preciso afirmar uma mentalidade nova, sensível e responsável, onde a relação com a alteridade não se confunda com o mero consumo de alteridade. O futuro que ainda não chegou, mas que já está presente como energia vital, reclama um pensamento aberto, complexo e prospectivo, capaz não só de acolher alteridade do tempo, mas de aprender a dialogar com o imprevisível. Ora, o imprevisível por excelência é, como sabemos, o Outro ser humano.<sup>267</sup>

<sup>264</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade, p. 144.

<sup>265</sup> SUSIN, Luís Carlos. O esquecimento do “outro” na história do continente, p. 836.

<sup>266</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade, p. 151.

<sup>267</sup> ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade, p. 155.

É importante ressaltar, esta dimensão da transformação no encontro o qual se procurou estar aberto para o outro, pois como se nota no Testamento, Francisco frisou esta transformação em corpo e alma, isto é, na sua completude. A mudança acontece por completo, a inquietude causada pelo Outro não muda apenas uma parte, mas nos leva a sair por completo. Muda a nossa relação de proximidade, mas também muda nossa concepção a respeito daquele que está a nossa frente nos interpelando.

Uma relação de alteridade, onde a subjetividade, àquela voltada apenas para si mesmo é deixado de lado, nos revela um amor autêntico, um amor verdadeiramente ágape, isto é, um amor oblato. Se trata de entrega, muita mais que isso, se trata de morrer para o Outro. Um deixar a si mesmo por causa do Outro, do leproso, aquele excluído e marginalizado. Quando isso se concretiza até a lei é burlada em prol da vida de alguém que soube viver com misericórdia. E para chegar ao fim desta reflexão se apresenta aqui um estudo sobre o processo penal em que é feita uma alusão ao São Francisco nesta relação de alteridade a partir do estar constantemente indo ao encontro do outro.

“Ir ao encontro dos réus – [assim escreve o pesquisador sobre o processo penal] – é a solução dos problemas. Não fugir deles, mas ir ao seu encontro, como Francisco fez. Não contemplá-los do alto, mas descer do cavalo para estar no mesmo plano que eles, como Francisco. Não afastar o olhar de sua deformação, mas manter neles o olhar como Francisco. Não evitar seu rosto com medo de contágio, mas beijar sua face, como Francisco. Não odiá-los como inimigos, não chicoteá-lo como cães, não amarrar a seu pescoço a sineta do leproso. Sua enfermidade não consiste na fome ou sede, no frio ou na solidão. O alimento para matar sua fome, a água que pode dessedentar suas gargantas o tecido que pode cobri-los, a casa para abriga-la é nosso amor. O antídoto contra o mal é o bem.<sup>268</sup>

Fazer misericórdia é viver a doçura do amor. Onde na realidade a transformação é gerada tanto naquele que interpela como naquele é interpelado pelo Olhar. Olhar na sua maior profundidade inquieta-nos, por isso esquecemos todos os pré-conceitos que aderimos por consequência de uma sociedade egoísta. Isto é viver uma relação de alteridade a partir dos encontros.

### 3.2 A CULTURA DO ENCONTRO NA PERSPECTIVA FRANCISCANA

Ser franciscano e não vivenciar a cultura do encontro demonstra algo de errado. Tendo refletido vários dos encontros de Francisco de Assis, o responsável por dar origem a esse

---

<sup>268</sup> ZAVALLONI, Roberto. *A personalidade de Francisco de Assis. Estudo psicológico*, p. 40.

carisma, percebe-se que será a ocasião de entender como viver a cultura do encontro nesta proposta. A cultura do encontro é uma questão um tanto pertinente para ser abordada em nosso meio social e mesmo eclesial, expressão essa usada pelo Papa Francisco. Sim, os recursos da tecnologia, do mundo digital tem favorecido muito os encontros, ditos virtuais, em contrapartida, nunca houve tanto distanciamento humano nas relações.

A ciência e a tecnologia, a partir da modernidade, por um lado, permitiram saltos gigantescos em todos os segmentos, por outro, negligenciaram o fato de que continuamos tão humanos como sempre. Nossas invenções e artificializações culturais não nos livram da miséria, da fome, da ganância, da injustiça, da morte e de constituirmos ódios injustificáveis perante a diferença. A ciência, a técnica e a tecnologia evoluíram consideravelmente para melhor, no que tange ao bem-estar humano e à melhoria da quantidade de tempo e das condições em que vivemos, mas, [...] o progresso moral não acompanhou as demais evoluções. Superamos o velho medo dos deuses, da natureza, para constituirmos uma cultura fundada na razão, no reconhecimento da grandeza que somos, na nossa capacidade de produzirmos saberes e fazeres para vivermos melhor. O movimento foi tão forte de mudança, que começamos a crer que podemos controlar tudo e todos o tempo todo. O excesso de autoestima da modernidade eclipsou a necessidade de rigor permanente no exercício do autoconhecimento.<sup>269</sup>

Não se procura, aqui, fazer uma crítica ou até mesmo elencar pontos que desfavorecem ou são contrários à cultura do encontro, porém, se traz presente essas questões para ilustrar melhor a importância da dimensão dos encontros na vida humana. Talvez, seja uma visão um tanto pessimista acerca do mundo digital, apresentado pela modernidade, contudo se percebeu, frente a uma grande pandemia que assolou o mundo inteiro, a COVID-19 em que todos foram orientados a ficarem isolados e distantes para a não proliferação do vírus, a internet, os meios de comunicação sociais nunca foram tão procurados e usados para manifestar-se próximo uns dos outros. E, sem dúvidas, isto trouxe muitas facilidades e comodidades em muitos aspectos. Ao mesmo tempo, há ainda uma disparidade social muito grande, e é notável que todos os avanços tecnológicos e digitais não diminuíram as diferenças sociais, senão causou mais desigualdade.

Com isso a sociedade vai se transformando em mero “robô”, caso não se der conta da necessidade de cultivar as relações próximas. E este transformar-se em robôs é consequência de que cada pessoa tende a se considerar o centro do mundo, inconscientemente desejando que tudo e todos girem em torno de si. Eis aí a fonte de muitas formas de violência, pois quando estes desejos não são atendidos – o que é impossível, pois todos desejam isso ao mesmo tempo

---

<sup>269</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana, p. 49.

– a lei do mais forte se faz sentir. Um viver autocentrado sempre será fonte de violência, de divisões e de morte.

Em seu contexto, como já visto, Francisco de Assis foi alguém que conseguiu inverter esta dinâmica existencial centrípeta. Lentamente foi se afastando do caminho de engrandecimentos. Começou a sensibilizar-se pelas necessidades dos outros, especialmente pelos mais abandonados. Foi possível esta transformação do santo de Assis devido ao reconhecimento e percepção da mão de Deus que o conduziu neste processo. É fundamental corroborar a presença de Deus nesse processo pois, para controlar a tendência ao egocentrismo, a dimensão da fé desloca o centro de si mesmo para Deus, ou seja, a um sair de si para o Grande Outro. Consequentemente favorece também a saída de si para o outro, numa intensidade sempre maior, até poder sentir-se alguém-para-os-outros. É isso que torna uma pessoa um ser-para-o-outro, um verdadeiro paradigma de ser humano.

Então, vejamos, que o Francisco e os frades “mostrava-se contrários à cidade de Assis que lhe negava humanidade, humanidade por demais gritante para Francisco. Ele e seus frades sabiam-se de outra raça humana, diferente dos favorecidos membros do sistema social da Assis e de outras comuns”<sup>270</sup>.

Este modo de ser expropriado e vivido como ser-para-o-outro o levou a viver uma fraternidade entre os seres humanos, especialmente entre os excluídos e todos os seres do universo. Lembre-se de sua estadia entre os sarracenos, já visto no primeiro capítulo deste trabalho, contra os quais a Igreja há quase um século estava convocando os cristãos a combatê-los. Francisco vai entre eles como irmão, e deles aprende inclusive costumes religiosos<sup>271</sup> que tentou introduzir na Europa cristã. Francisco aprende desses de quem se dizia serem a personificação do mal. Seu modo desprendido de si mesmo o tornou amigo de bandidos temidos por todos. Fez dos pobres seus amigos e mestres, a quem gostava de ver e ouvir. Esses fatos demonstram que procurava encontrar-se com os outros e deixar os outros serem quem eles eram de fato, e assim conhecendo as infinitas possibilidades e reconhecendo as necessidades de cada pessoa.

Hoje a luta está em prol de interesses próprios não sendo capazes de procurar uma relação de partilha, igualdade. Aliás, palavras como justiça, liberdade, igualdade parecem estar muito distantes de uma realidade concreta e real. Merino, afirma que se vive entre duas alternativas na sociedade

<sup>270</sup> FLOOD, David. *Frei Francisco e o movimento franciscano*. trad.: Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis: CEFEPAL, 1986, p. 42.

<sup>271</sup> Cf. CROCOLI, Aldir. Francisco entre os muçulmanos: quais seus objetivos e seu êxito? pp. 46-48.

o individualismo, que conduz o homem ao isolamento e à solidão e, como reação contrária, o coletivismo, que é o resultado da soma de múltiplas solidões, mas uma soma de indivíduos incomunicados jamais criará nem forjará uma comunidade humana em íntima convivência, pois o homem na coletividade nunca conseguirá um encontro do homem com o homem, visto que falta o reconhecimento da alteridade do outro com um alter ego.<sup>272</sup>

E no meio desta turbulência, o pensamento franciscano pode contribuir muito para encontrar caminhos e encarar toda essa realidade. Merino demonstra como essa contribuição pode acontecer, numa perspectiva trinitária.

a pessoa humana, à imagem da pessoa trinitária, ao mesmo tempo goza das categorias da individualidade, da singularidade, da liberdade e da dignidade, abre-se e relaciona-se com a pluralidade de pessoas em uma dimensão de comunicabilidade, de configurabilidade, de igualdade e de intimidade pessoal, criando uma profunda e vital comunidade de vida e de participação. Quer dizer, a vida humana é absolutamente individual e absolutamente comunitária.<sup>273</sup>

A pessoa humana tem essa dupla dimensão, como dada pela imagem trinitária, isto é, a pessoa é individual e ao mesmo tempo comunitária. Ela se constitui para si mesma, no entanto, só complementa quando é para o outro e pode-se confirmar assim: “independência e entrega, autonomia e heteronomia, solidão e convivência”.<sup>274</sup> E mais, se diria: “A fraternidade que Francisco recebeu como dom do Senhor não se apresentava como um conjunto homogêneo [...] aceitava o lado melhor de cada um e criava o protótipo do perfeito frade menor”.<sup>275</sup>

Francisco trabalhou infatigavelmente para que a fraternidade fosse vivida em toda sua intensidade e em toda sua extensão. Para isso, tratou de eliminar tudo aquilo que a destrói, a saber, a indiferença, o egoísmo, a ociosidade, a crítica, a murmuração, a divisão, o viver de costas para o outro, etc.<sup>276</sup>

Devido a esses motivos, por uma ausência cada vez mais arraigada de uma cultura de encontro, não se quer aqui, racionalizar uma proposta místico-religiosa por interesses conceituais, mas demonstrar que os encontros vividos por Francisco de Assis são também experiências de transformação, de autoconhecimento, de reflexão, de escuta transformadora e que vai para além dele, como já visto nos capítulos anteriores. E mais,

<sup>272</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 200.

<sup>273</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 200.

<sup>274</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 199.

<sup>275</sup> IRIARTE, Lázaro. *Vocação Franciscana*, p. 124.

<sup>276</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 171.



Em Francisco de Assis, o evangelho se fez topós e se resume pelo amor, pela valorização da vida e pela inclusão. Remontando o sentido do evangelho, como recepção da ética semítica, as categorias mais desprezadas, como os órfãos, as viúvas, os leprosos, os pobres, o estrangeiro, enfim, é que precisam de maior acolhimento.<sup>277</sup>

A procura pelos encontros não parte do nada, há um princípio essencial para suas ações que é o Evangelho. O estar entre todos, de modo especial, com aqueles que diante da sociedade não caminham de acordo, que são colocados à margem, é expressão de uma vontade maior em Francisco de Assis, vontade essa que é fazer a vontade do Pai.

Esse desejo que ele optou em fazer, com certeza não foi um ato tão simples: realizar esse processo de descendência social, virar o sonho de “cabeça para baixo”. Por isto que é importante destacar que as vivências de Francisco foram “resultado de um novo modo de olhar e escutar-se, foi um processo longo e de abertura ao mistério, ao novo e à transcendência, ao transcendente imanente”.<sup>278</sup>

O pobre de Assis conquistou sua liberdade a partir de um profundo e rigoroso eudaimonismo, de profundo exercício (*askésis*, em grego) ou *ascese* (em latim), de um olhar silencioso sobre si e sobre a realidade da sociedade, das famílias, da igreja, experienciando um tensionamento entre os heteronomismos e a necessidade de uma identidade. São Francisco de Assis relutou em ser um modelo a ser seguido, em vida repudiou essa condição iconoclasta.<sup>279</sup>

“A descida de São Francisco de Assis, no campo do autoconhecimento, era muito mais uma busca de reconciliação com sua própria existência, desejo de libertar-se das amarras que o tornavam menos do que poderia ser.”<sup>280</sup> Se isolando do mundo e encontrando-se com Deus, é que Francisco consegue ver Cristo no leproso, Deus presente em todos, até nos mais simples e a partir daí passa a ser visto como irmão universal e hoje como uma referência para humanidade. Foi a partir dessas experiências de Francisco de Assis, que a família franciscana ganhou o seu jeito de ser e agir na Igreja e no mundo. Através dos relatos, escritos do santo, de modo especial, as regras tanto a bulada como a não bulada, e o Testamento.

A compreensão da ideia de relação é que somos processo contínuo de construção que, ao nos relacionarmos com tudo e com todos, vamos lapidando nossa existência e dando forma e significado, fazendo ser uma vida que valha a pena ser vivida. O primeiro passo para reconhecer a nossa identidade é o autoconhecimento.<sup>281</sup>

<sup>277</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. *Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana*, p. 41.

<sup>278</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. *Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana*, p. 40.

<sup>279</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. *Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana*, p. 40.

<sup>280</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. *Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana*, p. 48.

<sup>281</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. *Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana*, pp. 46-47.

Desta forma é possível afirmar: “No pensamento franciscano dá-se muita importância ao conhecimento do homem. De tal modo que é de mais interesse conhecer-se a si mesmo do que qualquer conhecimento astrológico, botânico, biológico e sociológico.”<sup>282</sup> O encontrar-se consigo mesmo é tão necessário, pois este ato leva a compreender o mundo que o circunda. E mais, diz Merino e Fresneda:

Abre às suas próprias possibilidades pessoais e se dispõe a indefinidos encontros com o não-eu. O encontro sincero e verdadeiro consigo mesmo é condição indispensável para um encontro fecundo com os outros e com o Outro. Somente a pessoa pode estar disponível a serviço de uma missão que o reclame e, às vezes, o transcende.<sup>283</sup>

A dimensão do encontro é um dos elementos que qualifica o olhar ou perspectiva franciscana sobre o ser humano. O ser humano é antes de tudo um ser fundado num encontro primordial: Deus, ou seja, com o seu Criador. Desse encontro primeiro vive e desenvolve todas as outras relações: consigo mesmo, com os outros, com a criação. Assim a pessoa, embora seja reconhecido como criatura que se sobressai entre todas as outras, não está isolado e em certo sentido fechado sobre si mesmo, como acontecia nas visões antropológicas do tempo.<sup>284</sup> Antes, é aberto e vitalmente integrado ao todo da criação, que indicam a presença de seu Criador e se referem a Ele com todo o seu ser. Assim, longe de se inclinar sobre si mesmo, é aberto e disponível ao mundo.

Ao olhar o Cântico das Criaturas, Francisco reproduz a sua experiência e a sua visão unitária e global da realidade, onde Deus, o homem e todas as criaturas que habitam o espaço criado são percebidos e vividos numa profunda síntese espiritual. Deste modo, o homem é chamado a viver e realizar a sua humanidade orientada para Deus e, ao mesmo tempo, levando consigo todas as criaturas, as suas “irmãs”, num só canto de louvor e de gratidão. Na cosmovisão franciscana, a pessoa humana está essencialmente em uma relação dinâmica. O homem, por si mesmo, é um ser projetado, aberto, declarado e vinculado. Num processo concêntrico e progressivamente expansivo e comunicativo, o homem vive e se realiza na relação consigo mesmo, com os outros, com a história, o mundo, a natureza e Deus.

Essencialmente “a pessoa humana, na perspectiva franciscana, é uma realidade relacional”.<sup>285</sup> Todo ser humano é relação, ou seja, “a pessoa franciscana não se explica nem se

---

<sup>282</sup> MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez. *Manual de filosofia franciscana*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 182.

<sup>283</sup> MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez. *Manual de filosofia franciscana*, p. 221.

<sup>284</sup> Como, por exemplo, o pensamento Agostiniano que é um convite a "entrar em si mesmo" - porque no interior de si está a verdade e a verdadeira vida.

<sup>285</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. *Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana*, p. 44.

realiza sem o outro e sem os outros com os quais forma comunidade que, em linguagem própria, se chama fraternidade”.<sup>286</sup>

Ao franciscano não cabem temporariamente sequer nem a identificação ontológica e panteísta nem a confusão psicológica e social. Ele tem uma intuição especial para viver sua vida *em*, dirigir-se *para*, ser *para* e estar *com*. O franciscano sente-se em tensão por superar-se incessantemente, pois nunca se vê acabado. É um peregrino que fraterniza com tudo o que o acompanha em sua viagem existencial, mas ao mesmo tempo está em atitude de despedida de dependências e de freios paralisantes que aparecem em seu itinerário vital. Necessita do encontro com o outro, com a natureza, com a comunidade e com Deus, porque através dessa relação pessoal ele se humaniza, humaniza os outros e humaniza o mundo. O franciscano está muito longe das antropologias da incomunicabilidade e de ser uma Robinson da existência, como tampouco um ser uno e empastado em si mesmo, mas é um ser-aberto aos demais e que se manifesta vital e afetivamente na vida quotidiana, no mundo social, no habitar no mundo e em sua abertura à transcendência.<sup>287</sup>

Só é possível viver uma vida de fraternidade, ou pode se dizer, uma vida social saudável, quando se torna aberto e disponível. A abertura gera mudança, transformação. Uma mudança que nos tira da zona de conforto e conformismo, pois esta tem a capacidade de levar para além de si mesmo. Ter audácia de Francisco requer abertura de si mesmo, deixar-se conhecer a partir do Outro. Apenas o Outro é capaz de mudar e transformar a si. Um Outro que atribula a sua miséria, aquilo que mais se rejeita em si mesmo. O Outro que tem essa capacidade os leva para além de si mesmo. O confronto gerado no encontro sempre tirará da zona de conforto e faz com que se tenha atitude de transformação.

A fraternidade nos abre o horizonte para compreender o outro com uma nova possibilidade, nem servo, nem senhor, nem escravo, nem inimigo, nem superior e nem inferior, mas irmão. Essa raiz antropológica de um cosmopolitismo universal é muito importante.<sup>288</sup>

O encontro no olhar franciscano é compreender a dimensão do ser irmão, pois, a partir disso se vai em direção do outro, como filho do mesmo Pai, por isso, que o outro não será simplesmente olhado como um inimigo, escravo ou alguém que precisa ser vencido como um rival a ser detonado. Na condição de ser visto e reconhecido como filho do mesmo Pai, todo ser humano é reconstituído na qualidade de irmão. “O amor do homem pelo homem traduz em ato de culto para com Deus: quem ama o próprio irmão cumpre a lei”.<sup>289</sup> Neste sentido a fraternidade só terá sua autenticidade quando se aceita Deus como pai e o homem como irmão.

<sup>286</sup> MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez. *Manual de filosofia franciscana*, p. 221.

<sup>287</sup> MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez. *Manual de filosofia franciscana*, p. 221.

<sup>288</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. *Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana*, p. 54.

<sup>289</sup> ZAVALLONI, Roberto. *A personalidade de Francisco de Assis. Estudos psicológicos*, p. 31.

## Segundo Zavalloni, sobre a antropologia de Francisco:

A antropologia de Francisco está vinculada a salvaguarda do primário relacionamento com Deus [...] Salvaguardada a relação criatural, ôntica e ética com Deus, a pessoa humana é galgada a uma situação existencial de valor “sublime”, a um primado axiológico teoantropológico e elevado, feito de liberdade de consciência e suma relação humana, de amor gratuito e sem limite.<sup>290</sup>

A convicção de uma fraternidade, de fato, é um princípio ético franciscano muito forte é onde se fundamenta praticamente todo carisma franciscano. Na relação e no encontro com os outros revela-se aquilo que são e o projeto de Deus para o mundo.

A capacidade de se sentir afetado pelo outro, de se envolver em sua vida sem possuí-lo ou humilhá-lo, são os conteúdos normativos de toda relação fraterna. A prioridade do cuidado estar próximo, promove uma nova forma de viver as relações interpessoais, que renuncia a todas as formas de poder e dominação, reduzindo o outro a um objeto sem história nem sentimentos. Admitir a prioridade do cuidado torna todo encontro humano valioso e possível a convivência.

Deve-se recordar que primordialmente o franciscano é fraterno pela experiência da fraternidade com o leproso. Desse modo, a fraternidade universal e cósmica é vivida a partir da vivência fraterna com o rosto do outro (Leproso) que incomoda o sujeito (Francisco) causando-lhe dor, pelo desamparo e vulnerabilidade do rosto, dor que é expressa como responsabilidade e uma tomada de controle do rosto revelado. Assim, o rosto do outro irrompe e deixa sua marca na sensibilidade passiva de Francisco antes que ele o escolha. Deixa a sua marca como um grito que o individualiza e ao mesmo tempo exige que se responsabilize e responda à sua vulnerabilidade. Desse modo, se nota que o encontro com outro é um princípio fundante e ético no carisma franciscano.

O pensamento franciscano “é um olhar para além do que está dado, do que está estabelecido, é quase como uma saudade do que podemos ser para muito além daquilo que já tenhamos sido”.<sup>291</sup> A procura do viver essa cultura do encontro na perspectiva franciscana é ser presença relacional com todas as criaturas. Em função disso que o Cântico do Irmão Sol além de ser uma expressão religiosa ou até mesmo poética, é também “um grande conteúdo antropológico e um maravilhoso comportamento existencial de estar no mundo e de viver com as coisas, comportamento válido e aconselhável para todos os homens em um momento em que a irmã natureza se encontra tão ameaçada”.<sup>292</sup>

<sup>290</sup> ZAVALLONI, Roberto. *A personalidade de Francisco de Assis. Estudos psicológicos*, p. 32.

<sup>291</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. *Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana*, p. 44.

<sup>292</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 227

E dentro dessa concepção cósmica do franciscanismo há também a dimensão puramente antropológica que neste mesmo cântico do irmão Sol, o carisma franciscano, tem o desafio de demonstrar o jeito de encontrar-se com a morte, até porque esta é uma dimensão da vida, e o franciscano é um constante encontrar-se com a vida. Pois a vida tem um sentido inaugural e remete a pessoa humana sempre a descobrir esse inédito que a vida sempre apresenta. Por isso, o franciscano:

Tampouco tem medo diante da morte, porque também ela faz parte da vida. E, ao praticar a *ars vivendi*, se alcança também a *ars moriendi*. Atitudes existenciais que motivam o franciscano a celebrar a existência como graça e como dom. Ele procura ser um *homo viator* e viver com a esperança de que o é ainda hoje.<sup>293</sup>

Rodrigues afirma: “Deus coabita o mundo, embora não se confunda com o mundo criado, permite um tipo diferente de relação que não é mais fundada no medo, no abandono e no temor”.<sup>294</sup> Mas uma relação concreta de amor, que se manifesta em cada ser, em cada realidade que se apresenta no mundo. “Deus não está preso na realidade imanente, mas tudo o que existe reflete, em grau maior ou menor, a sua presença, a sua grandeza e o seu amor”.<sup>295</sup>

Na cultura do encontro sob o olhar franciscano, é possível dizer como Merino,

Deus é tampouco o totalmente outro, tal como o apresenta a análise hegeliana. [...] No franciscanismo, esse Outro se converte em Presença total e tem lugar no encontro, na acolhida e no diálogo, dando-se numa reciprocidade de vocação e invocação, de chamado e de resposta, de comunhão entre Deus e o homem.<sup>296</sup>

O jeito franciscano de ser, como dito no início, é imprescindível não ser de relações, de encontros. O outro é visto como sujeito, com um ser, criatura de Deus, dotado de dons e capacidades. Não é um objeto a ser usufruído, mas sim, respeitado e valorizado com a dignidade de ser irmão, portanto, reconhecido como filho de Deus. No encontro, o franciscano, se completa, se constitui, pois este não é ser isolado, como uma ilha, ao contrário, é um ser de fraternidade, de comunidade, ou seja, na diversidade e pluralidade se faz um. Nos encontros a unidade se faz comum, transformando-os em irmãos e irmãs.

### 3.3 A CULTURA DO ENCONTRO NA PERSPECTIVA DE OUTRO FRANCISCO

<sup>293</sup> MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez. *Manual de filosofia franciscana*, p. 222.

<sup>294</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. *Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana*, p. 53.

<sup>295</sup> RODRIGUES, Ricardo Antonio. *Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana*, p. 52.

<sup>296</sup> MERINO, J. Antônio. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*, p. 157.

Depois de tantos encontros e desencontros vividos, o *Poverello* encontrou a maturidade humana e a graça do Senhor. E para isso “não devemos perder a capacidade da escuta. São Francisco ‘escutou a voz de Deus, escutou a voz dos pobres, escutou a voz do enfermo, escutou a voz da natureza. E transformou tudo isso em um estilo de vida’”.<sup>297</sup> Num estilo de vida que transformou não só a sua vida, como foi capaz de trazer para a humanidade um novo jeito de viver, inspirados nos valores do evangelho. O convite é: “renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar”.<sup>298</sup>

Para encerrar a pesquisa apresentar-se-á algumas provocações para uma cultura do encontro. Tendo em vista todo o percurso realizado sobre os encontros de Francisco de Assis, procura-se-á sob a ótica do Papa Francisco, em se tratar do seu santo onomástico e que ao mesmo tempo está insistindo sobre esta cultura em seus documentos, se apresentará elementos a partir de algumas encíclicas já publicadas.

Na primeira exortação apostólica pós-sinodal, *Evangelli Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual se percebe algumas dessas indicações do sucessor de Pedro para a cultura do encontro. Logo, no início há uma referência do seu antecessor, Bento XVI sobre a importância do encontro primordial do cristão.

Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.”<sup>299</sup>

Esta referência é mencionada novamente na exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*, direcionada aos jovens e a todo povo de Deus. Sendo assim, se nota a ênfase e a importância de que o centro de tudo nos encontros é o encontro com o Senhor. A partir do encontro com o Senhor, obviamente implicará em consequências que resultam em posturas e atitudes que sejam de acordo com este acontecimento. Contudo, é necessário sempre procurar e cultivar esse encontro para que não sejam perdidos os laços criados. Nos encontros com o Senhor é que se terá o modelo para os encontros com os irmãos.

---

<sup>297</sup> FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti* (Sobre a fraternidade e a amizade social). São Paulo: Paulus, 2020, n. 48

<sup>298</sup> FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelli Gaudim* (Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual). São Paulo: Paulinas, 2013, n. 3

<sup>299</sup> EG 7; FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*. São Paulo: Paulinas, 2019, n. 129.

Quando um encontro com Deus se chama *éxtasis* é porque nos tira de nós mesmos e nos eleva, cativados pelo amor e a beleza de Deus. Mas também podemos ser tirados de nós mesmos para reconhecer a beleza escondida em cada ser humano, a sua dignidade, a sua grandeza como imagem de Deus e filho do Pai. O Espírito Santo quer nos impulsionar para que saíamos de nós mesmos, para abraçar os outros com o amor e busquemos o seu bem (CV 164).

Aliás, um verdadeiro encontro com Deus, senão repercutir nos encontros com os irmãos, de modo especial, aqueles que mais necessitam, o encontro primeiro não foi um autêntico encontro.

O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus, a ponto de se dizer, de quem não ama o irmão, que “está nas trevas e nas trevas caminha” (1Jo 2, 11), “permanece na morte” (1Jo 3, 14) e “não chegou a conhecer a Deus” (1Jo 4, 8). Bento XVI disse que “fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus”, e que o amor é fundamentalmente a única luz que “ilumina incessantemente um mundo às escuras e nos dá a coragem de viver e agir”. Portanto, quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus. [...] Não se vive melhor fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade. Isto não é senão um lento suicídio (EG 272).

Ao discorrer sobre cultura, Papa Francisco reforça que é aquilo que dá identidade a um povo. Um formato de estilo de vida. Assim escreve na encíclica *Fratelli Tutti*:

A palavra “cultura” indica algo que penetrou no povo, nas suas convicções mais profundas e no seu estilo de vida. Quando falamos duma “cultura” no povo, trata-se de algo mais que uma ideia ou uma abstração; inclui as aspirações, o entusiasmo e, em última análise, um modo de viver que caracteriza aquele grupo humano (FT 216).

Por não se tratar de simplesmente uma ideia, mas uma forte relação de identidade própria, que atribui características e revela um jeito de comportamento e costumes de um grupo de pessoas, que é necessário urgentemente transformar os bons hábitos e costumes numa cultura de encontro. Por isso que,

É hora de saber como projetar, numa cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos, mas sem a separá-la da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões. O autor principal, o sujeito histórico deste processo, é a gente e a sua cultura, não uma classe, uma fração, um grupo, uma elite. Não precisamos de um projeto de poucos para poucos, ou de uma minoria esclarecida ou testemunhal que se aproprie de um sentimento coletivo. Trata-se de um acordo para viver juntos, de um pacto social e cultural (EG 239).

Este é o desafio de viver este pacto por uma transformação social e cultural. Não é possível conformar-se com uma cultura da indiferença ou até mesmo em termos de redes sociais, de uma cultura de cancelamento ou exclusão. Ou seja, se uma pessoa tem pensamentos, ou conceitos que não são compatíveis com a outra, esta é simplesmente cancelada, excluída da lista de amigos, da página da rede social. É preciso mudar esta forma de comportamento.

Quando Papa Francisco discorre sobre a cultura do encontro, salienta para notar que:

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada (EG 87).

Esta preocupação leva a refletir que é necessário pensar humanamente as relações, e para isso é preciso sair de si mesmo para se unir aos outros e fazer bem, como já dito em outras ocasiões, até porque “fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos” (EG 87).

Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. Porque, assim como alguns quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz, também se pretendem relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por ecrãs e sistemas que se podem acender e apagar à vontade. Entretanto o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG 88).

Com relação a esta provocação do evangelho que nos chama a ir ao encontro com o rosto do outro, se percebe que Jesus instiga de modo especial de estarmos juntos daqueles que sofrem, daqueles que são diferentes, pois essas são as figuras que nos interpelam, nos fazem sair do ambiente de conforto e motivam a sempre estarmos em busca de vida em abundância para todos. O evangelho é que ensina a ser assim, da mesma forma Francisco de Assis. Foi a partir do evangelho que ele encontrou como viver o seguimento de Cristo e onde o Papa Francisco também, procura espelhar a proposta da cultura do encontro.

Nas sombras de um mundo fechado,<sup>300</sup> diz Papa Francisco na recente encíclica, *Fratelli Tutti*, num contexto social dos dias atuais no âmbito das relações humanas se nota um grande

---

<sup>300</sup> Cf. FT 9



fechamento tanto individual como coletivo. Embora a sociedade tenha tido grandes avanços tecnológicos tornando as pessoas próximas umas às outras mesmo na distância, por vezes parece estarem longes, não permitindo um real encontro de reciprocidade e abertura. O próprio Bento XVI escreve na encíclica *Caritas in Veritate* “a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos”.<sup>301</sup>

No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia doutros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onnipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco. Esta desilusão, que deixa para trás os grandes valores fraternos, conduz “a uma espécie de cinismo. Esta é a tentação que temos diante de nós, se formos por este caminho do desengano ou da desilusão. (...) O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim” (FT 30).

Em um contexto destas sombras de um mundo fechado,<sup>302</sup> com sonhos desfeitos, onde o descarte é privilegiado, os direitos humanos não são suficientemente universais e no meio de tudo surge o conflito e o medo, devido a uma globalização e progresso sem um rumo comum, influenciados por uma ilusão da comunicação, todos fechados e isolados que partem para uma agressividade despudorada sem se importar com outro, o que prevalece é um hedonismo egoísta, no meio de toda essa realidade é um desafio vivenciar a fraternidade a partir do evangelho, forma de vida esta inspirada em Francisco de Assis. Contudo, é sinal de esperança sonhar “com uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos dessa mesma terra que nos abriga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos” (FT 8).

Papa Francisco na Fratelli Tutti, ao discorrer sobre dois personagens no capítulo dois, sobre “um estranho no caminho”, o sacerdote e o levita, da parábola do Bom Samaritano diz que há maneiras de viver a fé que facilitam a abertura do coração aos irmãos, e consequentemente essa abertura será também a Deus, e para explicitar essa condição ele cita São João Crisóstomo: “Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm o que vestir, nem o honres aqui no templo

<sup>301</sup> BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. Vaticano: 2009. In: [www.vatican.va](http://www.vatican.va), n. 19.

<sup>302</sup> Cf. FT 9-55

com vestes de seda, enquanto lá fora o abandonas ao frio e à nudez”.<sup>303</sup> E sobre esta parábola do bom samaritano é possível afirmar:

A parábola do Bom Samaritano o ícone de uma comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro, por meio da qual derramamos sobre as feridas o azeite perfumado pela solidariedade na dor e o vinho da alegria pela realização da partilha. Essa cultura do encontro é o “sim” característico da potência afirmativa que precede os necessários “nãos” dirigidos aos mecanismos de morte que se opõem às diversas formas de vida.<sup>304</sup>

Isto significa afirmar que jamais deveremos desconsiderar, excluir o outro, ainda mais por sua condição de vida, caso acontecer, estaria desconsiderando, excluindo o próprio Cristo. Aquele que deseja tornar-se seguidor do Cristo, precisa deixar-se encontrar, acolher o irmão, de modo especial o pobre.

Ser irmão consiste também em estar a serviço do outro, porém, para que isso ocorra é necessário se desprender daquilo que não permite estar aberto ao outro. As formas de destaques, de maioridade, superioridade impedem de ir ao encontro do outro com abertura, pois a preocupação estará voltada para os privilégios e o medo de perder esse *status quo* não permite que se mantenha um encontro de pura alteridade.

Ainda na encíclica Fratelli Tutti, Papa Francisco registra, no início da carta, sobre um dos conselhos que o Santo de Assis oferecia, que é sobre “um amor que ultrapassa barreiras da geografia e do espaço, nele declara feliz quem ama o outro, ‘o seu irmão, tanto quanto está longe, como quando está junto de si’” (FT 1), e mais continua na carta encíclica, é “o essencial de uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas” (FT 1).

Na viagem apostólica aos Emirados Árabes Unidos, no prefácio do documento sobre a fraternidade humana, está escrito:

a fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres”.<sup>305</sup>

<sup>303</sup> FT 74. Apud Homiliae in Matthaeum, 50, 3-4: PG 58, 508.

<sup>304</sup> OTTAVIANI, Edelcio. Por uma cultura do encontro: uma reflexão à luz da mensagem do Papa Francisco por ocasião do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. *Revista de cultura teológica* [revista eletrônica]. n. 84, jul/dez, 2014, ano XXII, p. 364

<sup>305</sup> DOCUMENTO SOBRE A FRATERNIDADE HUMANA EM PROL DA PAZ MUNDIAL E DA CONVIVÊNCIA COMUM – acesso: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html) > acessado em 06 de março de 2021 as 8h51min.

De certa forma a *Evangelii Gaudium*, aponta para esta experiência do encontro, pois uma autêntica comunidade missionária se dirige ao encontro, toma iniciativa, assim como o Senhor tomou iniciativas, “ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (EG 24). Inclusive chama para serem ousados em tomar mais a iniciativa de ir em direção ao outro.

É importante ressaltar também, que na dinâmica da vida espiritual se cultiva este encontro com Deus, uma espiritualidade em que se vivencia profundamente a contemplação, contudo essa vivencia se concretiza na prática cotidiana, isto é, aquilo que se reza, se vive.

Não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço. Tudo pode ser recebido e integrado como parte da própria vida neste mundo, entrando a fazer parte do caminho de santificação. Somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão.<sup>306</sup>

Também na *Gaudete et Exsultate*, sobre o chamado à santidade no mundo atual, o Papa Francisco expressa sua preocupação com a cultura do encontro. Uma vida de oração, de constantes encontro com o Senhor é preciso que se transforme em encontros cotidiano, encontros reais. Por isso que é importante, que a partir dos encontros com o Senhor possam suscitar um interesse pelo outro. Inclusive na exortação pós-sinodal das juventudes, tem um elemento em que se acentua essa questão.

Acontece em alguns lugares que, depois de ter provocado nos jovens uma experiência intensa de Deus, um encontro com Jesus que tocou o seu coração, propõe-lhes encontros de “formação” onde se abordam apenas questões doutrinárias e morais: sobre os males do mundo atual, sobre a Igreja, a doutrina social, sobre a castidade, o matrimônio, o controle da natalidade e sobre outros temas. Resultado: muitos jovens aborrecem-se, perdem o fogo do encontro com Cristo e a alegria de O seguir, muitos abandonam o caminho e outros ficam tristes e negativos. Acalmemos a ânsia de transmitir uma grande quantidade de conteúdos doutrinários e procuremos, antes de mais nada, suscitar e enraizar as grandes experiências que sustentam a vida cristã. Como dizia Romano Guardini, “na experiência dum grande amor (...), tudo o que acontece se transforma num episódio interno àquela” (CV 212).

A dimensão kerigmática nos encontros é considerado eminente, quando se refere à experiência do encontro com o Mistério, pois a partir desta dimensão a possibilidade de consolidar e arraigar na vida pessoal é de maior garantia. E o resultado desse enraizamento provocado pelo trabalho kerigmático realizado, com certeza se dará em outras dimensões sociais da vida.

---

<sup>306</sup> FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (Sobre o chamado à santidade no mundo atual). São Paulo: Paulus, 2018, n. 26.

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida”. Já várias vezes convidei a fazer crescer uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque “o todo é superior à parte”. O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças. Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspetos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes (FT 215).

A cultura do encontro é responsável por gerar proximidades, relações. Mas, sabe-se que nas proximidades e relações entre pessoas, há diversidades, formas de pensar diferentes que por vezes levam à divergências e conflitos. Por isto,

Quando se consegue encontrar pontos coincidentes no meio de tantas divergências e, com esforço artesanal e por vezes fadigoso, lançar pontes, construir uma paz que seja boa para todos, isso é o milagre da cultura do encontro que os jovens podem ousar viver com paixão (CV 169).

Esta afirmação apresentada na encíclica aos jovens, vem a agregar e fortalecer a importância da cultura do encontro. Cultivar os encontros em meios aos conflitos e dificuldades é enriquecedor para as relações humanas. Porém, a procura pelos encontros nestas diversidades não é algo simples a ser conquistado e vivido, sobretudo, em meio as polarizações, onde os extremismos das opiniões impedem de o outro expressar o contrário. Contudo, é necessário buscar em meio a essas divergências uma postura de diálogo e respeito.

A paz social é laboriosa, artesanal. Seria mais fácil conter as liberdades e as diferenças com um pouco de astúcia e algumas compensações; mas esta paz seria superficial e frágil, não o fruto duma cultura do encontro que a sustente. Integrar as realidades diferentes é muito mais difícil e lento, embora seja a garantia duma paz real e sólida. Isto não se consegue agrupando só os puros, porque “até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros, têm algo a oferecer que não se deve perder”. Nem consiste numa paz que surja acalmando as reivindicações sociais ou impedindo-as de criar confusão, pois não é “um consenso de escritório nem uma paz efêmera para uma feliz minoria”. O que conta é gerar *processos* de encontro, processos que possam construir um povo capaz de recolher as diferenças. Armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Ensinemos-lhes a boa batalha do encontro! (FT 217).

Mais do que nunca é necessário ultrapassar os obstáculos para desenvolver uma cultura do encontro para juntos construir a paz social, onde em todos os espaços da sociedade, isto é, na política, na economia, na religião, se coloque o ser humano como um ser em busca da dignidade e também o respeito pelo bem comum. Que essa procura pelos encontros que geram

uma vivência do Reino aqui e agora possam ser primordiais, longe assim de tantas discórdias, divisões, desrespeitos, longes de uma cultura do “cancelamento”.

Isso também inclui os momentos mais duros, que devem ser vividos a fundo para chegar a aprender sua mensagem. Como ensinam os suíços, “Ele está ali onde pensávamos que nos havia abandonado e que já não havia salvação alguma. É um paradoxo, mas o sofrimento, as trevas se transformaram para muitos cristãos, (...) em lugares de encontro com Deus” (CV 149).

Nos confrontos, nas situações de grandes divergências, possamos compreender que o bom também se encontra na cruz. Afinal ela resultou em um grande alegre encontro, a ressurreição. O “descobrir, mostrar e realçar esta beleza, que lembra a de Cristo na cruz, é colocar as bases da verdadeira solidariedade social e da cultura do encontro” (CV 183). Para concluir este capítulo, é apresentado o que Para Francisco escreve na *Fratelli Tutti*:

Peço a Deus que “prepare os nossos corações para o encontro com os irmãos independentemente das diferenças de ideias, língua, cultura, religião; que unja todo o nosso ser com o óleo da sua misericórdia que cura as feridas dos erros, das incompreensões, das controvérsias; [peço] a graça que nos envie, com humildade e mansidão, pelas sendas desafiadoras, mas fecundas da busca da paz” (FT 254).

Diante das provocações realizadas pelo Papa Francisco, como é notável, em quase todos os documentos por ele lançado há alguns parágrafos que são dirigidos para uma cultura o encontro. De fato, é pertinente cada vez mais ampliar a reflexão acerca desta cultura, onde a sociedade está assolada por uma falta de empatia nas relações. O aproximar do outro, provocar um diálogo, favorece para autoconhecimento, bem como conhecer o outro em suas potencialidades e fragilidades, sem o julgamento. Isto favorece para formar uma sociedade em plena comunhão com o Criador. Eis o desafio lançado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de perceber nos encontros de Francisco de Assis uma proposta de vida para uma cultura do encontro. E para isto se utilizou de recursos que favorecessem na construção do mesmo. Por isto, refletir sobre os encontros de Francisco foi inerente na elaboração desta dissertação. Para assim, redescobrir na história de um personagem que marcou e marca ainda hoje, não só a Igreja como toda sociedade pela forma como entendeu e compreendeu a vida. De fato, isto é, um incentivo e uma motivação para dar continuidade em contextos atuais.

Sabe-se que o individualismo se alastra de uma forma intensa, prejudicando as inter-relações. E viver essa onda neoliberal, carregada deste sistema do individualismo, é viver a amargura narrada por Francisco de Assis, um sentimento que por sua vez pode até causar uma saciedade, contudo, se trata de uma saciedade do egoísmo, de preencher um vazio que continuará vazio. Um vazio que acarreta como consequência uma vida solitária e sem encontros. Só se consegue viver uma vida de fraternidade, ou pode-se afirmar, uma vida de encontros, quando se torna aberto e disponível. A abertura gera mudança e transformação. Uma mudança que tira da zona de conforto e conformismo, pois esta tem a capacidade de levar para além de si mesmo. Para ter audácia do *Poverello* de Assis se requer abertura de si mesmo, deixar-se encontrar pelo outro e o Grande Outro.

A proposta de Francisco não era exatamente uma transformação nas estruturas sociais de sua época, contudo, a partir do que começou a realizar foi transformando a mentalidade das pessoas de sua sociedade, e conseqüentemente o ambiente, por meio das pessoas, foi sendo transformada também a realidade social. A intenção dele parece ser muito mais um movimento religioso, do que tratar sobre as questões de injustiça social. Na realidade o que procurava era estar livre das complicações econômicas de sua época, para ser apenas um irmão em meio a todas as esferas de seu contexto. O jeito abraçado na sua forma de vida foi incidindo na sociedade e fazendo outros se questionarem e procurar uma mudança.

E foi desta forma, se lançando a um caminho que tinha como inspiração o evangelho e o seguimento do Cristo que fez o santo de Assis descobrir-se como um irmão menor. Contudo, se tratou de um processo não tão simples, mas doloroso, obviamente, porém no desconforto, no

medo, não se cansou de ir ao encontro dos outros para conhecer-se melhor e a partir dos outros perceber a necessidade em tantas outras pessoas.

A reflexão acerca dos encontros vividos pelo santo de Assis, levou a uma análise dos seus encontros, ou seja, discernir os encontros de Francisco, a partir de elementos antropológicos e também cristológicos. Francisco, foi um ser humano, com sonhos, utopias, idealizações que fez acontecer a proposta do Reino de Deus. Com desafio de encontrar no outro, também um ser humano, criatura de Deus, como um irmão, que merecia ser visto dentro da sua dignidade, com respeito e valor. Para isso foi necessário se colocar aberto ao encontro do outro, pois soube ele que o fechamento é o veneno que impede a construção do projeto do Pai. Com a abertura tida por ele, se notou que o encontro transforma, e que “aquilo que era amargo se torna em doçura do corpo e da alma”.<sup>307</sup> O homem, pois, é uma realidade em conjunto com outras realidades e só na abertura e comunicação com estas realidades pode realizar-se e chegar a ser ele mesmo. Desta forma é possível dizer que o ser humano é um ser essencialmente em relação, no encontro para com o outro, com o qual ele cria fraternidade, pois sem esse outro ele não se realiza, não se completa.

Não é possível escrever sobre essa figura emblemática, e não discorrer sobre a dimensão cristológica. Um dos grandes encontros vividos por ele foi com o Cristo da cruz de São Damião, bem com o próprio Evangelho. Ou seja, o seguimento dele foi eminentemente nas pegadas de Cristo, a *sequela Christi*. No encontro com Cristo, descobriu que o Cristo se faz presente no pobre, no leproso e compreendendo essa experiência, teve a capacidade de se esvaziar, rebaixar-se para se colocar junto com.

A partir desses elementos é perceptível que o franciscanismo, no seu vasto jeito de repercutir, sobretudo, na forma de agir e comportar no meio eclesial e social, tem um humanismo não na perspectiva religiosa, porém nas dimensões cultural e social, e que influencia de certa forma nas repercussões políticas, pois o franciscano se sente ligado fortemente com Deus, com o homem, com a sociedade e com a história como um todo. E o ser humano está intimamente ligado com essas dimensões, do divino, do outro, da sociedade, natureza e da história, devido a isso, deve estar em constante procura pelo encontro em todas as dimensões para poder se constituir como ser.

E finalmente, um olhar especial para a cultura do encontro. É visto no primeiro momento o encontro sob a perspectiva da alteridade. Um conceito muito latente para desenvolver o que compete às relações humanas. Alteridade, é uma proposta ética no campo filosófico que emerge

---

<sup>307</sup> Test 3

para a valorização do outro. O outro é aquilo que é e nada mais, acredita-se que na cultura do encontro este é um elemento muito perspicaz, até porque na dissertação se fala muito no ser e estar aberto para os encontros, isto é, sem barreiras e alimentar a empatia nas relações, se colocar no lugar do outro para compreender a ele e a si mesmo. Ao compreender essa dimensão da alteridade nos encontros, se avança para os encontros na perspectiva franciscana. Se enfatiza que o ser franciscano no encontro, se trata de uma relação como verdadeiro irmão mais do que simplesmente um ser próximo. A procura por vivenciar e acolher o outro de forma fraterna, é para manifestar que no encontro, o outro é o transmissor pelo qual Deus também comunica. Por fim, refletiu-se as propostas do Papa Francisco um dos que mais insiste na cultura do encontro, de fato, faz jus a escolha feita pelo onomástico São Francisco de Assis. São citados alguns documentos em que o Papa traz à tona a importância de fortalecer e desenvolver a cultura do encontro em nossa sociedade. Toda a vida do ser humano é feita de encontros e por isso ela deve ser entendida, explicada e compreendida a partir dos encontros. Importante frisar que a relação do franciscano a partir do encontro, muito mais que conceitos, ela é afetiva.

Parafraseando Merino em seu texto sobre o humanismo franciscano, o encontro de Francisco com Deus gerou uma relação sincera, profunda e libertadora; no encontro com o ser humano apresentou a dimensão da fraternidade, de paz e libertação; no encontro com o mundo mostrou a confraternização cósmica, o respeito pelas coisas; no encontro consigo mesmo estimulou a capacidade de criar as próprias virtualidades e a confiança no poder de si mesmo, e no encontro com a história, deixou o legado de respeitar o presente com seus valores culturais, promover a criatividade por uma cultura do amor, da liberdade e da promoção humana.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCROCCA, Felice. Francisco y el crucifijo de San Damián. *Selecciones de Franciscanismo*. n.113, v. 38, fasc. II, p. 163-210, 2009.

ALVES, Marcos Alexandre. Sabedoria do amor: em defesa de uma ética da hospitalidade. DEJEANNE, Solange de Moraes; MUNARO, Valdemar Antonio (Orgs.) *Antropologia e Cosmovisão Franciscana* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Ed. Fi, 2020

ARREGI, José. La oración ante el crucifijo de San Damián. Relectura para una “nueva” espiritualidad. *Selecciones de Franciscanismo*, n. 115, Vol. 34, fasc. I, p. 65-85, 2010.

ASSELDONK, Optato Van. *O crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco*. Petrópolis: CEFEPAL, 1989.

BASETTI-SANI, G. Francisco de Assis: a crise da igreja pelos fins do século XII, princípios do século XIII. In. *Concilium*, v. 4, fasc 37. Petrópolis: Vozes, 1968

\_\_\_\_\_. Sarracenos. In. Movimento Franciscano Assis. *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: CEFEPAL; Vozes, 1999.

BEER, F. São Francisco e o Islão. In: *Concilium*. V. 17, fasc 169. Petrópolis: Vozes, 1982.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. Vaticano: 2009. In: [www.vatican.va](http://www.vatican.va)

BERKENBROCK, V. A atitude franciscana e o diálogo inter-religioso. In: MOREIRA, A.S. (Org.) *Herança Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BÓRMIDA, Jerônimo. *A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV*. Porto Alegre: EST, 1997.

BORTOLINI, José. *A carta aos Filipenses – o Evangelho encarnado*. São Paulo: Paulinas, 1991

CORRIVEAU, John. Carta Circular nº 10, dezembro de 1996. Mensagem para o santo natal. Protocolo 01023/96, Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 1996.

CONCÍLIO VATICANO II. *Perfectae Caritatis*. Decreto do Concílio Vaticano II sobre o a atualização dos religiosos. Petrópolis: Vozes, 1982.

CONSTITUIÇÕES DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS. *Constituição da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e ordenações dos capítulos gerais: com a regra e o testamento de São Francisco*. Porto Alegre: ESTEF, 2014.

CROCOLI, Aldir. *A conversão de Francisco de Assis: sequência cronológica e sentido dos fatos*. Porto Alegre: ESTEF, 2017.

\_\_\_\_\_. *A herança de Francisco de Assis. Leitura do seu Testamento*. Porto Alegre: ESTEF, 2015.

\_\_\_\_\_. Cântico do irmão sol. Uma leitura antropológica. *Cadernos da ESTEF*. n. 60, v. p. 2018/1.

\_\_\_\_\_. Francisco entre os muçulmanos: quais seus objetivos e seu êxito? *Cadernos da ESTEF*. n. 63, v. 2, p. 37-54, 2019.

DIZIONÁRIO FRANCESCANO. Spiritualità. Edizioni Messaggero Padova, 1983

DOCUMENTO SOBRE A FRATERNIDADE HUMANA EM PROL DA PAZ MUNDIAL E DA CONVIVÊNCIA COMUM – acesso: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa->

francesco\_20190204\_documento-fratellanza-umana.html > acessado em 06 de março de 2021 as 8h51min.

DUQOC, CH. *Cristologia – ensaio dogmático I. O homem Jesus*. São Paulo: Loyola, 1980.

ENGLEBERT, Omer. *Vida de São Francisco de Assis*. Porto Alegre: EST, 2004.

FERNANDES, Fátima Regina. Cruzadas na Idade Média. In: MAGNOLI, D. *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006

FLOOD, David. *Frei Francisco e o movimento franciscano*. trad.: Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis: CEFEPAL, 1986

*FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS*. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti* (Sobre a fraternidade e a amizade social). São Paulo: Paulus, 2020.

\_\_\_\_\_. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual). São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate* (Sobre o chamado à santidade no mundo atual). São Paulo: Paulus, 2018.

\_\_\_\_\_. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*. São Paulo: Paulinas, 2019.

\_\_\_\_\_. Discurso do Santo Padre Francisco. Encontro com os representantes dos meios de comunicação social. Roma, 2013. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130316\\_rappresentanti-media.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html). Acesso em: 23 de abril de 2021.

FRELICH, Arno. São Francisco aos governantes dos povos. *Cadernos da ESTEF*. n. 63, v. 2, 2019.

FRESNEDA, Francisco Martínez. Francisco de Asís, hombre “nuevo”. *Selecciones de Franciscanismo*. v. 38, n. 114, 2009.

FREYER, Johannes B. *Homo viator l'uomo alla luce della storia della salvezza: un'antropologia teologica in prospettiva francescana*. Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 2008.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. Jesus Cristo, nosso redentor – iniciação à cristologia como Soteriologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

HAUBECH, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich. *Nova chave linguística do Novo Testamento Grego. Mateus – Apocalipse*. São Paulo: Targumim; Hagnos, 2009.

IAMMARRONE, Giovanni. *La cristologia francescana. Impulsi per il presente*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1997.

\_\_\_\_\_. La visión del hombre en la Regla bulada de los Hermanos Menores. Integrada con textos de los escritos de San Francisco. *Selecciones de Franciscanismo*. n. 121, v. 42, 2012.

IRIARTE, Lázaro. *Vocação Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1975

KOSER, Constantino. *O pensamento franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004.

LECLERC, Elói. Francisco de Assis - *O retorno ao evangelho*. Petrópolis: CEFEPAL; Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. *O cântico das criaturas ou os símbolos da união*. Petrópolis: Vozes, 1977.

LEVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1982.

LÓPEZ, Sebastian. Cristología de Francisco de Asís. Sus notas principales. *Selecciones de Franciscanismo*. v. 12, n. 34, 1983.

MANSELLI, Raoul. *São Francisco*. Petrópolis: Vozes; FFB, 1997

MAZZUCO, Vitorio. São Damião. *Revista Franciscana*, v. 6, n. 11, 2006.

MENDES, Lenita de Argollo, Da violência cotidiana à paz necessária o movimento franciscano e a paz. *Cadernos da ESTEF*, Porto Alegre. 29/2, p. 53-63, 2002.

MERINO, Antônio. *João Duns Escoto. Introdução ao seu pensamento filosófico-teológico*. Braga: Franciscana, 2008.

\_\_\_\_\_. *Humanismo franciscano – franciscanismo e mundo atual*. Petrópolis: FFB, 1999.

MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez. *Manual de filosofia franciscana*. Petrópolis: Vozes, 2006

\_\_\_\_\_. *Manual de Teologia Franciscana*. Petrópolis: Vozes; FFB, 2005.

MERLO, Grado Giovanni. *Frate Francesco*. Bologna: Ed. Il Mulino, 2017.

OLIVEIRA, Enio Marcos. Francisco de Assis e Malek Al-Kamil um encontro de paz: sobre a abertura dialogal em Francisco de Assis e a influência do encontro com o Sultão em alguns de seus escritos. 2008, 116f. *Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora*, 2008. Disponível em <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3377/1/eniomarcosdeoliveira.pdf>>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

ORDEM DOS FRADES MENORES. *Todos vós sois irmãos*. Roma: Secretaria Geral OFM para a Formação e Estudos, 2004.

OTTAVIANI, Edelcio. Por uma cultura do encontro: uma reflexão à luz da mensagem do Papa Francisco por ocasião do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. *Revista de cultura teológica* [revista eletrônica]. n. 84, jul/dez, 2014.

PEDROSO, José Carlos Correa. *O Crucifixo de São Damião*. São Paulo: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2003.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *Historia da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 2004.

RODRIGUES, Ricardo Antonio. Perspectivas antropológicas e filosóficas da cosmovisão franciscana. DEJEANNE, Solange de Moraes; MUNARO, Valdemar Antonio (Orgs.) *Antropologia e Cosmovisão Franciscana* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Ed. Fi, 2020.

ROTZETTER, Anton. Mística e Seguimento do Evangelho “ad litteram” em São Francisco de Assis. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, n. 169, 1981/9 pp. 70-81.

SABATIER, Paul. *Francisco de Asís*. Barcelona: Ed. Couf, 1986.

SALONIA, Frei Giovanni. *Kairós. Direção espiritual e animação comunitária*. trad.: Frei Sérgio M. Dal Moro. Petrópolis: FFB, 2005.

SANTANER, Marie-Abdon. *Francisco de Assis e de Jesus*. São Paulo: Loyola, 1993.

SILVA, Álvaro Cruz da. *O homem nos escritos de São Francisco de Assis*. Lisboa: Ed. Franciscana, 2014.

SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983.

SUSIN, Luís Carlos. O esquecimento do “outro” na história do continente. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v. 47, fasc. 188, dez, 1987.

\_\_\_\_\_. *Um para outro. A alteridade e a subjetividade na filosofia de Emmanuel Levinas*. (Dissertação mestrado). Pontifícia Gregoriana. Facultas Theologiae. Roma, 1981.

URIBE, Fernando. El proceso vocacional de Francisco de Asís: Los seis encuentros que determinaron su vida. *Selecciones de Franciscanismo*. f.1, v.30, n.88, 2001 pp. 44-69.

ZAVALLONI, Roberto. *A personalidade de Francisco de Assis. Estudo psicológico*. Trad. Frei Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis: Ed.: CEFEPAL, 1993.